

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE FILOSOFIA

VICTOR ANEQUIM GUIMARÃES

**O ALUNO NA SOCIEDADE DO CANSAÇO: UMA PROPOSTA PEDAGÓGICO-
DIDÁTICA PARA OS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO**

Vitória
2025

VICTOR ANEQUIM GUIMARÃES

**O ALUNO NA SOCIEDADE DO CANSAÇO: UMA PROPOSTA PEDAGÓGICO-
DIDÁTICA PARA OS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO**

Dissertação apresentada para o Programa de Mestrado Profissional em Filosofia PROF-FILO, da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Filício Mulinari

**Vitória
2025**

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de
Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

G963a Guimarães, Victor Anequim, 1987-
O aluno na Sociedade do Cansaço: uma proposta pedagógico-
didática para os alunos do Ensino Médio / Victor Anequim
Guimarães. - 2025.
147 p.

Orientador: Filício Mulinari.
Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal
do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Filosofia. 2. Educação - Filosofia. 3. Filosofia (Ensino
médio). 4. Base Nacional Comum Curricular. 5. Prática de
ensino. 6. Professores de filosofia. I. Mulinari, Filício. II.
Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências
Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 101

Victor Anequim Guimarães

**“O ALUNO NA SOCIEDADE DO CANSAÇO: UMA PROPOSTA
PEDAGÓGICO-DIDÁTICA PARA OS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Filosofia do Centro de Ciências Humanas e Naturais, da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Filosofia.

Aprovada em 28 de julho de 2025.

Comissão Examinadora:

 Documento assinado digitalmente
FILICIO MULINARI E SILVA
Data: 01/08/2025 19:21:45-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Filicio Mulinari e Silva (UFES)
Orientador e Presidente da Comissão

 Documento assinado digitalmente
EDSON MACIEL JUNIOR
Data: 30/07/2025 17:16:54-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Edson Maciel Junior (UFES)
Examinador Interno

 Documento assinado digitalmente
DIEMERSON DA COSTA SACCHETTO
Data: 30/07/2025 16:58:04-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Diemerson da Costa Sacchetto (IFES)
Examinador Externo

À minha família, pelo apoio incondicional e compreensão nos momentos de ausência necessários para esta pesquisa.

Aos meus orientadores pela paciência e auxílio em tudo para que eu tenha sucesso.

Aos meus estudantes do Ensino Médio, que diariamente me ensinam sobre resistência, esperança e a beleza do pensamento em construção, tornando este trabalho não somente necessário, mas urgente.

A todos os educadores que, em meio ao cansaço da sociedade contemporânea, ainda acreditam na força transformadora da educação e do pensamento crítico.

AGRADECIMENTOS

Ao longo da construção desta dissertação, contei com o apoio e a contribuição de diversas pessoas e instituições, às quais expresso minha profunda gratidão.

Em primeiro lugar, agradeço imensamente aos meus orientadores, Prof. Dr. Filício Mulinari e Prof. Dr. Antônio Vidal Nunes, pela leitura atenta, pelas provocações intelectuais, pela paciência e pela confiança depositada em meu trabalho. Suas orientações foram fundamentais para o desenvolvimento e a conclusão desta pesquisa.

Meu reconhecimento se estende ao corpo docente e aos colegas do Programa de Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). As aulas, os debates e as trocas de experiências foram essenciais para ampliar meus horizontes e refinar minhas ideias. Agradeço à UFES pela estrutura e pelo ambiente acadêmico proporcionado.

À minha família, meu mais sincero obrigado por todo o amor, compreensão e suporte incondicional em todos os momentos, especialmente naqueles em que o cansaço ameaçava tomar conta. Vocês são minha base e inspiração.

Por fim, agradeço aos estudantes do Ensino Médio, foco central desta pesquisa. Suas vivências, desafios e potencialidades no contexto da sociedade contemporânea foram a principal motivação para este estudo. Espero que este trabalho possa, de alguma forma, contribuir para uma prática educacional mais reflexiva, crítica e atenta às suas necessidades e anseios.

“Hoje o indivíduo se explora e acredita que
isso é realização.” Byung-Chul Han (2017)

RESUMO

Esta pesquisa investiga as repercussões da "Sociedade do Cansaço", conforme conceituada por Byung-Chul Han, sobre os alunos do Ensino Médio brasileiro, inseridos em um contexto digital e neoliberal. Argumenta-se que a transição de uma sociedade disciplinar, focada na negatividade e na coerção externa, para uma sociedade do desempenho, marcada pelo excesso de positividade, pelo imperativo da performance ("Yes, we can") e pela psicopolítica, induz os indivíduos à autoexploração. O estudante contemporâneo, pressionado por resultados, pela competição e pela otimização constante de si como "empresário de si mesmo", torna-se vulnerável a enfermidades neuronais como burnout, depressão e ansiedade. O trabalho analisa como esse cenário, intensificado pelas tecnologias digitais que promovem a hiperconectividade e a superficialidade, configura um paradoxo da liberdade, onde a aparente autonomia mascara novas formas de sujeição. O objetivo central é analisar criticamente essa realidade e propor o ensino de Filosofia como espaço de resistência. Propõe-se que, por meio de uma abordagem pedagógica que valorize a contemplação, a pausa e o pensamento crítico, a Filosofia pode instrumentalizar os alunos a compreenderem e questionarem os mecanismos da sociedade do desempenho. O estudo articula essa proposta com habilidades específicas da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), como EM13CHS101 (análise de fontes), EM13CHS103 (elaboração de argumentos), EM13CHS202 (impactos das tecnologias), EM13CHS401 (relações sociais e tecnologia), EM13CHS404 (transformações do trabalho), EM13CHS503 (identificação de violências) e EM13CHS504 (impasses ético-políticos da tecnologia). A metodologia envolve a análise dos conceitos de Han e sua aplicação ao contexto educacional brasileiro, utilizando a BNCC como referencial para uma prática filosófica engajada. Conclui-se pela urgência de repensar modelos educacionais, contrapondo à aceleração e à produtividade incessante a valorização da negatividade (pausa, reflexão), da alteridade e da autonomia crítica, formando sujeitos capazes de construir um futuro mais humano e menos exaustivo. Como produto desta pesquisa, foi desenvolvido um *e-book* pedagógico intitulado "O Aluno na Sociedade do Cansaço: Uma Proposta

Pedagógico-Didática para o Ensino Médio", que materializa as reflexões teóricas em propostas práticas de intervenção pedagógica. O *e-book* apresenta quatro aulas estruturadas de 60 minutos cada, articulando os conceitos de Han com habilidades específicas da BNCC, oferecendo aos educadores ferramentas concretas para implementar uma pedagogia da negatividade que valorize a contemplação, a reflexão crítica e a resistência aos imperativos da sociedade do desempenho.

Palavras-chave: Sociedade do Cansaço; Ensino de Filosofia; Ensino Médio; BNCC; Byung-Chul Han; Psicopolítica; Neoliberalismo.

ABSTRACT

This research investigates the repercussions of the "Society of Fatigue," as conceptualized by Byung-Chul Han, on Brazilian high school students immersed in a digital and neoliberal context. It argues that the transition from a disciplinary society, focused on negativity and external coercion, to a performance society, marked by an excess of positivity, the performance imperative ("Yes, we can"), and psychopolitics, induces individuals into self-exploitation. The contemporary student, pressured by results, competition, and the constant optimization of the self as an "entrepreneur of the self," becomes vulnerable to neuronal illnesses such as burnout, depression, and anxiety. The work analyzes how this scenario, intensified by digital technologies that promote hyperconnectivity and superficiality, configures a paradox of freedom, where apparent autonomy masks new forms of subjection. The central objective is to critically analyze this reality and propose Philosophy teaching as a space for resistance. It is proposed that, through a pedagogical approach that values contemplation, pause, and critical thinking, Philosophy can equip students to understand and question the mechanisms of the performance society. The study links this proposal with specific skills from the Humanities and Applied Social Sciences area of the National Common Curricular Base (BNCC), such as EM13CHS101 (source analysis), EM13CHS103 (argument elaboration), EM13CHS202 (technology impacts), EM13CHS401 (social relations and technology), EM13CHS404 (work transformations), EM13CHS503 (identification of violence), and EM13CHS504 (ethical-political impasses of technology). The methodology involves the analysis of Han's concepts and their application to the Brazilian educational context, using the BNCC as a reference for an engaged philosophical practice. It concludes on the urgency of rethinking educational models, countering incessant acceleration and productivity with the valorization of negativity (pause, reflection), alterity, and critical autonomy, forming subjects capable of building a more humane and less exhausting future. As a product of this research, a pedagogical e-book entitled "The Student in the Society of Fatigue: A Pedagogical-Didactic Proposal for High School" was developed, which materializes the theoretical reflections into practical proposals for pedagogical intervention. The e-book presents four structured

60-minute classes, articulating Han's concepts with specific BNCC skills, offering educators concrete tools to implement a pedagogy of negativity that values contemplation, critical reflection, and resistance to the imperatives of the performance society.

Keywords: Society of Fatigue; Philosophy Teaching; High School; BNCC; Byung-Chul Han; Psychopolitics; Neoliberalism.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	A EXPULSÃO DO OUTRO E A SOCIEDADE DO CANSAÇO.....	20
2.1	O EU E O OUTRO.....	20
2.1.1	O inferno e o Outro.....	23
2.1.2	Angustiadados e forçados a serem produtivos.....	26
2.2	O NEOLIBERALISMO E O HOMEM NEOLIBERAL.....	31
2.3	O NOVO EU NEOLIBERAL.....	38
2.3.1	A Liberdade: Um Paradoxo Fascinante.....	41
2.3.2	O sujeito diante do paradoxo da liberdade	43
3	O ENSINO NA SOCIEDADE DO CANSAÇO	49
3.1	O ESTUDANTE NA SOCIEDADE DO CANSAÇO	51
3.1.1	A autoexploração e o imperativo da autossuperação entre os jovens.....	52
3.2	A BNCC E AS CIÊNCIAS HUMANAS COMO FERRAMENTAS DE RESISTÊNCIA	53
3.2.1	A importância da BNCC na formação integral do estudante	53
3.2.2	O papel da Filosofia e das Ciências Humanas na compreensão crítica da sociedade do cansaço.....	55
3.2.3	Análise das habilidades específicas da BNCC e sua relação com a temática	57
	Tabela 1 — Quadro síntese da descrição das Habilidades, relevância para a Sociedade do Cansaço e aplicação no contexto.....	59
3.3	PERSPECTIVAS E POSSIBILIDADES PARA A EDUCAÇÃO NA SOCIEDADE DO CANSAÇO	61
3.3.1	Repensar os modelos educacionais diante dos desafios da sociedade do cansaço	62
3.3.2	A valorização do tempo contemplativo e do ócio criativo no processo educacional	63
3.3.3	O desenvolvimento de práticas pedagógicas que promovam a reflexão crítica e a autonomia	64
4	O PENSAMENTO DE BYUNG-CHUL HAN E A EDUCAÇÃO.....	71

4.1	INTRODUÇÃO: A FILOSOFIA DE BYUNG-CHUL HAN E SEUS DESDOBRAMENTOS EDUCACIONAIS.....	71
4.2	A EDUCAÇÃO NA SOCIEDADE DO DESEMPENHO: DIAGNÓSTICO E CRÍTICA	73
4.3	A CRISE DA ATENÇÃO E O EMPOBRECIMENTO DA EXPERIÊNCIA EDUCATIVA.....	76
4.4	PSICOPOLÍTICA E EDUCAÇÃO: NOVAS FORMAS DE CONTROLE E POSSIBILIDADES DE RESISTÊNCIA.....	78
4.5	POR UMA PEDAGOGIA DA NEGATIVIDADE: CONTRIBUIÇÕES DE HAN PARA REPENSAR A EDUCAÇÃO.....	81
4.6	CONSIDERAÇÕES FINAIS: DESAFIOS E PERSPECTIVAS PARA A EDUCAÇÃO NA SOCIEDADE DO CANSAÇO	86
5	CONCLUSÃO.....	89
	REFERÊNCIAS.....	94
	APÊNDICE A — E-Book: O Aluno na Sociedade do Cansaço: Uma Proposta Pedagógico-Didática para o Ensino Médio.	94

1 INTRODUÇÃO

Ao longo de meus dezesseis anos como professor de Filosofia no Ensino Médio da rede pública brasileira, tenho observado transformações profundas não somente nos conteúdos e metodologias de ensino, mas principalmente na própria constituição subjetiva dos estudantes com os quais interajo diariamente. O que inicialmente se apresentava como inquietações difusas sobre o crescente desinteresse, a dificuldade de concentração e o visível esgotamento dos alunos, gradualmente consolidou-se como uma problemática estrutural que transcende as particularidades de cada contexto escolar, revelando-se como sintoma de uma condição social mais ampla e complexa.

É neste cenário que o presente trabalho se insere, tendo como tema a análise das repercussões da “Sociedade do Cansaço”, conforme teorizada pelo filósofo sul-coreano Byung-Chul Han, sobre os alunos do Ensino Médio brasileiro, e a proposição do ensino de Filosofia como espaço potencial de resistência e transformação. A escolha deste tema emerge diretamente de minha práxis docente, das inquietações e desafios enfrentados cotidianamente na sala de aula, onde percebo, com crescente preocupação, os efeitos nocivos da lógica do desempenho sobre a saúde mental, a capacidade de aprendizagem e as relações interpessoais dos estudantes.

A obra de Byung-Chul Han tem ganhado notável relevância no cenário filosófico contemporâneo, especialmente por sua capacidade de diagnosticar, com precisão cirúrgica, as patologias sociais que emergem no contexto do capitalismo tardio e da revolução digital. Seus conceitos fundamentais – sociedade do cansaço, psicopolítica e negatividade – oferecem um quadro interpretativo potente para compreender as transformações subjetivas e sociais que caracterizam nosso tempo.

Segundo Han, vivemos uma transição paradigmática da sociedade disciplinar, analisada por Foucault, para uma sociedade do desempenho, na qual “o sujeito de desempenho é mais rápido e mais produtivo que o sujeito da obediência” (HAN, 2017, p. 25).

Esta transição não deixou intocado o campo educacional. Pelo contrário, a escola contemporânea parece ser um dos espaços onde mais intensamente se manifesta a lógica do desempenho, com sua ênfase na competição, na mensuração

constante de resultados, na otimização de processos de aprendizagem e na responsabilização individual pelo sucesso ou fracasso. O estudante da sociedade do desempenho não é mais primordialmente disciplinado por coerções externas, por proibições ou punições. Ele é, antes, mobilizado por estímulos positivos, por promessas de realização, por horizontes de possibilidades aparentemente ilimitadas. A figura do "aluno empreendedor", tão celebrada nos discursos educacionais contemporâneos, encarna perfeitamente esta lógica: trata-se de formar sujeitos capazes de gerenciar a si mesmos como um projeto, de investir continuamente em seu "capital humano", de otimizar constantemente seus processos de aprendizagem.

O problema que orienta esta investigação pode ser formulado da seguinte maneira: como desenvolver uma proposta pedagógico-didática para o ensino de Filosofia no Ensino Médio brasileiro que, articulando os conceitos de Byung-Chul Han sobre a sociedade do cansaço com as habilidades específicas da BNCC, constitua-se como espaço de resistência crítica aos mecanismos de autoexploração e esgotamento, contribuindo para a formação de sujeitos capazes de compreender, questionar e transformar as condições que produzem o sofrimento psíquico na sociedade do desempenho?

Este questionamento não é meramente abstrato, mas emerge das situações concretas que enfrento como professor: alunos que, apesar de aparentemente livres das coerções disciplinares tradicionais, encontram-se aprisionados em uma rede invisível de demandas por produtividade, eficiência e otimização constante de si; jovens que manifestam sintomas crescentes de ansiedade, depressão e burnout; estudantes cuja capacidade de concentração, reflexão profunda e elaboração crítica é progressivamente comprometida pela hiperconectividade, pela aceleração temporal e pela fragmentação da atenção.

Segundo HAN (2017, p. 33-34), a "atenção profunda" (*deep attention*), caracterizada pela concentração contemplativa em um único objeto, pela imersão duradoura e pela resistência a estímulos dispersivos, é cada vez mais deslocada pela "hiperatenção" (*hyper attention*), marcada pela alternância rápida entre diferentes tarefas, fontes de informação e processos, pela baixa tolerância ao tédio e pela busca constante de novos estímulos. Segundo o filósofo, assistimos hoje a uma transição cultural da atenção profunda para a hiperatenção, com profundas consequências para os processos cognitivos, afetivos e sociais, especialmente no

campo educacional, onde a capacidade de concentração profunda constitui condição fundamental para a aprendizagem significativa.

Diante deste cenário desafiador, o objetivo geral deste trabalho é desenvolver uma proposta pedagógico-didática para o ensino de Filosofia no Ensino Médio que, articulando os conceitos de Byung-Chul Han com as habilidades específicas da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), ofereça para professores e alunos ferramentas teóricas e metodológicas para a compreensão crítica e a resistência ativa aos mecanismos da sociedade do cansaço. Este objetivo geral desdobra-se nos seguintes objetivos específicos:

1. Analisar os conceitos fundamentais da obra de Byung-Chul Han, especialmente aqueles relacionados à sociedade do cansaço, à psicopolítica e à valorização da negatividade, identificando suas manifestações no contexto educacional brasileiro;

2. Articular os conceitos de Han com as habilidades específicas da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas da BNCC relacionadas;

3. 3. Propor uma sequência didática trabalhando com os conceitos de Han acima citados, buscando desenvolver nos estudantes uma reflexão crítica - entendida como a capacidade de questionar os mecanismos de autoexploração e as estruturas de poder que operam na sociedade do desempenho - e a autonomia - compreendida não como individualismo, mas como a capacidade de resistir aos imperativos de aceleração e produtividade através do cultivo da atenção profunda e da contemplação. Esta proposta contrapõe-se à lógica da aceleração, da produtividade incessante e da superficialidade, promovendo espaços de *vita contemplativa* que permitam aos estudantes desenvolver uma relação mais consciente consigo mesmos e com o mundo, rompendo com os padrões de hiperatividade e dispersão característicos da sociedade do cansaço.

A justificativa para este trabalho reside, primeiramente, em sua relevância prática para o enfrentamento de desafios concretos que permeiam o cotidiano escolar. Como professor de Filosofia, deparo-me diariamente com as dificuldades de engajar estudantes em processos de reflexão crítica e aprendizagem significativa em um contexto marcado pela dispersão da atenção - evidenciada pela constante alternância entre dispositivos digitais, pela dificuldade de sustentar o foco em uma única atividade e pela busca incessante por estímulos imediatos -, pela valorização

da produtividade imediata - manifestada na expectativa de respostas rápidas, na resistência a processos contemplativos mais longos e na priorização de resultados mensuráveis em detrimento da compreensão profunda -, e pela instrumentalização do conhecimento - expressa na pergunta recorrente 'para que serve isso?', na redução do saber filosófico a conteúdos utilitários para vestibulares e na dificuldade de valorizar o conhecimento como fim em si mesmo. Essas manifestações refletem diretamente os sintomas da sociedade do cansaço descrita por Han, onde a hiperatenção substitui a atenção profunda necessária ao filosofar, e onde a lógica do desempenho coloniza até mesmo os espaços que deveriam ser dedicados à contemplação e ao questionamento. A proposta pedagógico-didática aqui desenvolvida busca oferecer caminhos possíveis para a superação desses desafios, contribuindo para a qualificação da prática docente e para a melhoria da experiência educacional dos alunos.

Além de sua relevância prática, este trabalho justifica-se por sua contribuição teórica para o campo da Filosofia da Educação e do ensino de Filosofia. Ao articular os conceitos de Byung-Chul Han com a realidade educacional brasileira e com as diretrizes curriculares nacionais, a pesquisa busca oferecer um quadro interpretativo que pode enriquecer a compreensão dos desafios contemporâneos da educação e inspirar novas abordagens pedagógicas.

Do ponto de vista social, a relevância deste trabalho reside em sua preocupação com o bem-estar e o desenvolvimento integral dos estudantes. Em um contexto marcado pelo aumento alarmante dos transtornos mentais entre jovens, pela precarização das relações de trabalho e pela intensificação das desigualdades sociais, torna-se urgente repensar os modelos educacionais e desenvolver práticas pedagógicas que não apenas reproduzam a lógica dominante, mas que ofereçam ferramentas para sua compreensão crítica e sua eventual superação.

A escolha da obra de Byung-Chul Han como referencial teórico filosófico principal justifica-se pela potência analítica de seus conceitos para a compreensão dos fenômenos contemporâneos. Sua análise da transição da sociedade disciplinar para a sociedade do desempenho, sua crítica à psicopolítica neoliberal e sua reflexão sobre a crise da atenção oferecem ferramentas valiosas para interpretar as transformações que observo em minha prática docente. Essas ferramentas produzem critérios específicos para a crítica: o conceito de sociedade do cansaço

fornece parâmetros para identificar e questionar os mecanismos de autoexploração presentes no ambiente escolar; a distinção entre atenção profunda e hiperatenção oferece critérios para avaliar e transformar práticas pedagógicas que privilegiem a contemplação sobre a dispersão; e a noção de *vita contemplativa* estabelece diretrizes para formar nos estudantes a capacidade de resistir aos imperativos de produtividade imediata. Ao mesmo tempo, sua valorização da negatividade, da contemplação e do pensamento profundo aponta caminhos possíveis para a resistência e a transformação, formando criticidade tanto nos alunos - através do desenvolvimento da capacidade de questionar as estruturas de poder que operam sobre seus corpos e mentes - quanto no ofício docente - mediante a reflexão crítica sobre as próprias práticas pedagógicas e sua inserção na lógica neoliberal da educação.

O conceito de negatividade, em Han, não tem uma conotação meramente privativa ou destrutiva. Trata-se, antes, de uma categoria dialética que designa aquilo que resiste à assimilação imediata, que interrompe o fluxo contínuo da positividade, que introduz descontinuidades produtivas no tecido homogêneo do mesmo. A negatividade manifesta-se na experiência da alteridade, da resistência, do limite, da pausa – experiências cada vez mais raras em uma sociedade marcada pelo imperativo da positividade, da produtividade incessante, da aceleração contínua. A partir desta valorização da negatividade, podemos esboçar os contornos de uma "pedagogia da negatividade" – não no sentido de uma pedagogia negativa ou pessimista, mas de uma prática educativa que incorpore a negatividade como elemento constitutivo, como contraponto necessário ao excesso de positividade que caracteriza os modelos educacionais hegemônicos.

A articulação desses conceitos com as habilidades específicas da BNCC, por sua vez, justifica-se pela necessidade de estabelecer pontes entre a reflexão teórica filosófica e as diretrizes curriculares que orientam a prática educacional no Brasil. Reconhecendo que a própria BNCC pode ser compreendida como expressão da lógica neoliberal que Han critica - através de sua ênfase em competências, habilidades mensuráveis e formação para o mercado de trabalho -, este trabalho propõe uma estratégia de resistência interna: utilizar os espaços e brechas do documento normativo para desenvolver práticas pedagógicas que, paradoxalmente, subvertam sua lógica instrumental.

Ao demonstrar como os conceitos de Han podem ser mobilizados dentro do próprio marco da BNCC para desenvolver a atenção profunda, a contemplação e a crítica à sociedade do desempenho, o trabalho busca contribuir para a qualificação da prática docente através de uma pedagogia da resistência que opera por táticas micropolíticas dentro das estruturas institucionais existentes. Esta pedagogia caracteriza-se pela subversão temporal (criando momentos de desaceleração dentro da lógica acelerada do currículo), pela ressignificação conceitual (transformando o desenvolvimento de "competências" em cultivo da capacidade crítica) e pela introdução de práticas de negatividade (espaços de "não-fazer" e contemplação que contrariam a hiperatividade produtiva). Assim, habita as contradições do sistema educacional, usando as brechas normativas para fins emancipatórios, transformando as próprias ferramentas do poder neoliberal em instrumentos de questionamento crítico.

Como materialização prática desta proposta teórica, esta dissertação apresenta como produto um *e-book* pedagógico que traduz os conceitos de Han em sequências didáticas concretas para o Ensino Médio. O *e-book* "O Aluno na Sociedade do Cansaço: Uma Proposta Pedagógico-Didática para o Ensino Médio" constitui uma ferramenta prática que permite aos educadores implementar, em suas salas de aula, as reflexões desenvolvidas ao longo desta pesquisa. Estruturado em quatro aulas de 60 minutos, o material articula sistematicamente os conceitos fundamentais de Han – sociedade do cansaço, psicopolítica, crise da atenção e valorização da negatividade – com habilidades específicas da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas da BNCC.

O livro eletrônico não se limita a uma transposição didática mecânica dos conceitos filosóficos, mas busca criar condições para os estudantes desenvolverem uma compreensão crítica de sua própria condição na sociedade contemporânea. Cada aula é cuidadosamente estruturada para promover momentos de pausa, reflexão e contemplação, contrapondo-se à lógica da aceleração e da produtividade incessante. No material incluem orientações detalhadas para professores, textos adaptados para estudantes, atividades reflexivas e recursos complementares que facilitam a implementação da proposta em diferentes contextos educacionais.

A dissertação está estruturada em quatro capítulos, além desta introdução e da conclusão. No primeiro capítulo, apresento uma contextualização histórica e

conceitual do pensamento de Byung-Chul Han, situando-o no panorama da filosofia contemporânea e destacando suas principais influências e interlocuções filosóficas. No segundo capítulo, analiso os conceitos fundamentais da obra de Han, com ênfase na transição da sociedade disciplinar para a sociedade do desempenho, na expulsão do Outro e na crítica ao neoliberalismo. Apropriando-me da estratégia do próprio Han de compreender o neoliberalismo por dentro, este trabalho utilizará seus conceitos como ferramentas críticas para analisar a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Ao fazer isso, busco demonstrar como a BNCC, sendo ela mesma um instrumento de cunho neoliberal, pode ser não apenas compreendida, mas também subvertida a partir dos critérios fornecidos pelo filósofo, transformando o que seria um mero aparelho de reprodução ideológica em um campo para uma pedagogia da resistência. No terceiro capítulo, examino as repercussões da sociedade do cansaço no contexto educacional brasileiro, com foco nos estudantes do Ensino Médio, e analiso as possibilidades de articulação entre os conceitos de Han e as habilidades específicas da BNCC. No quarto capítulo, desenvolvo uma reflexão aprofundada sobre o pensamento de Han e a educação, explorando a crise da atenção, o empobrecimento da experiência educativa, as novas formas de controle psicopolítico e as possibilidades de resistência, culminando na proposição de uma pedagogia da negatividade como contraponto crítico aos modelos educacionais hegemônicos.

Por fim, na conclusão, sintetizo as principais contribuições da pesquisa, avalio suas limitações e aponto possíveis desdobramentos futuros, reafirmando a importância do ensino de Filosofia como espaço de resistência crítica aos mecanismos da sociedade do cansaço e como laboratório para a experimentação de práticas pedagógicas transformadoras.

Espero que este trabalho possa contribuir não somente para o avanço do conhecimento acadêmico sobre o tema, mas também para a qualificação da prática docente e para a construção de uma educação mais humana, crítica e emancipatória, capaz de formar sujeitos que não apenas se adaptem às demandas da sociedade contemporânea, mas que tenham o poder de questioná-la e transformá-la.

2 A EXPULSÃO DO OUTRO E A SOCIEDADE DO CANSAÇO

2.1 O EU E O OUTRO

“Tudo é igualmente próximo e igualmente distante” (HAN, 2022, p. 16).

Com o avanço das tecnologias, principalmente na última década do século. XX e as duas primeiras do século. XXI, o ser humano utiliza os recursos tecnológicos como extensão de seu corpo: não é mais um braço que trabalha numa lavoura, que exerce atividades na indústria, no comércio, que ensina escrevendo num quadro branco as ideias e que cria por meio de desenhos técnicos aos engenheiros, por exemplo, um braço apenas. Com o surgimento das tecnologias digitais, sua acessibilidade para a população e sua democratização para a sociedade, temos uma extensão do que é esse braço.

Um dispositivo como o *smartphone*¹ conecta o indivíduo não somente ao mundo digital: conecta a si, ao mundo digital e ao Outro. Porém, ao colocar o Outro na equação, percebe-se que o verbo conectar decanta a sua função etimológica: a palavra conectar, um encurtamento das palavras latinas *com*, “junto”, mais *nectere*, “atar, unir”, gerando o termo *connectio*, “ligamento, junção”. A princípio, pode-se pensar que conectar seria, portanto, esse atar-se a algo ou a alguém. Porém, onde seria encontrado esse outro numa época que anula esse Outro e surge imperiosamente a persona do Eu?

Com o barulho gerado pelo surgimento das tecnologias digitais, foi acompanhado de um discurso de esperança - tendo a esperança aquela mesma conotação da encontrada no jarro de Pandora - seria ela uma bênção ou a pior de todas as maldições nesse caso? A proposta falada inicialmente era de que, com o

¹*Smartphone* é um celular com capacidade avançada, que executa um sistema operacional identificável permitindo aos usuários estenderem suas funcionalidades com aplicações terceiras que estão disponíveis em uma loja de aplicativos [...] devem incluir um hardware sofisticado com: a) capacidade de processamento avançada (CPU's modernas, sensores) b) Capacidade de conexões múltiplas e rápidas (Wi-Fi, HSDPA) e c) tamanho de tela adequado e limitado. Além disso, seu Sistema Operacional deve ser claramente identificável, como *Android*, *Blackberry*, *Windows Phone*, *Apple's IOS*, etc. (THEOHARIDOU; MYLONAS; GRITZALDIS, 2012, apud COUTINHO, 2014, p. 13, tradução do autor).

advento das TIC's, haveria maior comunicação, desenvolvimento e colaboração entre os seus usuários.

Podemos definir, *grosso modo*, as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's), como sendo toda uma gama de ferramentas tecnológicas que têm por finalidade agilizar tarefas quotidianas, automatizar processos, utilizar da Inteligência Artificial (AI) e criar condições para as pessoas conseguirem otimizar processos por meio do uso da tecnologia. Atualmente, as TIC's são utilizadas em setores como produção, comércio, comunicação e educação.

A questão que Han (2018) nos traz, por meio da epígrafe, é que temos um problema: estamos cada vez mais conectados e cada vez mais distantes. Uma carta que antes demoraria um mês entre o Brasil e a Europa foi transformada em um e-mail (correio eletrônico) enviado em milissegundos. O tempo de espera, da pausa, da análise, resultado e resposta se extinguiram: temos tudo no tempo do presente, o tudo no agora do instante. A ruminação de um texto, de uma mensagem, de uma opinião alheia, o tempo do outro se torna agora o tempo do igual. Nos aproximamos tanto do outro que não tem mais o Eu e o Outro. Nesse sentido, o verbo conectar perde sua função de linguagem na percepção de unir-se ao Outro e torna-se um unir-se a algo. O Outro e o algo viraram uma mesma massa amorfa que, sem rosto, vira a nossa maior companhia.

Seria boa essa companhia que a todo instante está conosco mas que não se manifesta como um Outro? Essa entidade sem rosto e sem persona fica presente e, ao mesmo tempo, distante. Ausente de ser fisicamente, ela utiliza um rastro e não uma aura.

Rastro e aura. O rastro é o fenômeno de uma proximidade, não importa o quão distante esteja o que ele abandona. A aura é o fenômeno de uma distância, não importa o quão perto esteja aquilo que ela evoca. BENJAMIN (1998, p. 560).

Há somente o igual; o Eu ensimesmado. O jogo democrático do que é além-de-mim é, nesse caso, colocado sob a perspectiva da ditadura do somente-eu. Não existe nesse terreno a possibilidade de crescer e frutificar as relações, já que tudo foi dominado pelo mesmo de sempre. É na democracia que as vozes do outro são ouvidas, que o outro se manifesta como ser ativo e operante de toda a situação. O

Eu e o Outro participam de um jogo cujas habilidades são postas à prova na medida em que defendemos nossos interesses e que exercemos o poder de fazê-lo que quisermos. Ao contrário disso, existe a ditadura, que é imperiosa e que não permite a multiplicidade de falas e de existências. Só existe o que é dela parte e extirpa-se o que não concorda com ela. No neoliberalismo, há uma ditadura do Eu, da positividade e do desempenho: uma trindade em nada santa, ao invés disso, humana, automática e artificial.

A floresta só tem sua mágica na diversidade que ela possui, ao contrário do deserto que coloca tudo numa massa homogênea. Não há o frescor da vida, mas a aridez da uniformidade amorfa que muda de forma, mas não muda A Forma. A riqueza da multiplicidade dá lugar ao imperativo do igual. Como bebês que não sabem a diferença entre eles e o mundo, é nesse sistema atual que nos encontramos: infantilizados e mesmerizados por nós mesmos, sem a presença da distância. Com isso, Han afirma:

A eliminação da distância não produz mais proximidade, mas a destrói. Em lugar da proximidade surge uma completa ausência de distância. Proximidade e distância estão imbricadas uma na outra. Uma tensão dialética as mantém unidas. Ela consiste em que as coisas são animadas justamente por seu oposto, pelo outro de si mesmas (HAN, 2022, p. 16).

Elimina o tempo do esperar para impor a obrigação do responder. Esperar que as coisas aconteçam, que os eventos surjam e que a vida se faça. Ao invés disso, impõe-se a obrigação de sempre 'dar a sua opinião', de responder mesmo que não sejam feitas perguntas. Sente-se vivo na medida em que somente o Eu se manifesta sem dar à espera do Outro nesse jogo de tabuleiro com somente um jogador, pois o outro foi, desse mesmo jogo, expulso. Esse jogo do igual com o igual é um jogo obscuro. "Obscuros são a hipervisibilidade, a hipercomunicação, a hiperprodução, o hiperconsumo, que levam a uma rápida estagnação do igual." (HAN, 2022, p. 18).

O existir torna-se uma atividade gamificada², composta por *players*³ e não mais por indivíduos. Não há mais o espaço entre os que estão vivendo. Eles

² Uma atividade gamificada é uma atividade do mundo real, como em contextos educacionais ou empresariais, que incorpora elementos de jogos para aumentar o engajamento e a motivação dos

somente jogam. Jogam como se tivessem um controle nas mãos e tratassem o mundo como uma tela em que somente cumprem as tarefas para poderem subir de nível. Esse jogo admite somente um jogador, o qual é quem tenta controlar o ambiente, mas, quanto mais deseja isso, mais o jogo faz com que a máquina que está rodando ele esquente. Essa máquina cada vez mais exige desempenho, o jogador cada vez mais aumenta a obrigatoriedade de melhoria das texturas, da interface e dos comandos. Ao final, essa máquina está superaquecida e o jogador solo está com suas mãos doloridas e seus dedos cheios de bolhas.

Essa analogia não se difere quando pensamos na nossa situação na sociedade: cada vez somos mais os jogadores e as máquinas. Cada vez mais estamos sobreaquecidos e nosso agir no mundo (as mãos), cheios de bolhas e dores. Dores destas causadas pela obscenidade do excesso: os *hyper* do neoliberalismo, obscenamente, nos consomem. Exhaustivos de tanto jogar, não percebemos que não existe um prêmio no final desse jogo, ao contrário disso, há uma punição. A atualidade nos coloca num inferno.

2.1.1 O inferno e o Outro

Pensar numa ideia de inferno aqui é pensar numa ideia de fracasso, de não-vida, de angústia, de sentir-se pifado, quebrado e numa sensação de infarto. A própria palavra inferno vem do latim *infernus*, que tem, dentre os muitos significados, o de “mundo inferior”, assume mais uma dimensão em Han. O inferno deixa de estar numa dimensão e se dá numa existência do Ser.

Esse inferno é o igual. O mesmo que sempre se repete e a si mesmo se faz e refaz. Han afirma que: “O tempo no qual havia o outro passou. Desaparece o outro como mistério, o outro como sedução, o outro como Eros, o outro como desejo, o outro como inferno, o outro como dor.” (HAN, 2022, p. 7). Não há mais o outro,

participantes. Em vez de ser um jogo em si, a gamificação aplica elementos como pontuação, níveis, desafios, recompensas e *feedback* em tarefas e processos que normalmente não seriam considerados jogos. Nesse contexto, a questão da própria existência torna-se uma eterna superação de tarefas na expectativa de futuros méritos que podem ser monetários, sociais, psíquicos ou mentais.

³Do inglês: jogadores.

dentro dessa nova jogada da existência, um papel de negatividade que antes era seu por sua excelência em ser o freio de nossos devaneios existenciais, mas em seu lugar surge o igual que anula o que é esse outro e se impõe de forma autoritária a nós mesmos. Não há então uma diferença que nos desacelera das corridas que o mundo e o existir nos exigem, mas um acelerador apertado até o máximo que nos acelera cada vez mais e com mais intensidade.

O que antes era um lugar de sossego de uma sociedade normativa de Foucault, agora é uma impositividade do igual e do global. A globalização eliminou não somente distâncias, mas o tempo e o outro. Aplainou tudo com base nessa ideia de igual e produziu consigo uma nova camada para os marginalizados (postos à margem) desse mesmo sistema,

Já Jean Baudrillard apontou para o fato de que a loucura da globalização produz terroristas como insanos. De modo correspondente, a prisão de Guantánamo corresponderia aos hospícios e prisões daquela sociedade disciplinar que, por sua vez, produz delinquentes e psicopatas (HAN, 2022, p. 23-24).

A sociedade desenhada por Foucault, que era até então baseada em uma noção de poder disciplinar, separando e categorizando os indivíduos e tratando a cada um de acordo com sua localização na sociedade, buscando uma docilização desses corpos e mentes, que cria "métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade." (FOUCAULT 1999, p. 107) Essa sociedade disciplinar controla o tempo e o espaço, o propósito e a existência. Ela controla, por meio de suas normas, a negatividade do adestramento de seus indivíduos (HAN, 2018b, p. 34).

Contudo, com a emergência da sociedade do desempenho, surge um outro modo de perceber e de se perceber no mundo: a norma que vinha do Outro agora é anulada devido à cristalização do Eu. Esse mesmo Eu que rejeita o domínio do outro e impõe agora o igual. A vontade de ser único me iguala aos demais que se colocam como únicos, assim sendo, todos nos tornamos iguais, cada um ao seu modo, mas iguais em sentido de existência. Essa falta do além-mar, do que está do outro lado desse mar que sou o eu, é uma das causas desse inferno do Eu.

Sem essa possibilidade de terra à vista, não há navegação. Há somente um mar calmo que não faz marinheiro, não há o navegar-em-si e o além-de-si. Não há sonho genuíno em uma sociedade onde os sonhos são dados e não sonhados - onde o que se apresenta como aspiração individual é, na verdade, a reprodução de desejos padronizados pelo sistema. A régua que nivela a todos não é propriamente a igualdade, mas o falso sonho de ser único dentro de parâmetros pré-estabelecidos: ser o melhor aluno, o funcionário mais produtivo, o empreendedor de sucesso. Paradoxalmente, essa suposta singularidade revela-se como conformidade absoluta, pois todos perseguem os mesmos ideais de performance e reconhecimento. Mais perverso ainda é como essa lógica alimenta o ódio ao que é diferente - tudo aquilo que escapa à métrica do desempenho torna-se ameaça, desvio a ser corrigido ou eliminado. Assim, a sociedade do cansaço não apenas impede o sonhar autêntico, mas transforma os próprios sonhos em instrumentos de controle e homogeneização. Os sonhos já são dados e não sonhados. Essa morosidade e falsa tranquilidade nesse oceano escondem Scylla e Caríbdis, monstros mitológicos que possuíam uma fúria e uma voracidade extrema e causavam grande mal a todos que pelo Estreito de Messina passavam e que conseguiam manifestar as suas fúrias, consumindo os seis tripulantes de Odisseu. Assim também, nesse oceano nosso, encontramos essa morosidade e essa presença desses monstros, que se manifestam nesse paradoxo. 'Esse estar entre Scylla e Caríbdis' é uma expressão que designa estar entre duas situações potencialmente ruins. É estar entre duas posições que se manifestam, desde imediato, algo maligno. Existe então uma questão de saber escolher qual das duas é a que menor agravo causará.

Nessa situação é que nos perguntamos qual seria, de tais males, o menor. Exige, portanto, a sabedoria, ou ao menos a busca por ela, para saber aonde quer chegar, qual tarefa desempenhar e como passar por tais bestas marinhas. Seria, portanto, voltando para nossa atividade de pensamento, a Filosofia uma forma de tentar buscar essa ajuda? Infelizmente, assim como na Odisseia de Homero (Homero, 2021), danos serão causados pelos monstros, mas eles estão lá. Existe esse oceano e não há a possibilidade de não passar por esse lugar.

O neoliberalismo defende a redução da intervenção estatal na economia, promovendo a livre iniciativa e a competição como mecanismos reguladores do mercado. Essa perspectiva valoriza a responsabilidade individual e a busca por sucesso pessoal, em detrimento de políticas públicas que visem à redistribuição de renda ou à promoção da igualdade social (Cavalcanti, 2013, p. 57).

Afirmações pesadas para uma situação que, metaforicamente, são análogas à nossa situação nesses primeiros momentos do século. XXI. O indivíduo, na sua situação de ser o todo, o igual, não coloca mais distinção sobre qual personagem será nessa história: é nesse sistema atual que o ser humano se encontra: ele é o mar, os monstros, Odisseu, os marinheiros e o barco. Na igualdade de tudo, ele se coloca como o todo e, nessa onipresença, reside a não presença, pois sendo nada em sua forma e conteúdo, transforma-se num nada em absoluto.

Pior, nesse mar sem ondas, é que ele nem coloca espaço para ter a possibilidade de desempenhar tais personagens: como criar uma odisséia sem a probabilidade da fantasia, da aventura e do sonho? Já que, no inferno do igual, não há a turbulência do que é o Outro na construção de nossa própria aventura pessoal nessa existência. Mesmo com a possibilidade de termos a energia e a verve que as aventuras míticas foram contadas para nós, temos mais forte ainda a calma desse mar sem ondas em que estamos sujeitos nessa constante imposta pelo neoliberalismo.

A esse mar transparente e calmo, é que podemos fazer uma analogia com o que Han nos escreve: “O inferno transparente do igual não é livre de angústia. Angustiante é, justamente, o cada vez mais forte murmúrio do igual” (HAN, 2022, p. 63).

2.1.2 Angustiados e forçados a serem produtivos

O tempo presente é um tempo de angústia. Essa palavra vem do grego *angor*, *agonia* (*ἀφροία*) e da sua versão latina *angere*, *angustus* que por sua vez têm o significado de 'estreitamento'. O termo *angere* denota uma sensação de aperto, de um forte estreitamento e, junto do prefixo *ang*, oprimir, apertar a garganta, constranger. Já o grego *ἀφροία* é um substantivo que denota 'dor intensa na mente

ou no corpo'. Considerada uma emoção, a angústia não é nada recente na humanidade. Na Grécia Antiga, quando havia uma reunião pública, falava-se que havia um *agon*, o mesmo termo era utilizado quando havia competições atléticas, mesmo que ocorressem em um festival religioso, como eram as olimpíadas da antiguidade. A luta que os atletas faziam durante os festivais também era chamada de *agonia*. O termo, então, passou a ser utilizado para qualquer luta difícil que houvesse e, da dor resultante que era despendida no processo da luta, seja essa dor física ou mental. Logo, a sensação de angústia é um processo que ocorre nas esferas do corpo e da mente.

A sensação de angústia pode ser então sentida como uma luta constante, um desconforto, um desolamento e uma sensação de aperto. Mas seria essa uma sensação que, outrora, era considerada momentânea, mas que agora se fixa na existência desse ser de quem Han fala.

Segundo ele:

Hoje, muitos são afligidos por angústias difusas, angústia de falhar, angústia de fracassar, angústia de se tornar dependente, angústia de cometer um erro ou de tomar uma decisão errada, angústia de não satisfazer as próprias expectativas. Essa angústia se fortalece por meio de uma constante comparação com o outro. Ela é uma angústia lateral, em oposição àquela angústia vertical, que desperta diante do inteiramente outro, do infamiliar, do nada (HAN, 2018, p. 59).

Esse medo da falha, do fracasso, das decisões erradas e das demais coisas enunciadas por Han, enuncia junto delas uma questão fundamental: não é o medo do que está por ou sobre, mas do que está no entre: o entre o Eu e o Outro. Sendo o Outro um nada, a angústia se torna um aperto com o nada que a existência neoliberal impõe. Sendo tudo mercadoria, inclusive o indivíduo humano, não há então uma personificação, nem de si, nem do Outro, nesse processo dos quais a sociedade nos coloca.

O medo da falha, do fracasso e de errar é o medo de encontrar com a sua própria negatividade. Quanto ao conceito de negatividade, podemos perceber que Han afirma:

Sem a negatividade, a vida se atrofia até o ser morto! É próprio a negatividade que mantém viva a vida. A dor é constitutiva para a experiência. Uma vida que fosse constituída unicamente de emoções positivas e experiências máximas? Não seria humana. É precisamente à negatividade a que o espírito humano deve sua profunda tensão (HAN, 2018b, p. 47).

O senso de humanidade é construído no contato com o humano alheio a si. É no outro, percebido como um reflexo, o que somos. Espelhos distorcidos e, por vezes, dismórficos, porém, em essência, o que é projetado neles é o senso de humanidade. Não se trata de reduzirmos esse assunto a uma mera opinião alheia, mas de nos identificarmos como sujeitos no contato com o alheio e percebermos as diferenças que nos constituem e as semelhanças que nos aglutinam como seres sociáveis.

Conforme afirmou Aristóteles: “Agora, é evidente que o homem, muito mais que a abelha ou outro animal gregário, é um animal social.” (ARISTÓTELES, *Pol.*, 1253a) é não apenas no contato com o Outro, mas numa ideia de civilidade, cuja função seria o bem viver em comunidade que desejo me atentar: como animais sociais que somos, nos desumanizamos e nos desanimalizamos enquanto tais na ausência do embate com o Outro. Nesse sentido, retornamos à citação de Han em que ‘*Sem a negatividade, a vida se atrofia até o ser morto!*’ (HAN, 2020, p.47). Sem esse contato, a existência fica imersa numa variável da incerteza. O Outro, junto de toda a negatividade que esse encontro acarreta, traz consigo a não transparência do que é Eu.

Negatividade é o recurso que nos limita no espaço, tempo e existência, sem ela, forma-se uma sociedade de amorfos e inanimados. Corpos que apenas *estão* e não *são*. Palavras que podem soar duras para quem nunca soube o que é o mundo fora das telas, das metas e dos sonhos megalomaniacos de palavras que são atualmente repetidas como um mantra: sucesso, fama e influência.

Sem o Outro, e por consequência a sua negatividade, viveríamos num mundo anestesiado, sem dor, porém, existir envolve a dor do embate, da limitação, da negatividade da palavra não. Existir envolve a humildade de assumir a limitação perante o todo, perceber que nem tudo é o ego e que nem todas as chamas são acesas para apenas iluminar a sua fogueira. O Outro demonstra a vitalidade das

riquezas que só são verdadeiras quando temos as experiências que envolvem os afetos e desaletos. Não é um discurso maniqueísta o que é proposto aqui, mas uma busca pela via realista. O realismo que tenho em mente é de ordem fenomenológica e existencial, fundamentado na filosofia de Byung-Chul Han. Este realismo parte da constatação de que a condição humana é intrinsecamente marcada pela negatividade: a dor, o conflito, a alteridade e a finitude não são falhas a serem eliminadas, mas elementos constitutivos da própria vida. Como afirma o autor:

Também ao dever inere uma negatividade, a negatividade da coerção. A sociedade de desempenho vai se desvinculando cada vez mais da negatividade. Justamente a desregulamentação crescente vai abolindo-a (HAN, 2015, p. 24)

Ignorar essa dimensão em nome de uma positividade tóxica e de um ideal de desempenho absoluto — como faz a sociedade do cansaço — não é apenas irreal, é desumanizante. Portanto, a via realista consiste em reconhecer que somos animais que precisamos do Outro para nos construirmos, não como um acessório para o nosso sucesso, mas como a presença que nos confronta, nos limita e, justamente por isso, nos dá contorno e profundidade. É um realismo que aceita a tensão e a complexidade da existência como condição para uma vida autêntica e uma crítica efetiva. Na experiência da negatividade é que encontramos o que nos tensiona, e por consequência, o que nos estica, alarga, aumenta e amplifica. É nessa imensa possibilidade de interação com a negatividade que percebemos o quanto podemos ser mais enriquecidos com as experiências vividas.

Em matemática, percebemos que existem três dimensões: comprimento, altura e profundidade. Podemos tentar abraçar as coisas o máximo que pudermos esticar o que somos para abraçar tudo, podemos até buscar sermos os melhores em uma coisa, buscando os mais altos lugares de destaque, porém, sem termos a profundidade de quem somos, de quem é o Outro e do que é o mundo, toda nossa busca fica reduzida à bidimensionalidade. Esta que tem a mesma finalidade de uma tela de um dispositivo eletrônico: somente mostrar sem realmente se fazer ser.

A negatividade é essa noção de profundidade que torna imersiva nossa relação com a realidade, sem ela, o foco não se foca, e somente um espaço de coisas é apresentado, e torna-se unicamente isso: coisas.

Ausente do contato com quem priva o indivíduo, qualquer contato se torna um evento traumático. A verticalidade não cria uma sensação de progresso, vendida pela sociedade do desempenho, mas um encontro com o Outro. E o Outro pode ser aquele capaz de demonstrar a negatividade. Pode ser aquele capaz de nos libertar do inferno do igual. De colocar a mente além do narcisismo umbilical e nos forçar a enxergar o fora da bolha da existência. O tempo da produção, principalmente de si, para si e para o mundo, cria esse isolamento.

E o neoliberalismo separa seres humanos em empreendedores de si mesmo isolados. O isolamento que caminha de mãos dadas com a falta de solidariedade e a concorrência total, produz angústia. A lógica perversa do neoliberalismo enuncia: A angústia aumenta a produtividade (HAN, 2022, p. 60).

Produtividade, que significa 'ser capaz de produzir', assume uma força com o neoliberalismo. Criando formas de produção, tudo se torna produto, inclusive o indivíduo. Além disso, tudo se torna capaz de produzir o tempo todo, não há o tempo da pausa, da espera e da quietude. Assim como uma linha de produção de Ford⁴, somos nós os objetos abjetos. Não que seja vil e baixo o indivíduo, mas, assim como uma linha de produção que visa igualar todas as peças produzidas e logo se livrar delas para sua comercialização, assim estamos imersos nesse sistema que coisifica, que faz com que nos coisifiquemos e que coisifiquemos o Outro e nos lancemos como mercadorias nesse esquema neoliberal.

Isolados do Outro, focamos em nós mesmos e atuamos como patrão e empregado de nós mesmos: cobramos-nos o tempo todo e com toda a intensidade possível. O Outro, que antes poderia ser uma força solidária para juntos

⁴Henry Ford (1863-1947) foi o criador do conceito de produção em massa e da utilização da montagem em série. Sua forma de criação revolucionou a forma como eram produzidos os automóveis de sua empresa - a *Ford Motor Company*- e consequentemente, influenciou os meios de produção. Sua técnica de produção é chamada de fordismo. Um termo que denota uma grande quantidade do mesmo produto e da especificação do trabalhador em apenas uma única parte da produção. O trabalhador que antes era conhecedor de todos os processos de produção, se resume a apenas uma única atividade.

compartilharem do cansaço e da carga das demandas hodiernas, assume agora um papel de concorrente.

Percebemos em institutos de ensino, especialmente os privados, que os alunos são colocados cruelmente dentro desse esquema. Poucas vagas para medicina? Então seja melhor que o seu concorrente, que pode ser a pessoa que está do seu lado, que perca. A concorrência nesse caso faz com que a angústia dessa solidão aumente e a autocobrança seja exponencial. O indivíduo isolado, assim como os demais que ali estão, busca o mesmo - passar em um curso de medicina - retira da equação o Outro. O Outro é inimigo, terreno desconhecido e adversário. Logo, deve ser evitado, exilado e isolado.

2.2 O NEOLIBERALISMO E O HOMEM NEOLIBERAL

Chegando ao século XXI, percebemos que surge uma nova forma de enxergar e perceber o ser humano: a sua existência é transformada enquanto se transforma o próprio traquejo da relação indivíduo-sociedade. Focando mais na forma como Han define, surge uma sociedade neoliberal.

O neoliberalismo é um fenômeno que surge ao final do século XX, empregado primeiramente nas ciências econômicas e economia política, derivadas do capitalismo tardio, ou revistas pelo liberalismo clássico, que têm valores como liberdade, livre iniciativa, liberdade de mercados como temas basilares. Essa teoria toma vislumbre existencial em eventos político-econômicos como os governos de Ronald Reagan⁵, nos EUA, Margaret Thatcher⁶, no Reino Unido, e de Augusto Pinochet⁷, no Chile.

⁵Ronald Wilson Reagan, foi o 40º Presidente dos Estados Unidos, tendo seu governo iniciado em 20 de janeiro de 1981 a 20 de janeiro de 1989. Durante seu período na liderança nos EUA, houve um afrouxamento de políticas públicas de assistência social e diminuição do Estado nas questões econômicas.

⁶Margaret Hilda Thatcher, foi Primeira-ministra do Reino Unido de 4 de maio de 1979 a 28 de novembro de 1990. Seu governo é marcado por privatizações de empresas públicas, redução estatal na economia, redução do poder dos sindicatos e o discurso que valoriza o individualismo, defendendo que o Estado não deveria interferir diretamente na vida das pessoas.

⁷ Augusto José Ramón Pinochet Ugarte, foi um ditador Chileno que assumiu após um golpe de estado contra o então Presidente Salvador Allende. Seu governo foi de 17 de dezembro de 1974 a 11

Dentre as características que mais se destacam em um sistema neoliberal estão a ausência de um Estado agente na economia, permitindo maior livre transação de bens, serviços e mercadorias, uma ampliação da livre concorrência, a crença de que o mercado se autorregula, ditando os preços, quantidade e produção.

O neoliberalismo se caracteriza por uma série de propostas destinadas a promover uma drástica redução do papel do Estado na economia. Privatizações em larga escala, desregulamentação dos mercados, abertura comercial e financeira irrestrita, cortes nos gastos sociais e reformas fiscais favoráveis ao capital são algumas das medidas que compõem o receituário neoliberal (SOARES, 2012, p. 27).

Além disso, a função do Estado é, de acordo com essa teoria, assegurar a segurança jurídica e evitar intervenções diretas nas questões econômicas. Em outras palavras, o Estado deve atuar como um árbitro que não participa do jogo, mas apenas garante que suas regras sejam cumpridas. Conforme aponta Nogueira (2015, p. 57), 'o Estado, nessa concepção, deve ser um mero garantidor das regras do jogo econômico, assegurando a livre concorrência e a propriedade privada, abstendo-se de intervenções diretas na economia'. Por fim, o Estado, segundo o pensamento neoliberal, deve valorizar o senso individualista, a livre iniciativa e as responsabilidades pessoais.

Temos então uma gama de eventos que, surgidos no capitalismo, e o capitalismo sendo ele um sistema econômico e social que valoriza as liberdades individuais e os outros tópicos já citados, percebemos que esses valores neoliberais, nesse início de século XXI, como um dos sintomas da globalização, são elevados para além de países e modelos econômicos somente. Esses modelos são agora introjetados nos sujeitos que fazem parte de uma grande ciranda que permeia tudo e a todos, a qual Han chama de *Big Data*⁸.

de março de 1990. Seu governo implementou, no âmbito econômico, dentre outras coisas, a privatização de empresas estatais, desregulamentação de mercados de capitais, flexibilização de leis trabalhistas e a criação de um sistema privado previdenciário.

⁸ Big Data ou megadados em português significa uma quantidade gerada de dados absurdamente grandes cujas formas tradicionais de análise não podem ser aplicadas. Esses dados têm a ver com a análise dos dados gerados e deixados pelos usuários no mundo digital.

Esse *Big Data*, que tem como uma de suas características não somente o imenso volume de dados analisados, bem como a variedade com que esses dados são disponibilizados e a velocidade com que esses dados, os quais são gerados e variados, precisam ser avaliados e codificados em padrões. Esses, por seu turno, são quantificados e qualificados conforme o interesse de quem está os analisando.

De acordo com Han,

Os *big data* são um instrumento psicopolítico muito eficiente, que permite alcançar um conhecimento abrangente sobre as dinâmicas da comunicação social. Trata-se de um conhecimento de dominação que permite intervir na psique e que pode influenciá-la em um nível pré-reflexivo (HAN, 2018b, p. 23).

Surge uma nova forma de avaliar o indivíduo. Não somente mais o poder vindo de fora, conforme Foucault fala sobre a docilização dos corpos, nem mais um poder que fixa o indivíduo em locais bem estipulados no tempo e no espaço. Surge um espaço além do que é físico, além do que é tangível e que permeia a tudo e a todos. Esse espaço, que antes Foucault definia como um espaço da ação da biopolítica — entendida como a tecnologia de poder que se volta para a gestão da vida da população como um todo (FOUCAULT, 2005, p. 289-290), é uma forma de poder que surge no início do século XVIII, com a modernidade, e que se diferenciava de um poder tradicional absoluta até então vigente. A biopolítica busca gerir a vida, otimizando, regulando e controlando todos os momentos, eventos e situações nos quais o indivíduo se situa. Como explica Foucault, trata-se de 'um conjunto de mecanismos pelos quais aquilo que, na espécie humana, constitui suas características biológicas fundamentais vai poder entrar numa política, numa estratégia política, numa estratégia geral de poder' (FOUCAULT, 2008, p. 3). São exemplos ou características da biopolítica o poder difuso, que não apenas se concentra na mão de um, mas se manifesta nas instituições e nas práticas sociais.

Foucault chama essa ação do Estado e do indivíduo sobre o indivíduo de uma microfísica do poder, ou seja, não é apenas um Estado que intervém sobre os corpos dos que estão a ele sujeitos, mas os próprios sujeitos que exercem esse poder, uns sobre os outros, através de uma relação. A isso ele chama de relações

de poder⁹. A criação de instituições que podem ser escolas, presídios, hospitais, hospícios, fábricas representa o que Foucault denomina de 'instituições disciplinares', espaços que operam através de mecanismos de vigilância e normalização. Essas instituições 'colocam nelas todos os que não são considerados aptos para estarem no tecido social' ou funcionam como 'criações do próprio tecido social que mantêm os indivíduos a elas agarrados por suas formas de docilização'. Como explica Foucault, 'a disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos dóceis' (FOUCAULT, 1999, p. 164). A esses que vivem à margem da sociedade são os considerados marginalizados e para eles foram criadas tecnologias para controlar e gerenciar a vida, como exames, vacinas, sistemas de vigilância, bancos de dados.

A separação dos indivíduos em padrões que podem ser classificados como normais e anormais, o apoio ao saber científico como a criação da institucionalização da medicina, estatística social, demografia e avaliações a todos que estão inseridos nesse sistema. Com isso, a biopolítica passa a ter implicações profundas para a vida em sociedade, segundo Foucault, pois ela molda os corpos e as mentes dos indivíduos conforme o discurso de poder, utilizando-se disso o controle do estado para reprimir, controlar e analisar esses corpos.

Porém, com o pensamento de Han, temos uma mudança na forma como analisamos o controle dos indivíduos. O surgimento da psicopolítica é, na verdade, uma transformação da origem do sistema de controle: se de início havíamos instituições, o externo, o outro, para controlarmos, agora temos esses sistemas de controle, regulação, gerenciamento e dominação já inseridos por meio da psicopolítica.

⁹Segundo Foucault podemos perceber que as relações de poder não se tratam apenas de uma estrutura que é estática e imóvel, mas se localizam num todo que é uma rede dinâmica onipresente e que permeia todas as esferas de uma vida social. As interações ocorrem desde as micro relações entre os indivíduos que podemos perceber até as macroestruturas e isso faz com presente, e até mesmo nos modos como relacionamos com os outros. São exemplos de relações de poder as relações entre médicos e pacientes, professores e alunos e as mídias sociais. Nesse último caso, coloquei-a no sentido de que elas têm o poder de influenciar, através de seus algoritmos e seus mecanismos de controle, nas ações e decisões dos seus usuários.

O sistema neoliberal cria consigo a noção de psicopolítica, ao conter como uma de suas bases as noções de liberdade, a livre iniciativa, o individualismo e a ação do próprio indivíduo na sua existência. Temos agora uma guinada de onde surgem esses padrões que antes vinham de fora através do controle da biopolítica e que agora são originários, introjetados e permeiam a própria psique humana dentro desse sistema que tem como uma de suas bases um indivíduo a fazer por si mesmo a sua própria noção de sucesso.

“A liberdade terá sido episódica” (HAN, 2018b, p. 9). É com essa frase que Han começa seu livro. A essa noção de liberdade que emerge principalmente com o surgimento do pensamento liberal do século XVIII, tendo como um dos maiores pensadores o britânico John Locke, surge a noção de liberdade para o indivíduo, fazendo face aos pensamentos de uma monarquia absolutista, cuja ideia do direito divino de governar era imperante. Esse indivíduo acredita que ele é detentor de liberdades individuais, de garantias individuais e de relacionar-se com o outro sem que haja a pressão do poder monárquico absolutista, que controla para si e em si todo o poder vigente. Na mesma linha, o pensamento liberal dá uma noção de vida, na mesma proporção que dá a esse senso de si mesmo.

Podemos compreender a noção de liberdade, sendo um dos conceitos centrais do pensamento ocidental, assumindo diferentes significados e interpretações dependendo do contexto histórico-social. Na antiguidade, a liberdade estava intimamente ligada à participação na vida da pólis grega. Em Atenas, a democracia permitia que os cidadãos pudessem participar nas decisões da polis, a liberdade é esse agir, no entanto, apenas os homens, nascidos em Atenas, poderiam exercê-la, excluindo mulheres, escravos e os estrangeiros.

Para o cristianismo medieval, a noção de liberdade está ligada à noção de livre arbítrio, pois era livre aquele que aceitava escolher o bem, seguindo a vontade de Deus para alcançar sua salvação. Como explica Agostinho em sua obra fundamental sobre o tema, 'a vontade livre é aquela pela qual pecamos e vivemos retamente' e 'ninguém faz o mal senão voluntariamente' (AGOSTINHO, 1995, p. 23).

Locke estabelece que 'o estado de natureza tem uma lei de natureza para governá-lo, que obriga a todos: a razão, que é essa lei, ensina a todos aqueles que a consultem que, sendo todos iguais e independentes, ninguém deveria prejudicar a outrem em sua vida, saúde, liberdade ou posses' (LOCKE, 1998, p. 384). São

exemplos de direitos naturais a vida, a liberdade e a propriedade. O Estado, para Locke, deve garantir os direitos e proteger a liberdade individual.

Podemos, no início do texto, na frase de Han sobre a liberdade, afirmar que ela possa ser episódica. Classificamos como episódio aquilo que tem começo, meio e fim. Nesse caso, será que a liberdade está chegando ao seu fim ou já teria sido findada? Continuando na própria afirmação de Han, ele firmará que “O sujeito submisso nunca é consciente de sua submissão” (HAN, 2018b, p. 26). Nesse caso, a própria questão da liberdade estaria posta em prova, pois temos dentro desse novo conceito neoliberal de existência um indivíduo que renuncia à sua liberdade em favor de outra coisa.

Nesse sentido, o ser humano deixa de se tornar humano e acredita que é um sujeito como um projeto, projeto esse que é inacabado e sempre está em processo de afirmação, aprimoramento e sempre coloca metas para sua própria concretização. O projeto humano que Han levanta é que o sujeito se torna submisso a ele mesmo, se torna submisso ao que ele deseja e se torna submisso ao que ele almeja como sendo o bem. O orgulho, junto da vaidade e do narcisismo, deixa de ser considerado como algo ruim, ou até pecaminoso numa visão religiosa cristã-judaica, e tornam-se metas de comportamento desejado e esperado nesse esquema de uma sociedade do desempenho.

Assim sendo, o indivíduo cria ‘coações internas de obrigação de desempenho e otimização’ (HAN, 2018b, p. 9): não existe mais uma figura de um patrão que cobra determinado progresso, de alguém que fala o que deve ser feito, qual meta deve ser batida e qual a expectativa para os próximos meses. Não existe mais, nesse sentido, um exterior que interfere no interior e coage a esse interior. Nesse caso, o indivíduo torna-se o mesmo que obriga, que ordena, que sanciona e que pune brutalmente a si mesmo.

Caminha-se então para ‘a era da psicopolítica digital, que avança da vigilância passiva ao controle ativo, empurrando-nos assim para uma nova crise da liberdade: até a própria vontade é atingida.’ (HAN, 2018b, p. 23).

Diferentemente da ideia de biopolítica, surge a psicopolítica como um novo tipo de poder que é sutil e eficiente na era digital. O poder disciplinar tradicional se baseava na repressão e no controle dos corpos, já a psicopolítica se concentra na manipulação de mentes e de desejos dos indivíduos. Se aproveitando de uma noção

de liberdade que o indivíduo tem, o poder psicopolítico aproveita da autonomia dos indivíduos para controlá-los. Com consentimento de liberdade, as pessoas se sentem livres para consumir, comunicar e se expressar. Porém, essa liberdade é, na verdade, uma projeção que mais cara uma dominação.

Com a criação dos *Big Datas*, temos uma coleta massiva de dados sobre todos os usuários que utilizam a rede e isso permite a criação de padrões de perfis psicológicos detalhados, de uma vigilância digital e que são usados para influenciar as escolhas dos comportamentos das pessoas no ambiente digital e fora dele. Existe também no conceito da psicopolítica, a utilização de técnicas de *marketing* e propaganda para manipular o inconsciente dos indivíduos, fazendo com que eles sejam induzidos a desejar e consumir determinados produtos e serviços. Sempre há *trending*¹⁰ da moda, sempre há o produto do momento, a personagem do momento e a atitude a ser louvada ou execrada em uma determinada ocasião. Com isso, cria-se, além de um ambiente que propicia ao consumismo capitalista neoliberal, os temidos tribunais das redes sociais da *internet*, nos quais pessoas são a todo momento e a todo instante julgadas, condenadas ou absorvidas, mas na maioria das vezes condenadas pelos seus atos e seus comportamentos. O ato moral, que é aquele exercido no dia a dia, torna-se então um ato vigiado e coagido perante todos os outros usuários da rede social.

"A biopolítica é a técnica de governança da sociedade disciplinar, mas é totalmente inadequada para o regime neoliberal, que, antes de tudo, explora a psique." (HAN, 2018b, p. 35). Logo, não são mais as punições, os conteúdos

¹⁰A palavra "*trend*", ou tendência, refere-se a conteúdos que se popularizam nas redes sociais, gerando altas taxas de engajamento. No âmbito da psicopolítica digital, as tendências funcionam como um mecanismo que acelera o consumo e a uniformidade de comportamento, o "inferno do igual". Embora pareçam uma expressão de liberdade individual, na verdade, direcionam desejos de forma pré-reflexiva, fazendo com que os usuários sigam algoritmos em vez de fazerem escolhas conscientes, reforçando a sujeição a um ciclo de validação instantânea. Essa dinâmica se manifesta de maneiras distintas em cada plataforma: no *TikTok*, ela agrava a crise de atenção através de um fluxo incessante de estímulos miméticos que eliminam a contemplação; no X (antigo *Twitter*), materializa-se como uma hipercomunicação reativa e polêmica, transformando o debate em um tribunal de julgamentos instantâneos que anula a complexidade e aprofunda o isolamento do indivíduo.

repressores vindos de fora que comandam nossas ações, mas o interior que se manifesta conforme o esquema neoliberal de toda uma sociedade. Agora, o que o indivíduo chama de liberdade é, em suma, uma rendição de si perante o sistema neoliberal. O que antes era explorado sobre o corpo como meio de controle e produção, agora é feito para o corpo: a criação de locais onde as pessoas se encontram com o intuito de justamente elevar esse corpo cultuado como algo sagrado, como, por exemplo, academias *fitness*, estúdios de exercícios físicos, clínicas estéticas e dentre outros, são locais onde o corpo tem uma sacralização, uma otimização técnica ou técnico-sanitária. O corpo deixa de ser em si e torna-se um recurso econômico que começa a ser multiplicado, comercializado e explorado.

O neoliberalismo como forma de evolução ou mesmo como mutação do capitalismo não se preocupa primariamente com o biológico, o somático, o corporal. Antes, descobre a psique como força produtiva (HAN, 2018b, p. 39-40).

A essa ideia de manipular a psique ao invés de controlar os corpos pode ser caracterizada como uma das formas de eficiência que o neoliberalismo adquiriu desse início do século XXI: vender sonhos, ideias, desejos e tratar de forma fanática essas diversas mentalidades dispersas nas redes sociais, é uma das formas mais eficazes para conseguir controlar os corpos. Eles, na verdade, comportam-se como sendo os receptáculos dessas psiques que, permeadas por essa psicopolítica, estão imersas nesses desejos de cada vez serem mais, melhores e mais aprimorados.

Chegamos então em um momento crucial: o indivíduo, pensando em ser livre, acaba sendo preso não por correntes nem por prisões físicas, muito menos por instituições, mas por comportamentos, ideias, tendências e tudo mais que permeia a psicopolítica dentro dessa nova concepção de realidade que emerge no século XXI com o neoliberalismo.

2.3 O NOVO EU NEOLIBERAL

A sociedade disciplinar de Foucault, feita de hospitais, asilos, presídios, quartéis e fábricas, não é mais a sociedade de hoje. Em seu lugar, há muito tempo, entrou uma outra sociedade, a saber, uma sociedade de academias

de fitness, prédios de escritórios, bancos, aeroportos, shopping centers e laboratórios de genética. A sociedade do século XXI não é mais a sociedade disciplinar, mas uma sociedade de desempenho. Também seus habitantes não se chamam mais “sujeitos da obediência”, mas sujeitos de desempenho e produção. São empresários de si mesmos (HAN, 2017, p. 23).

Surge nesse início de século uma figura nova no que tange à identificação do indivíduo consigo mesmo. Emerge a figura do empreendedor, daquele que constrói a sua história e pensa que detém a produção, ele se torna o senhor de si, porém, é que, com a ausência do poder disciplinar exterior, surge em seu lugar o poder da interioridade positivada. Na época em que Foucault escreveu seu pensamento, era marcante o excesso da chamada negatividade: o discurso da limitação e da proibição sobre o indivíduo. Em seu lugar surge o discurso do ‘sim’, do ‘eu posso’, do ‘eu consigo’ e do ‘eu mereço’. O indivíduo não precisa mais de motivação além da dele sobre ele mesmo e isso sobrecarrega fortemente o aparato psíquico do indivíduo. A sociedade, então marcada pela negatividade, é agora caracterizada pelo seu excesso de positividade.

Esse excesso de positividade não parte de um setor específico dentro do campo da existência humana, mas, segundo Han (2017, p. 20), é uma violência sistêmica. Essa violência causada pelo excesso de positividade é o que, de acordo com Han, faz com que as pessoas e a sociedade adoeçam. Em uma sociedade do hiper, do exagero, do extremo, temos uma massificação do que é considerado como positivo. A sociedade positivada produz então indivíduos positivados que entram em um esquema de desempenho, colocando cada vez mais metas maiores para seu sucesso, necessidades maiores, carências maiores e um sentido que extrapola tudo e qualquer coisa que esteja além dele. Isso impede o contato com o Outro, pois o Eu ocupa e domina toda e qualquer região em que ele resida. Tornamo-nos "ao mesmo tempo prisioneiro e vigia, vítima e agressor" (HAN, 2017, p. 47).

Somos então aqueles que são os escravizados, os escravizadores, somos o chicote que estala, somos os gritos que ouvimos nos ouvidos para sempre remar mais e mais dentro de uma galé romana, somos comandantes que obrigam as tropas a caminharem por uma guerra que nem sempre é capaz de ser vencida, somos também esse exército comandado por este general insano rumo a uma

batalha em que não sabemos que fim terá. Ao mesmo tempo, somos o desejo em si e o sofrimento causado por esse desejo, a necessidade e a não necessidade, queremos ser todo e o nada, adquirir cada vez mais e, com isso, em nosso sistema, como afirma Han, ocorrem então os infartos da alma. Esses infartos não são de ordem física, com o entupimento de veias e artérias; eles são existenciais. São infartos causados pelo excesso, pelo exagero e pela exacerbação que, assim como o sangue que não consegue seguir o seu fluxo normal pelo sistema circulatório do corpo, há uma energia psíquica que não consegue fluir e fica obstruída.

O autor reafirma essa passagem da sociedade da disciplina para a sociedade do desempenho quando assegura,

A sociedade do desempenho está totalmente dominada pelo verbo modal poder, em contraposição à sociedade da disciplina, que profere proibições e conjuga o verbo dever. [...] O apelo à motivação, à iniciativa e ao projeto é muito mais efetivo do que o chicote ou as ordens. Como empreendedor de si mesmo, o sujeito de desempenho é livre, na medida em que não está submisso a outras pessoas que lhe dão ordens e o exploram; mas realmente livre ele não é, pois ele explora a si mesmo e quiçá por decisão pessoal (HAN, 2017, p. 22).

Não há mais, portanto, a figura do Outro que limita a própria ação do indivíduo dentro de sua existência. Nesse sentido, percebemos que o empreendedor de si mesmo é aquele que tenta exercer a sua liberdade sem a limitação do Outro. A alteridade se abstém. Falta a presença dela nesse indivíduo que foca apenas em si mesmo e se extrapola dentro de si mesmo. E ele chama essa exploração dele sobre ele de sucesso.

O neoliberalismo, nesse caso, é tão eficiente ao ponto de introjetar dentro da psique desse indivíduo do início do século XXI a noção de que tudo é produto, inclusive a existência. O capitalismo, eficiente em ressignificar as mesmas coisas para dar a elas um novo valor, agora é capaz o suficiente de fazer com que o indivíduo se torne um produto de si mesmo. Este indivíduo é então, ao mesmo tempo, empreendedor, produto, ferramenta e objeto de sua própria ação e existência nesse mundo que emerge.

Troca-se então a questão da existência, que na sociedade de controle era dominada pelo verbo dever, que implica uma obrigação, uma necessidade, uma probabilidade certa de que faça aquilo, para um novo verbo que é o verbo poder.

Chegamos a um momento em que podemos tudo. Que essa possibilidade transforma quem somos, nossas subjetividades, e essa possibilidade transforma como enxergamos primeiramente a nós, já que não existe a figura do Outro imunológico. Enxergamos somente a nós mesmos, como um produto. Pode apelar para esse que se auto investe. Esse empreendimento de nós mesmos, conforme o que entendemos como liberdade, é algo que se torna *hyper*, pois não nos sentimos mais submissos às instituições em relações, levamos o conceito de liberdade como uma necessidade de autoexploração extremada.

2.3.1 A Liberdade: Um Paradoxo Fascinante

A palavra liberdade tem sua etimologia grega no termo *eleuthería* e designa, com efeito, a ideia do homem livre. Na mitologia, temos a divindade *Eleutéria* (em grego *Ἐλευθερία*), que era associada à noção de liberdade. Havia também as festividades a Zeus Eleutério, o libertador. Essa festividade celebrava as vitórias nas batalhas e, conseqüentemente, a libertação das garras do inimigo.

Já na língua latina, a palavra *libertas*, -*atis*, de *liber*, “homem livre”, em oposição ao estado de escravização. Poderia ser muito arriscado, filosoficamente, dar um significado fixo sobre a noção de liberdade. Alguns podem afirmar que estar livre seja diferente de ser livre. Verbos que envolvem uma ação de exercer a liberdade ou de se perceber em um estado de coisas que a sensação de liberdade pode causar. Tampouco cristalizar essa palavra em apenas um ato somente seria reduzir e aniquilar todas as outras opções que a própria noção de ser livre pode causar.

O contraponto do conceito de liberdade, conforme já falado, é a ideia de escravização. Estar na condição de escravizado é estar numa condição limitante dentro da própria existência: várias possibilidades simplesmente não existem, pois não existe a possibilidade de escolha dessas mesmas possibilidades.

A liberdade das habilidades gera até mais coação do que o dever disciplinar, que profere ordens e proibições. O dever possui um limite. Mas a

habilidade não possui limite algum ponto está aberta para levar-se e crescer. Assim, a coação que provém da habilidade é ilimitada (Han, 2019, p. 117).

Já a palavra habilidade tem origem no latim *habilitatis*, que significa "aptidão" ou "capacidade". Essa palavra, por sua vez, deriva de *habilis*, que significa "fácil de manejar" ou "próprio para alguma coisa".

A raiz da palavra *habilis* está no verbo latino *habere*, que significa "ter" ou "segurar". Assim, a etimologia da palavra "habilidade" remete à ideia de posse de uma capacidade ou aptidão para realizar algo.

A essa habilidade que podemos perceber seria então para o ser humano a capacidade de realização e de fazer o que deseja. Nesse sentido, a liberdade é então o estado de estar livre de coações. Essas coações que se derivavam da sociedade disciplinar não existem mais na sociedade neoliberal positivada, onde o indivíduo se torna a totalidade de seu mundo. Sem a imagem do outro, não existe o limite que o outro impacta. Sem a limitação do *alter*, o ego se manifesta sem a imposição do negativo. Assim sendo, a liberdade extremada coloca o sujeito como um sujeito para si.

E esse sujeito deseja, faz, almeja e direciona todos os recursos possíveis para seu produto, a sua subjetividade e corpo. Não é de se surpreender que essa sobrecarga no aparato psíquico gere a sobrecarga do próprio sistema.

As enfermidades psíquicas, como a depressão ou o burnout, são a expressão de uma profunda crise da liberdade. São um sinal patológico de que hoje a liberdade está se transformando em coação (Han, 2017, p. 117).

O exagero no aparato psíquico gera a patologia: a autocobrança por sucesso, realização e felicidade, coloca o seu pesado fardo sobre o corpo que infarta psiquicamente. O sujeito pifa¹¹; seu corpo, tratado como um instrumento, busca apenas o desempenho. E assim como uma máquina, o sujeito se põe nessa ciranda existencial. Porém, o perigo da máquina é que ela funciona até ocorrerem duas situações: a falha ou a quebra. Assim sendo, o pifar é a instalação das doenças

¹¹Utilizei essa gíria, pois em seu sentido mais amplo podemos ter como definições como: algo que deixa de funcionar ou que sofre avaria; ato de falhar, fracassar ou gorar-se; ficar exausto ou sem força; morrer.

neuronaís. Logo, o aumento de desempenho se esbarra com a própria noção de liberdade que foi construída sobre o pilar da autodeterminação do indivíduo e que sofre um paradoxo.

2.3.2 O sujeito diante do paradoxo da liberdade

A liberdade na contemporaneidade tem se tornado um paradoxo. O vocábulo significa, segundo o *Novo dicionário da língua portuguesa*:

O termo paradoxo, do grego *parádoxon* pelo latim *paradoxon*, é definido como 'conceito que é ou parece contrário ao comum; contrassenso, absurdo, disparate [...] contradição, pelo menos na aparência [...] afirmação que vai de encontro a sistemas ou pressupostos que se impuseram, como incontestáveis ao pensamento' (FERREIRA, 1975, p. 1038).

Nesse sentido, um paradoxo é uma ideia que se opõe às ideias que são predominantes. É esse parecer ao que é adverso ao doxológico que se faz a sua contradição: no paradoxo, as formas tomam uma não-forma para se exemplificar um determinado pensamento. Essa contra formulação é utilizada como forma de se expor uma ironia que o próprio conceito possa vir a demonstrar. Do ponto de vista da lógica, podemos compreender um paradoxo como algo absurdo.

A questão de o paradoxo ser algo que vai além (*para*)¹² dessa opinião(*doxa*) é que, além de aprofundar uma determinada ideia corrente, devota-se à sua extrema possibilidade do próprio conceito, podendo aterrissar na contradição argumentativa do que foi estabelecido no conceito inicial, sendo, portanto, uma boa ferramenta crítica para a Filosofia.

Num mundo que prega cada vez mais liberdade e maior possibilidade de existência no agir, é que Han traz à tona um verdadeiro problema que é o paradoxo da liberdade.

A liberdade (HAN, 2018b) é um evento que liga dois pontos de coerção: a passagem da sociedade disciplinar de Foucault para uma sociedade do desempenho. Com o neoliberalismo, passamos do estado da privação que vem do outro para a privação do indivíduo sobre si mesmo. Dessa forma, o autor afirma:

¹² *παρά* (*pará*) quando utilizado na forma acusativa significa "contra", "além de", "em oposição a".

Hoje, acreditamos que não somos *sujeitos* submissos, mas *projetos* livres, que se esboçam e se reinventam incessantemente. A passagem do sujeito ao projeto é acompanhada pelo sentimento de liberdade. E esse mesmo projeto já não se mostra tanto como uma figura de coerção, mas sim como uma *forma mais eficiente de subjetivação e de sujeição*. (HAN, 2018b, p. 11).

Passamos de servos do Outro para servos do Eu. Colocamos nossas próprias camisas de força para conter a riqueza de toda a possibilidade de existência humana. Essa nova forma de coerção é internalizada, subjetivada e sujeita ao que chamamos de sucesso. No processo cotidiano de ser e estar, colocamo-nos como peões no xadrez de nossa existência. O que antes era tido como sobrecarga hoje é chamado de êxito e acreditamos que só teremos triunfo, prosperidade e felicidade ao nos sujeitarmos a esse capataz impetuoso que somos nós mesmos.

Escravizados por essa visão psicopolítica, é que não percebemos as traves colocadas sobre nossos olhos: como animais que foram amansados, cremos que ser livres é sermos sujeitos à liberdade. Nessa toada, a liberdade, que é um conceito principal para a existência, torna-se não uma forma de expressão das possibilidades em si, mas uma obrigação e uma própria punição.

O sujeito de desempenho, que se julga livre, é na realidade um servo: é um servo absoluto na medida em que, sem um senhor, explora a si mesmo. (HAN, 2018b, p. 10).

Vivemos conectados em projetos pessoais, metas de vida, desejos que se sobrepõem sobre desejos: seres desejantes que colocam níveis de desempenho cada vez mais altos e que, na ausência do feitor externo, maltratam a si mesmos, punindo a psique com cada vez mais desejos que nunca chegam ao gozo em si.

Crer que a vida se resume em um sucesso após o outro anula a própria noção do que seja viver: é sobre os vales e cumes de nossa vivência que temos a sensação de humanidade. Acreditar que tudo é prazer, sucesso e gozo é reduzir o próprio sentido da vida em apenas emoções e sensações.

Em um mundo cada vez mais hiperconectado a liberdade assume então um paradoxo. Ela por si só é um conceito maravilhoso, que hoje se tornou quase um

mantra: seja livre! Dizem os discursos publicitários, os *influencers*¹³, e os pensadores de *LinkedIn*¹⁴. A liberdade é total, sem barreiras, sem fronteiras e sem limites. Um oceano aberto de possibilidades. Um único detalhe: claro que nessa liberdade o indivíduo se obriga a conferir o seu celular a cada cinco minutos para saber se alguém o validou, afinal, como ser livre sem saber quantas curtidas a última postagem teve, sem saber se alguém compartilhou aquela frase que pelo julgamento desse mesmo indivíduo foi considerada genial, que honestamente, nem ele a julga assim ser.

Eis a grande ironia da liberdade moderna: quanto mais ela promete autonomia, mais o sujeito se torna escravo do olhar alheio. O limite não é meu, é do outro. A minha liberdade é concedida por ele. E veja que belo paradoxo: se não há limite, então se pode tudo, mas se pode tudo, o que realmente é escolhido sem restrição alguma?

A decisão não é uma escolha, é apenas uma reação ao fluxo ininterrupto de estímulos que nos chegam. Não se escolhe nada: seguimos a maré do algoritmo, das tendências, do que dizem como devemos pensar e sentir. A liberdade ilimitada nos aprisiona no fluxo eterno do imediato.

¹³ Os *influencers*, como personificações do sujeito de desempenho na psicopolítica neoliberal, são empreendedores de si que convertem a própria vida em produto, utilizando a sedução e a aparente autenticidade para comercializar expressões de liberdade como emoção e comunicação. Ao projetarem narrativas de sucesso inalcançáveis, eles ditam valores validados pela aprovação externa e, em um paradoxo de autoexposição, exploram a si mesmos em uma performance incessante. Sua função principal é perpetuar a lógica do sistema, transformando o seguidor na verdadeira mercadoria e internalizando qualquer fracasso em atingir o ideal de vida vendido como uma falha pessoal, em vez de uma crítica ao regime que o sustenta.

¹⁴ O *LinkedIn* representa a mais clara tradução da psicopolítica neoliberal para o universo das redes sociais, um palco onde o sujeito de desempenho expõe e otimiza seu "capital humano". A plataforma funciona como um mercado de si, no qual os indivíduos se apresentam não como pessoas em sua complexidade, mas como projetos profissionais em constante aprimoramento, competindo por visibilidade em um ambiente de concorrência total. Os perfis são narrativas de sucesso, uma compilação de habilidades, competências e conquistas que visam maximizar a própria empregabilidade. A comunicação é instrumental, e as interações são calculadas para gerar "*networking*", convertendo relações humanas em transações estratégicas. O *LinkedIn* encarna, assim, a era em que o indivíduo se explora voluntariamente acreditando que isso é realização, um espaço onde a vida profissional se funde com a pessoal sob o imperativo da performance ilimitada.

O tempo nesse cenário desaparece. A experiência de estar presente, de elaborar, de compreender algo a partir da própria materialidade se dissolve. O tempo real, o tempo que se poderia construir algo concreto, vira um tempo de espera: espera pelo próximo like, pelo próximo engajamento, pelo próximo projeto de si mesmo e pelo próximo impulso que fará com que se sinta momentaneamente relevante. Mas calma, o indivíduo pode dizer que é livre, que pode parar a qualquer momento, que pode desligar o celular ou até sair das redes sociais... pode, pode?

A sensação de liberdade irrestrita já acorrentou de maneira tão sutil que a única forma desse indivíduo se sentir livre é continuar dentro do jogo. Talvez a verdadeira liberdade não esteja na ausência de limites, mas no seu reconhecimento. Talvez, para ser livre, o indivíduo precise entender o seu limite. Não o imposto pelo outro, mas aquele que situa o indivíduo no tempo e no espaço. Um limite que permita sair desse fluxo e que devolva a possibilidade de escolher conscientemente sem precisar de uma aprovação externa para existir.

Dessa forma, é necessário entender que esse sistema neoliberal é sagaz no que se propõe quanto à liberdade. De acordo com o filósofo:

O neoliberalismo é um sistema muito eficiente - diria até inteligente - na exploração da liberdade: tudo aquilo que pertence às práticas e às formas de expressão da liberdade (como a emoção, o jogo e a comunicação) é explorado (HAN, 2018b, p. 11).

Ainda nessa mesma toada sobre a exploração da liberdade, percebemos que o sequestro desse conceito torna o indivíduo que o detém a se enxergar não apenas como sujeito, mas como objeto de si mesmo. De acordo com o autor:

O neoliberalismo, como mutação do capitalismo, torna o trabalhador um empreendedor. Não é a revolução comunista, e sim o neoliberalismo que elimina a exploração alheia da classe trabalhadora. Hoje, cada um é um trabalhador que explora a si mesmo para sua própria empresa. Cada um é senhor e servo é uma única pessoa (HAN, 2018b, p. 14).

Doravante o exposto, não se é permitido o erro, o desgosto, o fracasso, a incompetência nem a almejada excelência. Aos indivíduos que destes infortúnios sofrem, é instaurada não a punição alheia, mesmo que ocorram os cancelamentos ou outras formas de punição no meio digital, mas na prática da vivência, não existem

culpados alheios ao sujeito. Se sujeitar ao sistema é anular a responsabilidade do outro, afinal, sendo o indivíduo o senhor e o escravo, ele mesmo se tortura, retirando qualquer responsabilidade ao exterior.

Com isso, vemos que Han afirma,

Quem fracassa na sociedade neoliberal de desempenho, em vez de questionar a sociedade ou o sistema, considera a si mesmo como responsável e se envergonha por isso. Aí está a inteligência peculiar no regime neoliberal: não permite que emerga qualquer resistência ao sistema. (HAN, 2018b, p. 16)

Mediante isso, o indivíduo que não se sente como indivíduo de sucesso cobra cada vez mais a si mesmo, sofre cada vez mais consigo mesmo e dificulta o processo de satisfação consigo mesmo. Busca medidas para aumentar a sua performance. Utiliza métodos, terapias e fármacos que vendem uma ideia de aprimoramento, como afirma Han em:

A psicopolítica neoliberal inventa formas de exploração cada vez mais refinadas. Inúmeros workshops de gestão pessoal, fins de semana motivacionais, seminários de desenvolvimento pessoal e treinamentos de inteligência emocional prometem a otimização pessoal e o aumento da eficiência sem limites. (...) O imperativo neoliberal de otimização pessoal serve apenas a um funcionamento perfeito do sistema. Bloqueios, debilidades e erros devem ser removidos terapeuticamente para melhorar a eficiência e o desempenho (HAN, 2018b, p. 45).

Os espaços que delimitavam esses locais de aperfeiçoamento, como centros terapêuticos, clínicas estéticas e psíquicas, centros de convenções, etc., não seguram apenas dentro de suas paredes as suas técnicas: com a emergência das redes sociais, não é mais pedida a ajuda para o desempenho somente, mas os serviços e conselhos dos mais diversos tipos de profissionais que lucram tentando fazer com que uma massa amorfa de pessoas busquem o desempenho máximo ou que tentam amenizar o sentimento de debilidade se colocando dentro de um padrão que eles julgam ser o de quem possui sucesso: corpos, riqueza e uma psiquê que

eles julgam como sendo perfeitas¹⁵. Por meio dos dispositivos móveis, entram, sem pedir permissão, os mais variados discursos de melhoria de si mesmo.

Vendedores de um corpo perfeito, uma vida monetariamente confortável e de sonhos que, na grande parte, são inalcançáveis, se projetam travestidos de *influencers* que ditam os valores do que é bom, ruim, certo, errado, justo, belo etc. Valores que são midiáticos e midiaticizados pelo instante da rolagem de uma tela e que têm como objeto de venda não os seus conselhos ou produtos, mas os seguidores que os tratam como profetas profanos: o indivíduo, além de ser o senhor e o escravo, é também a mercadoria a ser negociada.

Com todo esse estado de coisas apresentadas até aqui, é que se faz necessária a valorização da velha, porém não caduca, companheira: a Filosofia. E num momento crucial para o indivíduo: a sua formação escolar.

¹⁵ Perfeito vem do Latim *perfectus*, “completo”, participio passado de *perficere*, “acabar, terminar, completar”, de *per-*, “completamente, de todo, sem faltar nada”, mais *facere*, “fazer, levar a efeito”. Portanto, “perfeito” implica em algo que foi totalmente realizado, sem faltar nada, ou que atingiu seu estado de máxima qualidade. Onde o ser humano entraria em um estado de perfeição se não for ao estado da morte? Seremos perfectíveis, um adjetivo que define aquilo que pode ser melhorado; aperfeiçoado; que está sujeito a melhorias ou aperfeiçoamentos poderia ser uma palavra melhor utilizada nesse caso? A utilização desse esquema de palavras coloca uma situação filosófica à tona: seríamos perfeitos apenas quando não somos mais quem somos? E se sim, então quem nós nos tornaríamos depois dessa morte do Eu em favor do que não pode ser mais mudado (o que é perfeito)?

3 O ENSINO NA SOCIEDADE DO CANSAÇO

A contemporaneidade tem sido marcada por profundas transformações nas estruturas sociais, econômicas e culturais que reverberam diretamente nas instituições educacionais e nas formas de ensinar e aprender. Nesse contexto, as reflexões propostas pelo filósofo sul-coreano Byung-Chul Han oferecem um arcabouço teórico singular para compreender as nuances dessas mudanças, especialmente no que tange à transição de uma sociedade disciplinar para uma sociedade do desempenho e suas implicações para o campo educacional.

Han (2017) apresenta, em sua obra “Sociedade do Cansaço”, uma análise incisiva da sociedade contemporânea, argumentando que vivemos em uma época caracterizada pelo excesso de positividade, pela autoexploração e pelo esgotamento generalizado. Segundo o autor, o paradigma imunológico que caracterizava o século XX, fundamentado na dialética entre o próprio e o estranho, entre o interior e o exterior, cedeu lugar a um paradigma neuronal, no qual as enfermidades predominantes não são mais infecciosas ou bacteriológicas, mas neuronais: depressão, transtorno de déficit de atenção com hiperatividade (TDAH), síndrome de burnout e outras manifestações do cansaço profundo que acomete os indivíduos.

Essa mudança paradigmática não se restringe ao campo da saúde, mas permeia todas as esferas da vida social, incluindo a educação. A transição da sociedade disciplinar, analisada por Michel Foucault, para a sociedade do desempenho, conforme proposto por Han, representa uma reconfiguração fundamental nas relações de poder e nos mecanismos de controle social que inevitavelmente afetam as práticas educativas e a formação dos sujeitos.

Na sociedade disciplinar, as instituições educacionais operavam como dispositivos de normalização, estabelecendo fronteiras claras entre o normal e o anormal, o permitido e o proibido. A escola, nesse contexto, funcionava como um espaço de confinamento e vigilância, onde os corpos e as mentes eram disciplinados por meio de técnicas específicas de poder. A negatividade da proibição e do dever constituía o princípio organizador dessa sociedade.

Em contrapartida, a sociedade do desempenho, que emerge no século XXI, caracteriza-se pela positividade do “poder fazer” e pela eliminação gradual das estruturas disciplinares. Nesse novo cenário, o imperativo do desempenho substitui

o imperativo do dever, e a autoexploração voluntária toma o lugar da exploração externa. Os indivíduos, agora “empresários de si mesmos”, são impelidos a maximizar sua produtividade e a otimizar constantemente seus resultados, em uma busca incessante por autossuperação.

Essa transformação social repercute diretamente no âmbito educacional. A escola e a universidade, antes instituições disciplinares por excelência, são agora confrontadas com a lógica do desempenho e da produtividade. Os estudantes, por sua vez, são submetidos a uma pressão constante para demonstrar resultados, acumular certificações e desenvolver competências múltiplas que os tornem competitivos no mercado de trabalho. O imperativo do “Yes, we *can*”¹⁶, mencionado por Han, traduz-se em uma exigência permanente de superação dos próprios limites, que frequentemente conduz ao esgotamento e ao adoecimento.

A relevância de analisar a educação sob a ótica da sociedade do cansaço reside na possibilidade de compreender as contradições e os desafios que emergem desse novo paradigma. Se, por um lado, a positividade do “poder fazer” parece libertar os indivíduos das amarras disciplinares, por outro, ela instaura uma forma mais sutil e eficaz de controle, baseada na sobre-exploração e na interiorização das demandas sociais. No contexto educacional, essa dinâmica se manifesta na crescente pressão por desempenho, na aceleração dos processos de aprendizagem e na valorização excessiva da produtividade em detrimento da reflexão e da contemplação.

A transição da sociedade disciplinar, analisada por Michel Foucault, para o que Han denomina “sociedade do desempenho”, trouxe consigo novas formas de controle e exploração que, paradoxalmente, se apresentam sob o signo da liberdade e da autorrealização. No âmbito educacional, essa transição se manifesta na crescente pressão por resultados, na competitividade exacerbada e na internalização de demandas por produtividade constante, fenômenos que têm levado estudantes e educadores a um estado de esgotamento físico e mental.

Diante desse cenário, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) surge como um documento normativo que busca orientar os processos educacionais no

¹⁶Essa expressão foi criada no dia 02 de fevereiro 2008 sobre o discurso *Yes We Can* do então candidato à presidência do Estados Unidos da América, Barack Obama (Presidente dos EUA 2009-2017) nas primárias de New Hampshire.

Brasil, estabelecendo competências e habilidades essenciais para a formação integral dos estudantes. No campo das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, a BNCC propõe o desenvolvimento de habilidades que permitem aos estudantes analisar criticamente a realidade social, analisar diferentes fontes e narrativas, e elaborar argumentos fundamentados sobre questões contemporâneas.

A Filosofia, como componente curricular das Ciências Humanas, desempenha um papel crucial nesse processo, oferecendo ferramentas conceituais para questionar as estruturas sociais vigentes e imaginar alternativas possíveis. Ao promover o pensamento crítico e reflexivo, a Filosofia possibilita aos estudantes reconhecerem os mecanismos de autoexploração característicos da sociedade do desempenho e desenvolverem formas de resistência a eles.

3.1 O ESTUDANTE NA SOCIEDADE DO CANSAÇO

No cenário hodierno da sociedade do desempenho, conforme formulada por Byung-Chul Han (HAN, 2017), o estudante emerge como uma figura emblemática dos paradoxos e contradições que caracterizam nossa época. Submetido simultaneamente às estruturas disciplinares tradicionais da instituição escolar e aos imperativos de desempenho, produtividade e autossuperação da sociedade contemporânea, o estudante encontra-se em uma posição particularmente vulnerável aos efeitos nocivos do que Han denomina "excesso de positividade".

O estudante, especialmente no nível médio, é imerso em um contexto social e cultural que valoriza excessivamente o desempenho, a produtividade e a eficiência. Diferentemente do estudante da sociedade disciplinar, cuja principal tarefa era adequar-se às normas e regras institucionais - pois, como explica Foucault, 'a disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos dóceis' através de 'uma coerção ininterrupta, constante, que vela sobre os processos da atividade mais que sobre seu resultado' (FOUCAULT, 1999, p. 164) -, o estudante da sociedade do desempenho é constantemente convocado a superar-se, a maximizar seu potencial e a destacar-se em múltiplas áreas simultaneamente. Como observa Han (2017, p. 25), "a positividade do poder é bem mais eficiente que a negatividade do dever", o que significa que o imperativo da autossuperação é capaz de extrair do sujeito uma produtividade muito maior do que a mera obediência às regras.

No contexto educacional brasileiro, esta lógica do desempenho manifesta-se de diversas formas. Por um lado, os estudantes são submetidos a uma crescente pressão por resultados mensuráveis, expressos em notas, rankings e avaliações padronizadas tanto interna quanto externamente.

Por outro lado, são incentivados a desenvolver um conjunto cada vez mais amplo de competências e habilidades, que vão desde o domínio de conteúdos curriculares tradicionais até o desenvolvimento de "*soft skills*"¹⁷ valorizadas pelo mercado de trabalho, como criatividade, liderança e capacidade de trabalho em equipe. Além disso, espera-se que participem de atividades extracurriculares, projetos sociais, olimpíadas de conhecimento e outras iniciativas que possam enriquecer seu currículo e destacá-los no competitivo processo de seleção para o ensino superior ou para o mercado de trabalho.

O resultado deste cenário é a configuração de um perfil de estudante constantemente pressionado a ser mais produtivo, mais eficiente e mais versátil. Como afirma Han (2017, p. 27), "o sujeito de desempenho está livre da instância externa de domínio que o obriga a trabalhar ou que poderia explorá-lo. É senhor e soberano de si mesmo. Assim, não está submisso a ninguém ou está submisso apenas a si mesmo". Esta aparente liberdade, no entanto, esconde uma forma mais sutil e eficaz de exploração: a autoexploração.

3.1.1 A autoexploração e o imperativo da autossuperação entre os jovens

A autoexploração constitui um dos aspectos mais perversos da sociedade do desempenho, especialmente quando se manifesta entre os jovens estudantes. Diferentemente da exploração tradicional, que opera por meio da coerção externa, a autoexploração funciona por meio da internalização dos imperativos de produtividade e eficiência. O estudante torna-se, simultaneamente, explorador e explorado, carrasco e vítima de si mesmo.

Han observa que:

¹⁷As *soft skills* podem ser definidas como as habilidades comportamentais utilizadas nos relacionamentos interpessoais, que podem afetar positivamente os resultados. Também pode-se afirmar que as *soft skills* estão intimamente ligadas com a inteligência emocional.

O sujeito de desempenho, que está livre da instância externa do domínio que o obriga a trabalhar ou que poderia explorá-lo. É senhor e soberano de si mesmo. Assim, não está submisso a ninguém, ou está submisso apenas a si mesmo (HAN, 2017, p. 29).

Esta dinâmica é particularmente evidente no contexto educacional, onde os estudantes frequentemente se impõem jornadas extenuantes de estudo, privam-se de momentos de lazer e descanso, e submetem-se a níveis crescentes de autocobrança em nome do sucesso acadêmico e profissional.

O imperativo da autossuperação manifesta-se também na crescente competitividade entre os estudantes. Em um contexto de recursos escassos e oportunidades limitadas e uma valorização de um discurso meritocrático como o sistema neoliberal, os jovens são incentivados a destacar-se, a diferenciar-se, a construir um "diferencial competitivo" que os coloque em vantagem em relação aos seus pares. Esta lógica competitiva, que reproduz no ambiente escolar os valores do mercado, contribui para a erosão dos laços de solidariedade e para o fortalecimento de uma visão individualista da educação e do sucesso.

3.2 A BNCC E AS CIÊNCIAS HUMANAS COMO FERRAMENTAS DE RESISTÊNCIA

No contexto da sociedade do cansaço, conforme teorizada por Byung-Chul Han, a educação enfrenta o desafio de ir além da simples adaptação às transformações sociais e tecnológicas contemporâneas, afirmando-se como território de resistência pedagógica aos aspectos mais nocivos dessas transformações. Neste cenário, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e, particularmente, a área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, emergem como instrumentos potencialmente valiosos para a formação de sujeitos capazes de compreender criticamente a sociedade do desempenho e elaborar formas de resistência a seus imperativos.

3.2.1 A importância da BNCC na formação integral do estudante

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento normativo que define o conjunto de aprendizagens essenciais que todos os estudantes devem

desenvolver ao longo da Educação Básica, representa um esforço significativo de sistematização e orientação do processo educacional brasileiro. Embora tenha sido objeto de debates e críticas, a BNCC estabelece um conjunto de competências e habilidades que, se adequadamente implementadas, podem contribuir para uma formação integral que vai além da mera preparação para o mercado de trabalho ou para os exames de acesso ao ensino superior.

Na conjuntura da sociedade do cansaço, a BNCC assume uma importância particular ao propor uma formação que não se restringe ao desenvolvimento de competências técnicas e instrumentais, mas que abrange também dimensões éticas, estéticas, políticas e existenciais. Como observa Han,

a sociedade do desempenho e a sociedade ativa geram um cansaço e um esgotamento excessivos. [...] Esses estados psíquicos são característicos de um mundo que se tornou pobre em negatividade e que é dominado por um excesso de positividade (HAN, 2017, p. 70).

Diante deste diagnóstico, uma educação integral, que valorize não apenas a produtividade e a eficiência, mas também o pensamento crítico-reflexivo, a sensibilidade estética e a consciência ética emergem como uma possibilidade de resistência ao imperativo unilateral do desempenho.

A BNCC estabelece dez competências gerais que devem ser desenvolvidas ao longo de toda a Educação Básica, abrangendo dimensões cognitivas, socioemocionais e éticas. Entre estas competências, destacam-se aquelas que podem contribuir diretamente para a formação de sujeitos capazes de resistir criticamente à lógica da sociedade do cansaço, como a competência 1 (Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.), a competência 6 (Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade), a competência 8 (Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e

reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas. e a competência 10 (Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários).

No Ensino Médio, estas competências gerais desdobram-se em competências específicas para cada área do conhecimento. Na área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, que abrange os componentes curriculares de História, Geografia, Sociologia e Filosofia, a BNCC estabelece seis competências específicas, que se desdobram em habilidades mais concretas. Estas competências e habilidades, se adequadamente implementadas, podem oferecer aos estudantes ferramentas conceituais e metodológicas para compreender criticamente a sociedade contemporânea e seus desafios.

3.2.2 O papel da Filosofia e das Ciências Humanas na compreensão crítica da sociedade do cansaço

As Ciências Humanas, e particularmente a Filosofia, ocupam um lugar privilegiado na formação de sujeitos capazes de compreender criticamente a sociedade do cansaço e elaborar formas de resistência a seus imperativos. Enquanto as ciências naturais e as disciplinas técnicas frequentemente operam dentro da lógica instrumental da eficiência e da produtividade, as Ciências Humanas oferecem ferramentas conceituais para questionar esta lógica e explorar suas implicações éticas, políticas e existenciais.

A Filosofia, em particular, com sua tradição de questionamento radical e reflexão crítica, constitui um contraponto valioso à aceleração temporal e à superficialidade que caracterizam a sociedade contemporânea. Como observa Han:

Por falta de repouso, nossa civilização caminha para uma nova barbárie. Em nenhuma outra época os ativos, isto é, os inquietos, valeram tanto. Assim, pertence às correções necessárias a serem tomadas quanto ao caráter da humanidade fortalecer em grande medida o elemento contemplativo. (HAN 2017, p. 37).

Neste encadeamento, a Filosofia, com sua valorização da contemplação, da reflexão profunda e do pensamento crítico, emerge como um espaço potencial de resistência à lógica da aceleração e da produtividade incessante.

Na conjectura educacional brasileiro, a Filosofia enfrenta desafios significativos, relacionados tanto à sua legitimação institucional quanto às condições concretas de seu ensino. A reforma do Ensino Médio, implementada pela Lei nº 13.415/2017, alterou significativamente o lugar da Filosofia no currículo, transformando-a de disciplina obrigatória em "estudos e práticas" que devem ser incluídos na formação geral básica, porém o filosofar não deve ser resumido a estudos e práticas apenas: tentar reduzir a relevância da Filosofia não anula o fato dela ser o que ela é e o que ela pode vir a ser. Mais do que isso, até podem tentar retirar a relevância dela, porém, ela é imperativa, não porque seja da sua natureza, mas pela beleza da sua natureza.

A BNCC, ao estabelecer competências e habilidades específicas para a área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, oferece um quadro normativo que pode orientar o ensino da Filosofia e das demais disciplinas da área em direção a uma formação crítica e reflexiva. As competências específicas da área, como:

- Competência 1: "Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir de procedimentos epistemológicos e científicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente com relação a esses processos e às possíveis relações entre eles." (BRASIL, 2018, p. 559)
- Competência 2: "Analisar a formação de territórios e fronteiras em diferentes tempos e espaços, mediante a compreensão dos processos sociais, políticos, econômicos e culturais geradores de conflito e negociação, desigualdade e igualdade, exclusão e inclusão e de situações que envolvam o exercício arbitrário do poder." (BRASIL, 2018, p. 561)
- Competência 5: "Reconhecer e combater as diversas formas de desigualdade e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos." (BRASIL, 2018, p. 564)

Essas competências apontam para uma formação que vai além da mera transmissão de conteúdos, buscando desenvolver nos estudantes a capacidade de análise crítica da realidade social.

Na situação específica da sociedade do cansaço, as Ciências Humanas, e particularmente a Filosofia, podem oferecer aos estudantes ferramentas conceituais para compreender os mecanismos da sociedade do desempenho, analisar criticamente o imperativo da produtividade e da autossuperação, e elaborar formas de resistência ao excesso de positividade que caracteriza a contemporaneidade.

3.2.3 Análise das habilidades específicas da BNCC e sua relação com a temática

A BNCC estabelece um conjunto de habilidades específicas para a área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas no Ensino Médio, que se desdobram das competências gerais e específicas. Estas habilidades, identificadas por códigos alfanuméricos, especificam de forma mais concreta os conhecimentos, atitudes e valores que os estudantes devem desenvolver. Analisaremos a seguir as habilidades específicas por serem as que mais se encaixam no que esse trabalho deseja explorar. (EM13CHS101, EM13CHS103, EM13CHS202, EM13CHS401, EM13CHS404, EM13CHS503, EM13CHS504) e sua relação com a temática da sociedade do cansaço.

A habilidade EM13CHS101 consiste em "identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais". Esta habilidade é fundamental para a compreensão crítica da sociedade do cansaço, pois permite aos estudantes analisar diferentes narrativas sobre a contemporaneidade, identificando seus pressupostos, implicações e limitações. No contexto da sociedade do cansaço, esta habilidade pode ser mobilizada para analisar criticamente os discursos dominantes sobre produtividade, eficiência e sucesso, que frequentemente naturalizam o imperativo do desempenho e obscurecem seus efeitos nocivos.

A habilidade EM13CHS103 consiste em "elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de natureza qualitativa e quantitativa (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos, gráficos, mapas, tabelas

etc.)". Esta habilidade é essencial para a formação de sujeitos capazes de analisar criticamente a sociedade do cansaço, pois desenvolve a capacidade de elaborar argumentos fundamentados em evidências, superando o senso comum e as opiniões não refletidas. No contexto da sociedade do cansaço, esta habilidade pode ser mobilizada para investigar empiricamente os efeitos do imperativo do desempenho na vida dos estudantes e da comunidade escolar.

A habilidade EM13CHS202 consiste em "analisar e avaliar os impactos das tecnologias na estruturação e nas dinâmicas de grupos, povos e sociedades contemporâneos (fluxos populacionais, financeiros, de mercadorias, de informações, de valores éticos e culturais etc.), bem como suas interferências nas decisões políticas, sociais, ambientais, econômicas e culturais". Esta habilidade é particularmente relevante para a compreensão da sociedade do cansaço, que está intrinsecamente ligada às transformações tecnológicas contemporâneas. Como observa Han:

O excesso de trabalho e desempenho agudiza-se numa autoexploração. Essa é mais eficiente que uma exploração do outro, pois caminha de mãos dadas com o sentimento de liberdade. O explorador é ao mesmo tempo o explorado. Agressor e vítima não podem mais ser distinguidos (HAN, 2017, p. 2).

No contexto educacional, esta habilidade pode ser mobilizada para analisar criticamente os impactos das tecnologias digitais na experiência de aprendizagem.

A habilidade EM13CHS401 consiste em "identificar e analisar as relações entre sujeitos, grupos e classes sociais diante das transformações técnicas, tecnológicas e informacionais e das novas formas de trabalho ao longo do tempo, em diferentes espaços e contexto". Esta habilidade é fundamental para compreender como a sociedade do cansaço se manifesta de formas distintas em diferentes contextos sociais, culturais e econômicos. No contexto educacional brasileiro, marcado por profundas desigualdades, esta habilidade é particularmente relevante.

A habilidade EM13CHS404 consiste em "identificar e discutir os múltiplos aspectos do trabalho em diferentes circunstâncias e contextos históricos e/ou geográficos e seus efeitos sobre as gerações, em especial, os jovens, levando em consideração, na atualidade, as transformações técnicas, tecnológicas e

informacionais". Esta habilidade é particularmente relevante para a compreensão da sociedade do cansaço, que está intrinsecamente ligada às transformações nas relações de trabalho e produção. No contexto educacional, esta habilidade pode ser mobilizada para analisar criticamente as transformações no mundo do trabalho e suas implicações para a formação dos jovens.

A habilidade EM13CHS503 consiste em "identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas causas, significados e usos políticos, sociais e culturais, avaliando e propondo mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos". Esta habilidade é fundamental para compreender os aspectos mais nocivos da sociedade do cansaço, que se manifestam como formas específicas de violência psicológica e simbólica. Han (2017, p. 20) afirma que a sociedade contemporânea é caracterizada por uma "violência neuronal", que não opera por meio da negatividade e da coerção externa, mas por meio do excesso de positividade e da autoexploração.

A habilidade EM13CHS504 consiste em "analisar e avaliar os impasses ético-políticos decorrentes das transformações científicas e tecnológicas no mundo contemporâneo e seus desdobramentos nas atitudes e nos valores de indivíduos, grupos sociais, sociedades e culturas." Esta habilidade é essencial para a compreensão crítica da sociedade do cansaço, que coloca desafios éticos e políticos significativos para indivíduos e coletividades. A sociedade do desempenho, com seu imperativo de produtividade incessante e autossuperação constante, gera impasses éticos e políticos profundos. Por um lado, promete liberdade, autonomia e realização pessoal; por outro, produz esgotamento, alienação e sofrimento psíquico.

Tabela 1 — Quadro síntese da descrição das Habilidades, relevância para a Sociedade do Cansaço e aplicação no contexto

Habilidade	Descrição da Habilidade	Relevância para a Sociedade do Cansaço	Aplicação no Contexto
EM13CHS101	Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e	Permite analisar criticamente as narrativas	Analisar discursos dominantes sobre

Tabela 1 — Quadro síntese da descrição das Habilidades, relevância para a Sociedade do Cansaço e aplicação no contexto

Habilidade	Descrição da Habilidade	Relevância para a Sociedade do Cansaço	Aplicação no Contexto
	narrativas (diversas linguagens) para compreender ideias filosóficas, processos e eventos.	sobre a contemporaneidade, identificando pressupostos e implicações dos discursos sobre desempenho.	produtividade, eficiência e sucesso, questionando sua naturalização.
EM13CHS103	Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos sobre processos políticos, econômicos, sociais, etc., com base em dados.	Desenvolve a capacidade de argumentar com base em evidências, superando o senso comum sobre a "sociedade do cansaço".	Investigar empiricamente os efeitos do imperativo do desempenho na vida dos estudantes e da comunidade.
EM13CHS202	Analisar e avaliar os impactos das tecnologias nas dinâmicas sociais, culturais, políticas e econômicas.	A "sociedade do cansaço" está ligada às tecnologias; permite analisar a autoexploração como efeito tecnológico (HAN).	Analisar criticamente os impactos das tecnologias digitais na experiência de aprendizagem e na autoexploração.
EM13CHS401	Identificar e analisar as relações sociais diante das transformações técnicas, tecnológicas e novas formas de trabalho.	Ajuda a compreender como a "sociedade do cansaço" se manifesta de forma diferente em contextos desiguais.	Analisar como as desigualdades sociais (ex: Brasil) influenciam as manifestações da "sociedade do cansaço".
EM13CHS404	Identificar e discutir os	A "sociedade do cansaço"	Analisar criticamente

Tabela 1 — Quadro síntese da descrição das Habilidades, relevância para a Sociedade do Cansaço e aplicação no contexto

Habilidade	Descrição da Habilidade	Relevância para a Sociedade do Cansaço	Aplicação no Contexto
	múltiplos aspectos do trabalho (históricos/geográficos) e seus efeitos, considerando as transformações atuais.	está intrinsecamente ligada às mudanças nas relações de trabalho e produção.	as transformações no mundo do trabalho e suas implicações para a formação e o futuro dos jovens.
EM13CHS503	Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica), suas causas e propor formas de combatê-las com base ética.	Permite compreender a "sociedade do cansaço" como geradora de violência psicológica e simbólica ("violência neuronal" - HAN).	Identificar e combater as formas de violência (especialmente psicológica) decorrentes do excesso de positividade e autoexploração.
EM13CHS504	Analisar e avaliar os impasses ético-políticos das transformações científico-tecnológicas e seus desdobramentos.	Essencial para entender os desafios éticos (liberdade vs. esgotamento) colocados pela sociedade do desempenho.	Discutir os dilemas éticos e políticos entre a promessa de realização pessoal e a realidade de esgotamento e alienação.

Fonte: O autor (2025).

3.3 PERSPECTIVAS E POSSIBILIDADES PARA A EDUCAÇÃO NA SOCIEDADE DO CANSAÇO

Diante dos desafios apresentados pela sociedade do cansaço no contexto educacional, torna-se fundamental não apenas compreender criticamente os

mecanismos da sociedade do desempenho, mas também explorar perspectivas e possibilidades concretas para uma educação que resista a seus aspectos mais nocivos. Intentarei delinear caminhos possíveis para repensar os modelos educacionais diante dos desafios contemporâneos, propondo estratégias pedagógicas que possam contribuir para a formação de sujeitos capazes de resistir criticamente aos imperativos da sociedade do cansaço.

3.3.1 Repensar os modelos educacionais diante dos desafios da sociedade do cansaço

Os modelos educacionais predominantes no Brasil, ainda fortemente influenciados por paradigmas disciplinares e produtivistas, frequentemente reproduzem e intensificam a lógica da sociedade do desempenho, contribuindo para o esgotamento e o sofrimento psíquico dos estudantes. Diante deste cenário, torna-se urgente repensar estes modelos, buscando alternativas que valorizem não apenas a eficiência e a produtividade, mas também o bem-estar, a reflexão crítica e a formação integral dos estudantes.

Repensar os modelos educacionais implica, fundamentalmente, reintroduzir espaços de negatividade – de pausa, contemplação e reflexão – no processo educacional, contrapondo-se à aceleração temporal e à hiperatividade que caracterizam a sociedade contemporânea.

Um primeiro passo nesta direção é questionar a lógica da maximização do desempenho que orienta muitas políticas e práticas educacionais. Esta lógica, que se expressa na valorização excessiva de resultados mensuráveis, na competição entre estudantes e instituições, e na pressão constante por melhoria de indicadores, frequentemente compromete a qualidade da experiência educacional e o bem-estar dos estudantes. Repensar os modelos educacionais implica, portanto, deslocar o foco dos resultados para os processos, valorizando a qualidade da experiência de aprendizagem e o desenvolvimento integral dos estudantes.

Um segundo passo importante é repensar a relação com o tempo no processo educacional. A aceleração temporal, característica da sociedade contemporânea, manifesta-se no contexto educacional na forma de currículos sobrecarregados, prazos apertados e pressão constante por produtividade.

Repensar os modelos educacionais implica desacelerar o processo de ensino-aprendizagem, criando espaços para a reflexão, a elaboração pessoal do conhecimento e a experiência significativa. Como observa (ROSA, 2019), a desaceleração não é necessariamente uma diminuição quantitativa do ritmo, mas uma transformação qualitativa da experiência temporal, que permite uma relação mais profunda e significativa com o mundo.

Um terceiro passo fundamental é repensar a relação com as tecnologias digitais no processo educacional. A hiperconectividade, característica da sociedade contemporânea, oferece possibilidades valiosas para a educação, mas também apresenta desafios significativos relacionados à dispersão da atenção, à superficialidade do conhecimento e à intensificação do imperativo do desempenho. Reconfigurar os modelos educacionais exige a construção de estratégias pedagógicas que integrem as tecnologias digitais de forma consciente e emancipatória, potencializando suas contribuições educativas enquanto resistem aos mecanismos de controle e aceleração que caracterizam a sociedade do cansaço.

3.3.2 A valorização do tempo contemplativo e do ócio criativo no processo educacional

Um aspecto fundamental para repensar a educação na sociedade do cansaço é a valorização do tempo contemplativo e do ócio criativo no processo educacional. Esta transição tem implicações profundas para o processo educacional, que tradicionalmente valoriza a contemplação, a reflexão e o pensamento profundo - entendido como a capacidade de estabelecer conexões complexas entre conceitos, de questionar pressupostos e de desenvolver compreensões que transcendem a mera reprodução de informações.

A contemplação, entendida como a capacidade de demorar-se junto ao objeto de conhecimento, de observá-lo atentamente e de refletir profundamente sobre ele, é fundamental para a aprendizagem significativa - aquela que permite ao sujeito não apenas assimilar conteúdos, mas transformá-los em conhecimento próprio, estabelecendo relações com sua experiência de vida e desenvolvendo uma

compreensão crítica da realidade. No entanto, a aceleração temporal, a fragmentação da atenção e a valorização excessiva da produtividade imediata comprometem esta capacidade contemplativa, favorecendo formas mais superficiais e instrumentais de relação com o conhecimento.

Valorizar o tempo contemplativo no processo educacional implica, em primeiro lugar, reconhecer a importância da pausa, do silêncio e da desaceleração para a aprendizagem significativa. Atividades que exigem concentração prolongada, reflexão profunda e elaboração pessoal do conhecimento – como a leitura atenta de textos complexos, a escrita reflexiva, a resolução de problemas desafiadores – requerem um tempo qualitativo que não pode ser comprimido ou acelerado sem comprometer a qualidade da experiência.

Em segundo lugar, valorizar o tempo contemplativo implica reconhecer a importância do ócio criativo – não como mera inatividade ou preguiça, mas como um espaço de liberdade e criatividade que escapa à lógica instrumental da produtividade. Como observa (MASI, 2012), o ócio criativo é um estado mental que combina trabalho, estudo e jogo, permitindo a emergência de ideias originais e soluções inovadoras. No contexto educacional, o ócio criativo pode manifestar-se em momentos de exploração livre, experimentação e descoberta, que não estão diretamente orientados para resultados mensuráveis, mas que podem ser extremamente férteis para a aprendizagem e o desenvolvimento.

Em terceiro lugar, valorizar o tempo contemplativo implica reconhecer a importância da experiência estética – da apreciação da arte, da natureza, da beleza – como dimensão fundamental da formação humana (HAN, 2022, p.143). A experiência estética, que exige uma atitude contemplativa e desinteressada, oferece um contraponto valioso à instrumentalização e à aceleração que caracterizam a sociedade do desempenho. No contexto educacional, a valorização da experiência estética pode manifestar-se na incorporação significativa das artes no currículo, na criação de espaços e momentos dedicados à apreciação estética, e no reconhecimento da dimensão estética presente em todas as áreas do conhecimento.

3.3.3 O desenvolvimento de práticas pedagógicas que promovam a reflexão crítica e a autonomia

A reflexão crítica, fundamentada nos conceitos de Byung-Chul Han sobre a sociedade do cansaço, constitui a capacidade de analisar as estruturas de poder que operam através da autoexploração e do imperativo do desempenho. Os critérios para desenvolver essa capacidade crítica incluem: primeiro, o reconhecimento da negatividade como elemento constitutivo da experiência humana; segundo, a identificação dos mecanismos psicopolíticos que transformam liberdade em coação; terceiro, a compreensão de como o neoliberalismo produz sujeitos que se autoexploram acreditando serem livres.

No contexto educacional, o desenvolvimento dessa reflexão crítica implica estratégias pedagógicas específicas: a valorização do tempo contemplativo que permite o pensamento profundo; o estímulo ao questionamento dos discursos de produtividade e eficiência; a análise crítica das tecnologias digitais como instrumentos de controle psicopolítico; e a problematização das narrativas de sucesso individual. Estes constituem os critérios metodológicos para desenvolver a capacidade crítica no aluno, em contraposição a práticas educacionais que reproduzem a lógica do desempenho - práticas que privilegiam a memorização, a reprodução e a aplicação mecânica de conhecimentos e que fazem do aluno 'ao mesmo tempo prisioneiro e vigia, vítima e agressor' (HAN, 2017, p. 47). Assim, os conceitos centrais para a análise crítica da sociedade incluem: sociedade do cansaço, psicopolítica e negatividade - ferramentas conceituais que permitem ao estudante compreender e resistir aos imperativos da sociedade do desempenho. - ferramentas conceituais que permitem ao estudante compreender e resistir aos imperativos da sociedade do desempenho. Diante deste diagnóstico, o desenvolvimento da reflexão crítica e da autonomia emerge como uma estratégia fundamental para resistir à lógica da sociedade do desempenho.

Para embasar a necessidade de práticas pedagógicas que reconheçam a alteridade levo aqui o que o autor já anunciava quando afirmou: "a cultura pressupõe um ambiente em que seja possível uma atenção profunda" (HAN, 2017, p. 33). Onde ele fundamenta a necessidade de criar práticas pedagógicas que cultivem a atenção profunda como resistência à dispersão característica da sociedade do desempenho.

A reflexão crítica, entendida como a capacidade de analisar, questionar e avaliar ideias, argumentos e práticas sociais, constitui uma ferramenta fundamental para compreender os mecanismos da sociedade do desempenho e resistir a seus

imperativos. No contexto educacional, o desenvolvimento da reflexão crítica implica a valorização de práticas pedagógicas que estimulem o questionamento, a problematização e a análise aprofundada, em contraposição a práticas que privilegiam a memorização, a reprodução e a aplicação mecânica de conhecimentos e que façam do aluno "ao mesmo tempo prisioneiro e vigia, vítima e agressor" (HAN, 2017, p. 47). Repito essa citação de Han pois ela é fundamental para uma reflexão sobre a condição do sujeito na sociedade do cansaço e que oferece fundamento para compreender como práticas educativas podem reproduzir ou resistir à lógica da autoexploração na busca de não se colocar como os papeis já supracitados.

A autonomia, entendida não como o individualismo exacerbado que caracteriza a sociedade do desempenho nem como a ilusão neoliberal de autossuficiência, mas como capacidade de autodeterminação consciente e responsável, constitui uma dimensão fundamental da formação humana. No contexto da sociedade do desempenho, a autonomia assume uma importância particular, pois permite aos sujeitos resistirem criticamente aos imperativos externos e internos de produtividade e eficiência e não se colocarem como joguetes nesse existir, pois "O sujeito submisso nunca é consciente de sua submissão" (HAN, 2018b, p. 26). No contexto educacional, o desenvolvimento da autonomia implica a valorização de práticas pedagógicas que estimulem a tomada de decisão, a responsabilidade e a autogestão da aprendizagem, em contraposição a práticas que privilegiam a obediência, a passividade e a dependência.

Precisamos criar autonomia para não sucumbirmos à caça de informações, em que Han afirma:

Hoje nós corremos atrás de informações sem obter nenhum *saber*. Tomamos ciência de tudo sem chegar a nenhum *conhecimento*. Vamos a todos os lugares sem obter nenhuma *experiência*. Nós nos comunicamos ininterruptamente, sem participar de nenhuma *comunidade*. Armazenamos imensas quantidades de dados sem buscar *memórias*. Acumulamos *friends* e *followers* sem toparmos com *outros*. (HAN, 2022, p.23)

A Educação, e principalmente a Filosofia, têm que buscar essa capacidade reflexiva que apresente uma realidade que não seja apenas as ditadas por essa sociedade do desempenho, mas que ofereça outras formas para os alunos de enxergarem o mundo e a si mesmos como entes ativos e presentes no tempo presente para poder assim, se permitir encontrar com o Outro. Entretanto, como

estamos aqui falando de práticas pedagógicas de Filosofia, é necessário pensar em quais práticas podem ser úteis nessa tarefa.

Para operacionalizar uma pedagogia da resistência que desenvolva a reflexão crítica e a autonomia consciente no contexto da sociedade do cansaço, propõem-se as seguintes estratégias pedagógicas:

O uso de metodologias ativas de aprendizagem: abordagens como a aprendizagem baseada em problemas, a aprendizagem baseada em projetos e a sala de aula invertida, que colocam o estudante como protagonista do processo de aprendizagem, pode contribuir significativamente para o desenvolvimento da autonomia e da reflexão crítica.

Comunidades de investigação: Inspiradas na proposta de Lipman (1989) de 'Filosofia para Crianças' e nas contribuições de Walter Kohan para o contexto latino-americano, as comunidades de investigação são espaços de diálogo e reflexão coletiva, onde os estudantes são incentivados a formular perguntas, analisar argumentos e construir conhecimento de forma colaborativa. Como destaca Kohan, a filosofia com crianças deve ser pensada não apenas como método, mas como 'uma prática de pensamento que se constrói no encontro, no diálogo, na experiência compartilhada' (KOHAN, 2018, p. 45).

Práticas de leitura e escrita reflexivas: A leitura atenta e crítica de textos complexos, seguida de discussão e elaboração escrita, constitui uma prática fundamental para o desenvolvimento da reflexão crítica e da autonomia intelectual.

Projetos de intervenção social: Projetos que envolvem a identificação de problemas reais da comunidade e a elaboração de propostas de intervenção podem contribuir significativamente para o desenvolvimento da autonomia e da consciência crítica. Estes projetos devem ser orientados por critérios que promovam uma consciência de classe, ou seja, a compreensão de como as desigualdades sociais são produzidas e mantidas pelas estruturas econômicas e políticas da sociedade do desempenho. Os critérios incluem: primeiro, a análise das condições materiais de existência da comunidade e sua relação com os imperativos neoliberais; segundo, a identificação de como a lógica do desempenho individual mascara problemas estruturais coletivos; terceiro, o desenvolvimento de propostas que questionem não apenas os sintomas, mas as causas sistêmicas dos problemas sociais. Assim, além de promover o engajamento cívico e a responsabilidade social, estes projetos

cultivam uma compreensão crítica de que os problemas individuais são, frequentemente, manifestações de contradições sociais mais amplas, desenvolvendo nos estudantes a capacidade de pensar coletivamente e de forma estrutural sobre as questões sociais.

Práticas de autoavaliação e metacognição: Atividades que estimulam os estudantes a refletirem sobre seu próprio processo de aprendizagem, identificando dificuldades, estratégias eficazes e áreas de melhoria, podem contribuir significativamente para o desenvolvimento da autonomia e da autorregulação.

No sistema educacional brasileiro, iniciativas que almejem um verdadeiro protagonismo juvenil, que pode ser implementado em diversas escolas da rede pública, exemplificariam possibilidades concretas de desenvolvimento de práticas pedagógicas que promovam a reflexão crítica e a autonomia. Tal sugestão de projeto, que envolve a participação ativa dos estudantes na gestão escolar, na elaboração de projetos e na resolução de problemas da comunidade, poderia mostrar resultados promissores em termos de desenvolvimento da autonomia, da responsabilidade e da consciência crítica dos estudantes.

A transição da sociedade disciplinar para a sociedade do desempenho, caracterizada pelo excesso de positividade e pelo imperativo da autossuperação constante (HAN, 2017, p. 27), manifesta-se no contexto educacional de formas particularmente intensas e problemáticas. O estudante contemporâneo, submetido simultaneamente às estruturas disciplinares tradicionais da instituição escolar e aos imperativos de desempenho da sociedade atual, encontra-se em uma posição particularmente vulnerável aos efeitos nocivos da autoexploração, da hiperatividade e do esgotamento (HAN, 2017, p. 27). A proliferação de sofrimentos psíquicos entre os jovens em idade escolar – como ansiedade, depressão e síndrome de burnout – evidencia a urgência de repensar os modelos educacionais diante dos desafios da sociedade do cansaço.

A análise da situação dos estudantes brasileiros imersos nesse contexto da sociedade do cansaço demonstra problemas relacionados à desigualdade social e educacional, à precariedade das condições materiais de estudo, à necessidade de conciliar estudos e trabalho, à pressão específica relacionada ao acesso ao ensino superior e à limitação das oportunidades de desenvolvimento cultural e artístico. Estes desafios específicos evidenciam a necessidade de uma abordagem

contextualizada da sociedade do cansaço no âmbito educacional brasileiro, que considere as particularidades sociais, econômicas e culturais do país.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e, particularmente, a área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, emergem como instrumentos potencialmente valiosos para a formação de sujeitos capazes de compreender criticamente a sociedade do desempenho e elaborar formas de resistência a seus imperativos. As habilidades específicas da BNCC analisadas neste capítulo apontam para uma formação que valoriza a análise crítica da realidade social, a compreensão dos processos históricos e culturais, e o desenvolvimento da autonomia e da responsabilidade ética.

A Filosofia, em particular, com sua tradição de questionamento radical e reflexão crítica, constitui um contraponto valioso à aceleração temporal e à superficialidade que caracterizam a sociedade contemporânea. A educação filosófica, entendida não como mera transmissão de conteúdos históricos, mas como exercício do pensamento crítico e reflexivo, oferece ferramentas conceituais e metodológicas para questionar os pressupostos da sociedade do desempenho e imaginar formas alternativas de existência individual e coletiva.

As perspectivas e possibilidades para a educação na sociedade do cansaço, exploradas neste capítulo, apontam caminhos para repensar os modelos educacionais diante dos desafios contemporâneos. A valorização do tempo contemplativo (HAN, 2016, p. 65) e do ócio criativo, a construção de espaços de negatividade e resistência, o desenvolvimento de práticas pedagógicas que promovam a reflexão crítica e a autonomia representam possibilidades de ação que podem contribuir para a formação de sujeitos capazes de resistir criticamente aos imperativos da sociedade do cansaço.

É importante ressaltar que as reflexões e propostas apresentadas neste capítulo não pretendem oferecer soluções definitivas ou universais para os desafios da educação na sociedade do cansaço. É reconhecida a complexidade destes desafios e a diversidade de contextos educacionais, que exigem abordagens diferenciadas e adaptadas às realidades específicas. No entanto, é acreditado que a compreensão crítica dos mecanismos da sociedade do desempenho e a exploração de possibilidades concretas de resistência e transformação constituem passos

fundamentais para a construção de uma educação mais humana, crítica e emancipatória.

Finalmente, é fundamental reconhecer que a transformação dos modelos educacionais diante dos desafios da sociedade do cansaço não é uma tarefa que possa ser realizada apenas por educadores individuais ou instituições isoladas. Esta transformação exige um esforço coletivo que envolve diversos atores sociais – estudantes, educadores, famílias, gestores, formuladores de políticas públicas, pesquisadores – comprometidos com a construção de uma educação que valorize não apenas a eficiência e a produtividade, mas também o bem-estar, a reflexão crítica e a formação integral dos sujeitos.

4 O PENSAMENTO DE BYUNG-CHUL HAN E A EDUCAÇÃO

4.1 A FILOSOFIA DE BYUNG-CHUL HAN E SEUS DESDOBRAMENTOS EDUCACIONAIS

A obra do filósofo sul-coreano Byung-Chul Han tem ganhado notável relevância no cenário filosófico contemporâneo, especialmente por sua capacidade de diagnosticar, com precisão cirúrgica, as patologias sociais que emergem no contexto do capitalismo tardio e da revolução digital. Seus conceitos fundamentais – sociedade do cansaço, psicopolítica, transparência, excesso de positividade – oferecem um quadro interpretativo potente para compreender as transformações subjetivas e sociais que caracterizam nosso tempo. No entanto, ainda são relativamente escassas as tentativas de articular sistematicamente seu pensamento com o campo educacional, especialmente no contexto brasileiro.

Buscarei neste capítulo, explorar as possíveis contribuições do pensamento de Han para uma análise crítica dos processos educacionais contemporâneos, bem como para a elaboração de propostas pedagógicas que possam constituir formas de resistência aos mecanismos da sociedade do desempenho. Trata-se de um esforço filosófico que emerge diretamente da práxis educativa, das inquietações e desafios enfrentados cotidianamente nas salas de aula brasileiras, onde se manifestam, com crescente intensidade, os sintomas do esgotamento, da dispersão atencional e da autoexploração que Han identifica como característicos de nossa época.

A relevância desta reflexão reside, primeiramente, em sua capacidade de oferecer novas chaves interpretativas para fenômenos que permeiam o cotidiano escolar: a ansiedade crescente entre estudantes, a dificuldade de concentração, a obsessão por resultados, a instrumentalização do conhecimento, a hiperatividade improdutiva. Mais do que isso, o pensamento de Han nos convida a questionar os próprios fundamentos filosóficos que orientam as práticas educacionais hegemônicas, marcadas pelo imperativo da produtividade, da aceleração e da otimização constante.

Como observa Han em "Sociedade do Cansaço", vivemos uma transição paradigmática da sociedade disciplinar, analisada por Foucault, para uma sociedade do desempenho, na qual "o sujeito de desempenho é mais rápido e mais produtivo

que o sujeito da obediência" (HAN, 2017, p. 25). Esta transição não deixou intocado o campo educacional. Pelo contrário, a escola contemporânea parece ser um dos espaços onde mais intensamente se manifesta a lógica do desempenho, com sua ênfase na competição, na mensuração constante de resultados, na otimização de processos de aprendizagem e na responsabilização individual pelo sucesso ou fracasso.

Neste contexto, torna-se urgente interrogar: como o pensamento de Byung-Chul Han pode nos ajudar a compreender criticamente os processos educacionais contemporâneos? Que alternativas pedagógicas podem emergir de sua crítica à sociedade do desempenho e ao excesso de positividade? Como articular sua valorização da negatividade, da contemplação e do pensamento profundo com práticas educativas concretas? Mais especificamente: como levar essa crítica para o trabalho direto com os estudantes, transformando os conceitos de Han em ferramentas pedagógicas que permitam aos alunos compreender e questionar a lógica do desempenho que os atravessa cotidianamente? Como desenvolver, na prática educativa, estratégias que permitam aos estudantes reconhecer os mecanismos psicopolíticos que operam em suas próprias experiências escolares e sociais? Estas são algumas das questões que orientarão nossa reflexão ao longo deste capítulo, sempre com o objetivo de construir uma pedagogia da resistência que seja efetivamente praticável no contexto escolar e que forme estudantes capazes de exercer uma crítica consciente da sociedade do cansaço.

Para desenvolver esta análise, partirei de um diagnóstico crítico da educação na sociedade do desempenho, explorando como os conceitos fundamentais de Han – excesso de positividade, autoexploração, psicopolítica, crise da atenção – manifestam-se no contexto educacional. Em seguida, examinarei as implicações da crise da atenção e do empobrecimento da experiência para os processos de aprendizagem. Posteriormente, buscarei analisar as novas formas de controle psicopolítico que emergem no campo educacional e as possibilidades de resistência. Por fim, delinearei os contornos de uma possível "pedagogia da negatividade", inspirada no pensamento de Han, como contraponto crítico aos modelos educacionais hegemônicos.

4.2 A EDUCAÇÃO NA SOCIEDADE DO DESEMPENHO: DIAGNÓSTICO E CRÍTICA

A transição da sociedade disciplinar para a sociedade do desempenho, analisada por Byung-Chul Han, representa uma transformação profunda nos mecanismos de poder e nos processos de subjetivação. Se a sociedade disciplinar, descrita por Foucault, caracterizava-se pela negatividade da proibição, pelo "não-poder", a sociedade do desempenho distingue-se pelo excesso de positividade, pelo imperativo do "poder ilimitado". Como afirma Han:

A sociedade disciplinar ainda está dominada pelo não. Sua negatividade gera loucos e delinquentes. A sociedade do desempenho, ao contrário, produz depressivos e fracassados. [...] Esses estados psíquicos [de esgotamento] são característicos de um mundo que se tornou pobre em negatividade e que é dominado por um excesso de positividade (HAN, 2017, p. 24-25).

Esta transformação paradigmática não se restringe ao mundo do trabalho ou às esferas econômicas e políticas; ela penetra profundamente nas instituições educacionais, reconfigurando seus objetivos, métodos e relações. A escola contemporânea, especialmente no nível médio, parece cada vez mais orientada pela lógica do desempenho, da produtividade e da competição. O imperativo da positividade – "Yes, we can" – traduz-se, no contexto educacional, em uma pressão constante por resultados, por superação de metas, por otimização de processos de aprendizagem.

O estudante da sociedade do desempenho não é mais primordialmente disciplinado por coerções externas, por proibições ou punições. Ele é, antes, mobilizado por estímulos positivos, por promessas de realização, por horizontes de possibilidades aparentemente ilimitadas. A figura do "aluno empreendedor", tão celebrada nos discursos educacionais contemporâneos, encarna perfeitamente esta lógica: trata-se de formar sujeitos capazes de gerenciar a si mesmos como um projeto, de investir continuamente em seu "capital humano", de otimizar constantemente seus processos de aprendizagem.

No entanto, como Han nos alerta, esta aparente libertação das coerções disciplinares não representa uma emancipação real, mas uma nova e mais sutil forma de sujeição. O sujeito do desempenho "se submete a coerções internas e

autoimpostas, sob a forma de uma cobrança por desempenho e otimização" (HAN, 2017, p. 30). No contexto educacional, isto se traduz em uma internalização da lógica competitiva e produtivista, em uma autocobrança constante por resultados, em uma ansiedade crônica diante da possibilidade do fracasso.

A observação cotidiana das salas de aula brasileiras revela os sintomas desta condição: estudantes exaustos, ansiosos, constantemente conectados, incapazes de concentração profunda, obcecados por resultados imediatos, instrumentalizando o conhecimento em função de objetivos externos (aprovação em exames, inserção no mercado de trabalho). Não por acaso, multiplicam-se os diagnósticos de transtornos de ansiedade, depressão, síndrome de burnout e déficit de atenção entre adolescentes e jovens em idade escolar.

A lógica do desempenho manifesta-se também na crescente quantificação e mensuração dos processos educativos. Avaliações padronizadas, rankings escolares, métricas de produtividade docente, indicadores de desempenho institucional – todo um aparato técnico-administrativo se desenvolve para monitorar, comparar e otimizar constantemente os resultados educacionais. Como observa Han em "Psicopolítica", "o sujeito do desempenho se entrega à liberdade coercitiva ou à livre coerção de maximizar o desempenho" (HAN, 2018, p. 29).

No Brasil, esta tendência se expressa de forma particularmente intensa na preparação para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e outros processos seletivos, que frequentemente reduzem a experiência educativa a um treinamento instrumental para obtenção de resultados. A própria organização curricular, com sua fragmentação disciplinar e sua orientação para competências e habilidades mensuráveis, reflete esta lógica produtivista.

Um aspecto especialmente preocupante deste cenário é o que poderíamos chamar, seguindo Han, de "autoexploração educativa". Na sociedade do desempenho, "o explorador é ao mesmo tempo o explorado" (HAN, 2017, p. 30). No contexto escolar, isto significa que os estudantes são levados a internalizar a lógica da produtividade e da competição, tornando-se vigilantes e exploradores de si mesmos. Não é mais necessário um controle disciplinar externo quando cada aluno se torna gestor de seu próprio desempenho, constantemente monitorando, avaliando e otimizando seus processos de aprendizagem.

Esta autoexploração é particularmente eficaz porque se apresenta sob a aparência da liberdade e da autonomia. Como afirma Han, "o sujeito de desempenho, que se pretende livre, é na realidade um escravo. É um escravo absoluto, na medida em que, sem qualquer senhor, ele se explora voluntariamente" (HAN, 2017, p. 30). No contexto educacional, isto se traduz em discursos sobre "protagonismo estudantil", "autonomia na aprendizagem" e "responsabilidade individual pelo sucesso", que frequentemente mascaram a transferência da responsabilidade estrutural para os indivíduos.

Outro aspecto crítico da educação na sociedade do desempenho é a valorização excessiva da hiperatividade e da multitarefa. Como observa Han,

a multitarefa não é uma capacidade para a qual só seria capaz o homem na sociedade trabalhista e de informação pós-moderna. Trata-se antes de um retrocesso. A multitarefa está amplamente disseminada entre os animais em estado selvagem (HAN, 2017, p. 31).

No contexto educacional, isto se manifesta na fragmentação da experiência de aprendizagem, na aceleração dos ritmos escolares, na sobrecarga de atividades e na valorização da quantidade em detrimento da profundidade.

Os estudantes são estimulados a fazer mais em menos tempo, a dividir sua atenção entre múltiplas demandas, a processar volumes crescentes de informação. O resultado é o que Han descreve como um "cansaço da alma" (*Müdigkeit der Seele*), um esgotamento que não é meramente físico, mas existencial. Este cansaço se manifesta na dificuldade de encontrar sentido nas atividades escolares, na sensação de vazio apesar da hiperatividade, na incapacidade de estabelecer conexões significativas com o conhecimento.

A crítica de Han à sociedade do desempenho nos convida, portanto, a questionar os fundamentos filosóficos que orientam as práticas educacionais hegemônicas. Se a educação contemporânea está cada vez mais alinhada à lógica da produtividade, da aceleração e da otimização constante, é preciso perguntar: que tipo de sujeito está sendo formado neste processo? Que concepção de conhecimento, de aprendizagem e de formação humana está implícita nestes modelos educacionais? Que alternativas pedagógicas podem emergir de uma crítica radical à sociedade do desempenho?

4.3 A CRISE DA ATENÇÃO E O EMPOBRECIMENTO DA EXPERIÊNCIA EDUCATIVA

Um dos diagnósticos mais agudos de Byung-Chul Han sobre a condição contemporânea refere-se à crise da atenção. Em "O Aroma do Tempo" e "Sociedade do Cansaço", o filósofo analisa como a aceleração temporal e a sobrecarga informacional características de nossa época produzem uma fragmentação da experiência atencional, com profundas consequências para os processos cognitivos, afetivos e sociais. Esta crise da atenção manifesta-se de forma particularmente intensa no campo educacional, onde a capacidade de concentração profunda constitui condição fundamental para a aprendizagem significativa.

Han distingue dois tipos de atenção: a "atenção profunda" (*deep attention*), caracterizada pela concentração contemplativa em um único objeto, pela imersão duradoura e pela resistência a estímulos dispersivos; e a "hiperatenção" (*hyper attention*), marcada pela alternância rápida entre diferentes tarefas, fontes de informação e processos, pela baixa tolerância ao tédio e pela busca constante de novos estímulos. Segundo o filósofo, assistimos hoje a uma transição cultural da atenção profunda para a hiperatenção:

A técnica temporal e de atenção de nossa sociedade ativa está assumindo cada vez mais a forma de uma hiperatenção. Essa atenção dispersa se caracteriza por uma rápida mudança de foco entre diversas atividades, fontes de informação e processos. Dada sua escassa tolerância ao tédio, tampouco admite aquele mergulho contemplativo que se chama atenção profunda (HAN, 2017, p. 33).

No contexto educacional brasileiro, esta transição é facilmente observável. Estudantes habituados à hiperconectividade, à multitarefa e à gratificação instantânea das redes sociais e plataformas digitais encontram crescente dificuldade em sustentar a atenção necessária para a leitura de textos longos, para a compreensão de argumentos complexos, para a elaboração de raciocínios abstratos – atividades que exigem justamente aquela "atenção profunda" que Han vê em declínio.

A crise da atenção não é, contudo, um fenômeno meramente individual ou geracional, como frequentemente se sugere em discursos que culpabilizam os jovens ou as tecnologias digitais. Trata-se, antes, de uma transformação estrutural nos regimes de atenção, intimamente ligada às mutações do capitalismo contemporâneo. Como observa Han, "a atenção constitui um bem escasso na sociedade da aceleração" (HAN, 2016, p. 42). No capitalismo informacional, a atenção torna-se um recurso econômico valioso, disputado por múltiplos agentes e plataformas. A "economia da atenção" transforma o foco atencional em mercadoria, submetendo-o à lógica da extração de valor.

As instituições educacionais encontram-se, assim, em uma posição paradoxal: por um lado, sua função tradicional exige justamente aquela atenção profunda que se torna cada vez mais rara; por outro, elas próprias são crescentemente capturadas pela lógica da aceleração, da produtividade e da hiperatividade que corrói as condições de possibilidade da concentração contemplativa. O resultado é o que poderíamos chamar, seguindo Walter Benjamin e o próprio Han, de um empobrecimento da experiência educativa.

Este empobrecimento manifesta-se de múltiplas formas. Primeiramente, na crescente dificuldade de estabelecer uma relação significativa com o conhecimento. Como observa Han, "sem a capacidade contemplativa de demorar-se, a atenção se fragmenta e se dispersa" (HAN, 2017, p. 35). Quando a experiência educativa é fragmentada em unidades cada vez menores e mais rápidas, quando o conhecimento é reduzido a informações facilmente consumíveis, quando a reflexão é substituída pela reação imediata, perde-se a possibilidade de uma apropriação profunda e transformadora do saber.

Em segundo lugar, o empobrecimento da experiência educativa manifesta-se na erosão da temporalidade própria da formação. A educação, em seu sentido mais profundo, não é um processo que possa ser acelerado indefinidamente. Ela exige tempo, paciência, maturação, ritmos próprios que não se deixam comprimir pela lógica da otimização temporal. Como afirma Han, "a aceleração suprime qualquer relação com o outro, qualquer demora junto ao outro" (HAN, 2016, p. 128). No contexto educacional, isto significa a perda da possibilidade de um encontro autêntico com a alteridade do conhecimento, com a estranheza do pensamento, com a resistência do real.

Em terceiro lugar, o empobrecimento da experiência educativa manifesta-se na perda da capacidade narrativa. Han observa que "a narrativa é uma forma de comunicação lenta, que se demora" (HAN, 2016, p. 65). Ela exige e produz continuidade, conexão, sentido. A fragmentação da atenção e a aceleração temporal comprometem precisamente esta capacidade narrativa, tanto no nível da transmissão do conhecimento quanto no nível da construção de sentido pelos próprios estudantes. O resultado é uma experiência educativa descontínua, atomizada, desprovida de um fio condutor que lhe confira significado.

A dialética entre hiperatenção e atenção profunda no contexto educacional contemporâneo coloca, portanto, desafios fundamentais. Não se trata simplesmente de lamentar a perda de uma forma atencional supostamente superior, nem de adaptar acriticamente as práticas pedagógicas às novas configurações cognitivas. Trata-se, antes, de compreender criticamente as transformações em curso e de buscar formas de resistência que possibilitem a preservação e o cultivo da capacidade contemplativa em um contexto marcado pela dispersão e pela aceleração.

Como observa Han, "a cultura pressupõe um ambiente em que seja possível uma atenção profunda" (HAN, 2017, p. 33). Se a educação é, em sua essência, um processo cultural, então a crise da atenção representa um desafio não apenas pedagógico, mas civilizatório. Diante deste cenário, torna-se urgente repensar as práticas educacionais de modo a criar espaços de desaceleração, de contemplação, de atenção profunda – não como uma nostalgia conservadora, mas como uma forma de resistência ativa à lógica da aceleração e da dispersão que ameaça esvaziar a experiência educativa de seu potencial transformador.

4.4 PSICOPOLÍTICA E EDUCAÇÃO: NOVAS FORMAS DE CONTROLE E POSSIBILIDADES DE RESISTÊNCIA

Em "Psicopolítica: O neoliberalismo e as novas técnicas de poder", Byung-Chul Han desenvolve uma análise penetrante das transformações contemporâneas nos mecanismos de dominação. Segundo o filósofo, assistimos à emergência de uma nova forma de poder que não opera primordialmente pela coerção física ou disciplinar, mas pela sedução, pela motivação, pela otimização psíquica. Esta

"psicopolítica" representa uma sofisticação dos dispositivos de controle, que agora visam não apenas o corpo, mas a psique, não apenas o comportamento externo, mas os desejos, emoções e pensamentos mais íntimos.

O regime neoliberal introduz a época do esgotamento psíquico. [...] O poder inteligente, apazível, não opera de frente contra a vontade dos sujeitos subjugados, mas dirige essa vontade a seu favor. É mais afirmativo que negador, mais sedutor que repressor. Esforça-se em gerar emoções positivas e em explorá-las. Seduz em vez de proibir (HAN, 2018, p. 28).

Esta análise oferece chaves interpretativas valiosas para compreender as transformações em curso no campo educacional. A educação contemporânea, especialmente no contexto neoliberal, parece cada vez mais orientada por uma lógica psicopolítica. Não se trata mais primordialmente de disciplinar corpos dóceis, como na escola tradicional analisada por Foucault, mas de mobilizar psiques produtivas, de otimizar processos cognitivos e emocionais, de explorar o potencial psíquico dos estudantes.

Esta psicopolítica educacional manifesta-se em múltiplos níveis. Primeiramente, na crescente ênfase em aspectos motivacionais e emocionais da aprendizagem. O discurso contemporâneo sobre educação está repleto de referências à "motivação intrínseca", ao "engajamento", ao "protagonismo", à "autorregulação emocional". Estas dimensões são, sem dúvida, importantes para os processos educativos. No entanto, quando descontextualizadas de uma análise crítica das estruturas sociais e econômicas, podem facilmente converter-se em técnicas de otimização psíquica a serviço da lógica produtivista.

Em segundo lugar, a psicopolítica educacional manifesta-se na crescente penetração de tecnologias digitais que permitem formas inéditas de monitoramento, análise e modulação dos processos cognitivos e comportamentais. O fenômeno do Big Data, analisado por Han como um instrumento central da psicopolítica neoliberal, encontra no campo educacional um terreno fértil. Plataformas de aprendizagem adaptativa, sistemas de gestão educacional, aplicativos de monitoramento de desempenho – todo um ecossistema tecnológico se desenvolve para coletar, processar e explorar dados sobre os processos de aprendizagem.

Como observa Han, "o *Big Data* anuncia o fim da pessoa e da vontade livre" (HAN, 2018, p. 86). No contexto educacional, isto significa a possibilidade de uma previsão e um controle cada vez mais refinados dos comportamentos de aprendizagem, uma "otimização" algorítmica dos processos educativos que pode facilmente deslizar para formas sutis de manipulação e condicionamento. A promessa de uma "personalização" da aprendizagem por meio de algoritmos frequentemente mascara a padronização subjacente e a subordinação dos processos formativos a objetivos predeterminados.

Em terceiro lugar, a psicopolítica educacional manifesta-se na ideologia da transparência que permeia crescentemente as instituições de ensino. Han analisa criticamente o "imperativo da transparência" como um dispositivo de controle característico da sociedade contemporânea: "A sociedade da transparência é uma sociedade da desconfiança e da suspeita, que, em virtude do desaparecimento da confiança, agarra-se ao controle" (HAN, 2017b, p. 105). No contexto educacional, esta lógica se expressa na multiplicação de mecanismos de avaliação, monitoramento e prestação de contas, na exposição constante de processos e resultados, na eliminação de espaços de opacidade e reserva.

A relação pedagógica, tradicionalmente marcada por uma certa assimetria e por zonas de não-transparência necessárias ao processo formativo, vê-se crescentemente submetida a um regime de visibilidade total. Professores e estudantes são constantemente monitorados, avaliados, comparados. O conhecimento é reduzido àquilo que pode ser explicitado, mensurado, quantificado. A experiência educativa, em sua dimensão mais profunda e transformadora, é frequentemente sacrificada no altar da transparência.

Diante deste cenário, torna-se urgente pensar em possibilidades de resistência à psicopolítica educacional. Han oferece algumas pistas neste sentido, especialmente em sua valorização da negatividade, da opacidade, do silêncio como contrapontos ao excesso de positividade, transparência e ruído que caracteriza a sociedade contemporânea.

Uma primeira forma de resistência consiste na preservação e cultivo de espaços de opacidade no processo educativo. Nem tudo na educação pode ou deve ser transparente, explícito, mensurável. A formação humana envolve dimensões de mistério, de não-saber, de transformação silenciosa que escapam aos dispositivos

de controle e otimização. Como afirma Han, "a transparência estabiliza e acelera o sistema precisamente pela eliminação do outro e do estranho" (HAN, 2017b, p. 12). Preservar zonas de opacidade na educação significa, portanto, preservar a possibilidade do encontro com a alteridade, com o inesperado, com aquilo que resiste à assimilação imediata.

Uma segunda forma de resistência consiste na valorização do silêncio e da pausa como elementos constitutivos do processo educativo. Em uma época marcada pelo ruído constante, pela comunicação incessante, pela pressão para expressar-se e posicionar-se continuamente, o silêncio adquire uma dimensão política. Como observa Han, "o silêncio é uma manifestação da interioridade. [...] A interioridade só se forma onde o homem pode demorar-se consigo mesmo" (HAN, 2016, p. 54). Criar espaços de silêncio na educação significa, portanto, possibilitar a emergência de uma interioridade reflexiva, de uma relação consigo mesmo que não seja imediatamente capturada pelos dispositivos de controle.

Uma terceira forma de resistência consiste na recuperação da negatividade como elemento constitutivo da experiência formativa. A educação, em seu sentido mais profundo, não é apenas acumulação positiva de conhecimentos e competências, mas também encontro com limites, com resistências, com impossibilidades produtivas. Como afirma Han, "sem a negatividade do abalo, resta apenas o *business as usual*, a mera administração do existente" (HAN, 2017, p. 54). Incorporar a negatividade na educação significa, portanto, abrir espaço para a experiência da alteridade, do fracasso produtivo, da transformação que emerge do encontro com aquilo que resiste à assimilação imediata.

A resistência à psicopolítica educacional não implica, contudo, uma rejeição indiscriminada das tecnologias digitais ou uma nostalgia por formas tradicionais de ensino. Trata-se, antes, de desenvolver o que poderíamos chamar, seguindo Han, de uma "política da atenção" – uma prática educativa que cultive formas de atenção não capturadas pela lógica da otimização e do desempenho, que preserve espaços de contemplação, silêncio e negatividade em meio à aceleração e à positividade dominantes.

4.5 POR UMA PEDAGOGIA DA NEGATIVIDADE: CONTRIBUIÇÕES DE HAN PARA REPENSAR A EDUCAÇÃO

A crítica de Byung-Chul Han à sociedade do desempenho, à crise da atenção e à psicopolítica neoliberal não se esgota em um diagnóstico pessimista. Ela contém também elementos propositivos que podem inspirar a construção de alternativas pedagógicas. Em particular, sua valorização da negatividade como contraponto ao excesso de positividade característico de nossa época oferece pistas valiosas para repensar os fundamentos filosóficos e as práticas concretas da educação contemporânea.

O conceito de negatividade, em Han, não tem uma conotação meramente privativa ou destrutiva. Trata-se, antes, de uma categoria dialética que designa aquilo que resiste à assimilação imediata, que interrompe o fluxo contínuo da positividade, que introduz descontinuidades produtivas no tecido homogêneo do mesmo. A negatividade manifesta-se na experiência da alteridade, da resistência, do limite, da pausa – experiências cada vez mais raras em uma sociedade marcada pelo imperativo da positividade, da produtividade incessante, da aceleração contínua.

A negatividade do "não-poder" constitui a negatividade da proibição. A positividade do "poder" é muito mais eficiente que a negatividade do "dever". O sujeito de desempenho é mais rápido e mais produtivo que o sujeito da obediência. No entanto, o poder não cancela o dever. O sujeito de desempenho continua disciplinado. Já concluiu a fase disciplinar. O poder eleva o nível de produtividade obtido por meio da técnica disciplinar, ou seja, por meio do imperativo do dever (HAN, 2017, p. 25-26).

A partir desta valorização da negatividade, podemos esboçar os contornos do que chamaremos aqui de uma "pedagogia da negatividade" – não no sentido de uma pedagogia negativa ou pessimista, mas de uma prática educativa que incorpore a negatividade como elemento constitutivo, como contraponto necessário ao excesso de positividade que caracteriza os modelos educacionais hegemônicos.

A partir desta valorização da negatividade, podemos esboçar os contornos do que chamaremos aqui de uma "pedagogia da negatividade" – termo que, embora ecoe historicamente a "pedagogia negativa" de Rousseau no *Emílio*, possui fundamentação filosófica e objetivos distintos. Enquanto a pedagogia negativa rousseauiana baseava-se na não-intervenção para preservar a bondade natural da criança contra a corrupção social, nossa proposta de pedagogia da negatividade

fundamenta-se na valorização dialética da negatividade como elemento constitutivo da resistência crítica aos imperativos da sociedade do desempenho.

Não se trata, portanto, de uma pedagogia negativa no sentido de não-diretiva ou não-interventiva, mas de uma prática educativa que incorpore conscientemente a negatividade – entendida como pausa, contemplação, resistência, alteridade – como contraponto necessário ao excesso de positividade que caracteriza os modelos educacionais hegemônicos na sociedade do cansaço. Esta pedagogia da negatividade não visa preservar uma suposta natureza boa do educando, mas desenvolver sua capacidade crítica de resistir aos mecanismos psicopolíticos de autoexploração através do cultivo da atenção profunda e da experiência contemplativa.

Um primeiro elemento desta pedagogia da negatividade seria a valorização do tempo contemplativo no processo educacional. Han observa que "*a vida contemplativa* pressupõe a capacidade de suportar um profundo tédio" (HAN, 2016, p. 35). Em uma época marcada pela aceleração constante, pela hiperatividade improdutiva, pela incapacidade de demorar-se junto às coisas, torna-se politicamente significativo criar espaços educativos que possibilitem a experiência da contemplação, da atenção profunda, do tédio produtivo.

Isto não significa, evidentemente, um retorno nostálgico a modelos pedagógicos tradicionais baseados na passividade e na recepção. Trata-se, antes, de repensar a temporalidade própria da educação, de resistir à pressão pela aceleração constante, de criar ritmos que permitam a emergência de uma relação significativa com o conhecimento. Como afirma Han, "o tempo começa a dançar quando entra em contato com a forma de uma conclusão, de um final" (HAN, 2016, p. 75). No contexto educacional, isto significa a necessidade de estabelecer marcos temporais significativos, de ritualizar transições, de permitir que os processos de aprendizagem encontrem sua própria temporalidade, irreduzível à lógica da otimização constante.

Um segundo elemento da pedagogia da negatividade seria o resgate do ócio criativo como dimensão fundamental da formação humana. Han observa que "o excesso de positividade se manifesta também como um excesso de estímulos, informações e impulsos. Modifica radicalmente a estrutura e economia da atenção" (HAN, 2017, p. 31). Diante deste cenário, torna-se crucial criar espaços educativos

que possibilitem a experiência do ócio – não como mera inatividade ou entretenimento passivo, mas como abertura contemplativa, como disponibilidade atencional, como cultivo de uma relação não instrumental com o tempo e o conhecimento.

O ócio criativo, na tradição filosófica ocidental, não se opõe ao conhecimento ou à aprendizagem; pelo contrário, constitui sua condição de possibilidade mais profunda. Como observa Josef Pieper, retomado por Han, "o ócio é a condição para que o homem possa perceber a realidade como um todo" (PIEPER apud HAN, 2016, p. 112). No contexto educacional contemporâneo, marcado pela fragmentação da experiência e pela instrumentalização do conhecimento, o resgate do ócio criativo representa uma forma de resistência à lógica produtivista e uma possibilidade de reencontro com a dimensão contemplativa da formação humana.

Um terceiro elemento da pedagogia da negatividade seria a valorização da alteridade e do reconhecimento do Outro como fundamentos de uma educação emancipatória. Han observa que "a sociedade do desempenho, dominada pelo poder, está determinando cada vez mais a estrutura social. [...] Nela, o outro desaparece" (HAN, 2017, p. 91). A lógica da otimização individual, da competição constante, da autoexploração produtiva tende a eliminar a experiência da alteridade, a reduzir o outro a um competidor, a um obstáculo ou a um instrumento para a realização de objetivos próprios.

Diante deste cenário, torna-se crucial desenvolver práticas pedagógicas que cultivem a capacidade de reconhecimento do outro em sua irreduzível alteridade, que promovam a experiência do encontro autêntico, que valorizem a dimensão dialógica da formação humana. Como afirma Han, "o outro atópico se subtrai ao poder. [...] A atopia mostra-se como uma negatividade, como uma alteridade que se subtrai ao poder" (HAN, 2017, p. 92). No contexto educacional, isto significa a necessidade de criar espaços de encontro não mediados pela lógica da competição e do desempenho, de valorizar formas de relação pedagógica baseadas no reconhecimento mútuo, de cultivar a capacidade de escuta e acolhimento da diferença.

Um quarto elemento da pedagogia da negatividade seria o desenvolvimento de práticas de desaceleração e silêncio como contrapontos à aceleração e ao ruído constantes que caracterizam a experiência contemporânea. Han observa que "a

aceleração suprime qualquer entre-tempo. [...] O entre-tempo é um tempo sem trabalho, um tempo de jogo que se distingue do tempo de trabalho" (HAN, 2016, p. 75). No contexto educacional, isto significa a necessidade de criar intervalos significativos, pausas produtivas, espaços de silêncio que permitam a digestão da experiência, a elaboração do pensamento, à emergência de conexões inesperadas.

O silêncio, em particular, adquire uma dimensão política em uma época marcada pelo imperativo da expressão constante, da comunicação incessante, da visibilidade total. Como afirma Han, "o silêncio é uma manifestação da interioridade. [...] A interioridade só se forma onde o homem pode demorar-se consigo mesmo" (HAN, 2016, p. 54). No contexto educacional, isto significa a necessidade de valorizar momentos de recolhimento, de criar rituais de silêncio, de cultivar a capacidade de estar presente consigo mesmo como contraponto à dispersão atencional e à exteriorização constante.

Estas propostas pedagógicas inspiradas no pensamento de Han não constituem, evidentemente, um programa educacional completo ou uma metodologia acabada. Trata-se, antes, de indicações preliminares, de pistas para repensar os fundamentos filosóficos e as práticas concretas da educação contemporânea a partir de uma crítica radical à sociedade do desempenho e ao excesso de positividade que a caracteriza.

A pedagogia da negatividade não se opõe à aprendizagem, ao conhecimento ou ao desenvolvimento humano; pelo contrário, busca criar condições para uma relação mais profunda e significativa com estes processos. Não se trata de negar a importância da atividade, da produção, da expressão, mas de complementá-las com a valorização da receptividade, da contemplação, do silêncio como dimensões igualmente constitutivas da formação humana.

Em última instância, a pedagogia da negatividade representa uma forma de resistência à colonização total da educação pela lógica do desempenho, uma tentativa de preservar e cultivar dimensões da experiência formativa que escapam à mensuração, à otimização, à instrumentalização. Como afirma Han, "a negatividade do outro e da estranheza, ou a resistência do outro, perturba e retarda a comunicação lisa do igual" (HAN, 2017b, p. 12). No contexto educacional, esta perturbação e este retardamento podem ser precisamente o que possibilita a

emergência de uma experiência formativa autêntica, irredutível à lógica da produtividade e do desempenho.

4.6 DESAFIOS E PERSPECTIVAS PARA A EDUCAÇÃO NA SOCIEDADE DO CANSAÇO

Ao longo deste capítulo, buscou-se explorar as possíveis contribuições do pensamento de Byung-Chul Han para uma análise crítica dos processos educacionais contemporâneos e para a elaboração de propostas pedagógicas alternativas. Partimos de um diagnóstico da educação na sociedade do desempenho, examinamos as implicações da crise da atenção e do empobrecimento da experiência para os processos de aprendizagem, analisamos as novas formas de controle psicopolítico que emergem no campo educacional e delineamos os contornos de uma possível "pedagogia da negatividade" como contraponto crítico aos modelos educacionais hegemônicos.

Este percurso nos permite agora sintetizar algumas das principais contribuições de Han para a reflexão educacional. Em primeiro lugar, sua análise da transição da sociedade disciplinar para a sociedade do desempenho oferece um quadro interpretativo potente para compreender as transformações em curso nas instituições educativas. A escola contemporânea, especialmente no nível médio, parece cada vez mais orientada pela lógica da produtividade, da competição e da otimização constante. O imperativo da positividade – "*Yes, we can*" – traduz-se em uma pressão crescente por resultados, em uma internalização da lógica competitiva, em uma autoexploração que se apresenta sob a aparência da liberdade e da autonomia.

Em segundo lugar, a análise de Han sobre a crise da atenção e o empobrecimento da experiência ilumina aspectos cruciais dos desafios pedagógicos contemporâneos. A transição da atenção profunda para a hiperatenção, a fragmentação da experiência temporal, a perda da capacidade narrativa – todos estes fenômenos têm profundas implicações para os processos de aprendizagem e para a relação com o conhecimento. Diante deste cenário, torna-se urgente repensar as práticas educacionais de modo a criar espaços de desaceleração, de contemplação, de atenção profunda.

Em terceiro lugar, a análise de Han sobre a psicopolítica neoliberal oferece chaves interpretativas valiosas para compreender as novas formas de controle que emergem no campo educacional. A educação contemporânea parece cada vez mais orientada por uma lógica psicopolítica, que visa não apenas o corpo, mas a psique, não apenas o comportamento externo, mas os desejos, emoções e pensamentos mais íntimos. Diante deste cenário, torna-se crucial desenvolver formas de resistência que preservem espaços de opacidade, de silêncio, de negatividade em meio à transparência, ao ruído e à positividade dominantes.

Por fim, a valorização da negatividade como contraponto ao excesso de positividade característico de nossa época inspira a construção de alternativas pedagógicas baseadas na contemplação, no ócio criativo, na alteridade e na desaceleração. A pedagogia da negatividade não se opõe à aprendizagem ou ao desenvolvimento humano, mas busca criar condições para uma relação mais profunda e significativa com estes processos, resistindo à sua colonização total pela lógica do desempenho.

A implementação destas propostas no contexto educacional brasileiro enfrenta, evidentemente, desafios consideráveis. Em um cenário marcado pela precarização das condições de trabalho docente, pela massificação do ensino, pela pressão por resultados mensuráveis, pela penetração crescente de lógicas empresariais na gestão educacional, a criação de espaços de contemplação, de ócio criativo, de encontro autêntico pode parecer uma utopia distante.

No entanto, é precisamente nos momentos de crise mais aguda que se torna mais necessário imaginar e construir alternativas. Como educadores, pesquisadores e cidadãos comprometidos com uma educação emancipatória, não podemos nos resignar à adaptação passiva às tendências dominantes. É preciso, como sugere Han, cultivar a capacidade de dizer "não", de interromper o fluxo contínuo da positividade, de criar espaços de resistência e transformação.

A reflexão desenvolvida neste capítulo não pretende oferecer soluções definitivas ou receitas pedagógicas prontas. Trata-se, antes, de um convite à reflexão crítica, à experimentação pedagógica, à busca coletiva por formas de educação que resistam à lógica da produtividade incessante e do desempenho ilimitado. Como afirma Han, "a salvação não está na aceleração, mas na revolução temporal que inaugure uma forma totalmente diferente de durar" (HAN, 2016, p.

123). No campo educacional, esta revolução temporal implica repensar radicalmente nossa relação com o tempo, com o conhecimento, com o outro e com nós mesmos.

5 CONCLUSÃO

Ao longo desta dissertação, busquei explorar as repercussões da "Sociedade do Cansaço", conforme teorizada pelo filósofo Byung-Chul Han, sobre os alunos do Ensino Médio brasileiro, e propor o ensino de Filosofia como espaço potencial de resistência e transformação. O percurso investigativo permitiu não apenas aprofundar a compreensão dos conceitos fundamentais de Han, mas também articulá-los com a realidade educacional brasileira e com as diretrizes curriculares nacionais, culminando na proposição de uma pedagogia da negatividade como contraponto crítico aos modelos educacionais hegemônicos.

A análise da transição da sociedade disciplinar para a sociedade do desempenho, desenvolvida no segundo capítulo, revelou-se particularmente fecunda para compreender as transformações em curso nas instituições educativas. Como observamos, a escola contemporânea, especialmente no nível médio, parece cada vez mais orientada pela lógica da produtividade, da competição e da otimização constante. O imperativo da positividade – "Yes, we can" – traduz-se em uma pressão crescente por resultados, em uma internalização da lógica competitiva, em uma autoexploração que se apresenta sob a aparência da liberdade e da autonomia.

No contexto educacional brasileiro, esta lógica do desempenho manifesta-se de diversas formas. Por um lado, os estudantes são submetidos a uma crescente pressão por resultados mensuráveis, expressos em notas, rankings e avaliações padronizadas. Por outro lado, são incentivados a desenvolver um conjunto cada vez mais amplo de competências e habilidades, que vão desde o domínio de conteúdos curriculares tradicionais até o desenvolvimento de "*soft skills*" valorizadas pelo mercado de trabalho. O resultado é a configuração de um perfil de estudante constantemente pressionado a ser mais produtivo, mais eficiente e mais versátil, frequentemente à custa de sua saúde mental e de sua capacidade de estabelecer relações significativas com o conhecimento e com os outros.

A análise da crise da atenção e do empobrecimento da experiência educativa, desenvolvida no quarto capítulo, iluminou aspectos cruciais dos desafios pedagógicos contemporâneos. A transição da atenção profunda para a hiperatenção, a fragmentação da experiência temporal, a perda da capacidade narrativa – todos estes fenômenos têm profundas implicações para os processos de

aprendizagem e para a relação com o conhecimento. No contexto educacional brasileiro, esta crise da atenção é facilmente observável: estudantes habituados à hiperconectividade, à multitarefa e à gratificação instantânea encontram crescente dificuldade em sustentar a atenção necessária para a leitura de textos longos, para a compreensão de argumentos complexos, para a elaboração de raciocínios abstratos – atividades que exigem justamente aquela "atenção profunda" que Han vê em declínio.

A análise da psicopolítica neoliberal, por sua vez, ofereceu chaves interpretativas valiosas para compreender as novas formas de controle que emergem no campo educacional. Como vimos, a educação contemporânea parece cada vez mais orientada por uma lógica psicopolítica, que visa não apenas o corpo, mas a psique, não apenas o comportamento externo, mas os desejos, emoções e pensamentos mais íntimos. Esta psicopolítica educacional manifesta-se na crescente ênfase em aspectos motivacionais e emocionais da aprendizagem, na penetração de tecnologias digitais que permitem formas inéditas de monitoramento e modulação dos processos cognitivos, e na ideologia da transparência que permeia crescentemente as instituições de ensino.

Diante deste cenário desafiador, a proposição de uma pedagogia da negatividade, desenvolvida no quarto capítulo, emerge como uma possibilidade de resistência e transformação. Esta pedagogia, inspirada na valorização da negatividade como contraponto ao excesso de positividade característico de nossa época, não se opõe à aprendizagem ou ao desenvolvimento humano, mas busca criar condições para uma relação mais profunda e significativa com estes processos, resistindo à sua colonização total pela lógica do desempenho.

Os elementos constitutivos desta pedagogia da negatividade – a valorização do tempo contemplativo, o resgate do ócio criativo, a ênfase na alteridade e no reconhecimento do Outro, o desenvolvimento de práticas de desaceleração e silêncio – oferecem pistas valiosas para repensar os fundamentos filosóficos e as práticas concretas da educação contemporânea. Não se trata de uma rejeição indiscriminada das tecnologias digitais, das inovações pedagógicas ou das transformações em curso, mas de desenvolver uma relação mais crítica e reflexiva com estas transformações, de questionar seus pressupostos e implicações, de

buscar formas de apropriação que não se subordinem acriticamente à lógica da produtividade e do desempenho.

A articulação destes conceitos com as habilidades específicas da BNCC, desenvolvida no terceiro capítulo, demonstrou a possibilidade de estabelecer pontes entre a reflexão teórica e as diretrizes curriculares que orientam a prática educacional no Brasil. As habilidades relacionadas à análise de fontes (EM13CHS101), à elaboração de argumentos (EM13CHS103), aos impactos das tecnologias (EM13CHS202), às relações sociais e tecnologia (EM13CHS401), às transformações do trabalho (EM13CHS404), à identificação de violências (EM13CHS503) e aos impasses ético-políticos da tecnologia (EM13CHS504) revelaram-se particularmente fecundas para o desenvolvimento de uma prática filosófica engajada, capaz de mobilizar os conceitos de Han para a compreensão crítica da realidade contemporânea.

A proposta pedagógico-didática desenvolvida nesta dissertação, embora focada no ensino de Filosofia, tem implicações potenciais para outras áreas do conhecimento e para a educação como um todo. A valorização da negatividade, da contemplação, do silêncio e da alteridade como dimensões constitutivas da formação humana pode inspirar práticas pedagógicas diversas, adaptadas a diferentes contextos e disciplinas. O que está em jogo, em última instância, é a possibilidade de repensar os fundamentos filosóficos que orientam a educação contemporânea, questionando a subordinação crescente dos processos formativos à lógica da produtividade, da aceleração e da otimização constante.

A implementação destas propostas no contexto educacional brasileiro enfrenta, evidentemente, desafios consideráveis. Em um cenário marcado pela precarização das condições de trabalho docente, pela massificação do ensino, pela pressão por resultados mensuráveis, pela penetração crescente de lógicas empresariais na gestão educacional, a criação de espaços de contemplação, de ócio criativo, de encontro autêntico pode parecer uma utopia distante. No entanto, é precisamente nos momentos de crise mais aguda que se torna mais necessário imaginar e construir alternativas.

Como educadores, pesquisadores e cidadãos comprometidos com uma educação emancipatória, não podemos nos resignar à adaptação passiva às tendências dominantes. É preciso, como sugere Han, cultivar a capacidade de dizer

"não", de interromper o fluxo contínuo da positividade, de criar espaços de resistência e transformação. No campo educacional, isto implica repensar radicalmente nossa relação com o tempo, com o conhecimento, com o outro e com nós mesmos.

As perspectivas futuras para esta linha de investigação são múltiplas e promissoras. Em termos teóricos, seria valioso aprofundar o diálogo entre o pensamento de Han e outras tradições filosóficas que têm refletido sobre a educação, como a teoria crítica, a fenomenologia, a hermenêutica e a filosofia da diferença. Em termos práticos, seria importante desenvolver e avaliar experiências pedagógicas concretas inspiradas na pedagogia da negatividade, investigando seus efeitos sobre a aprendizagem, o bem-estar e o desenvolvimento integral dos estudantes.

Outra linha de investigação promissora seria a análise das implicações da sociedade do cansaço para a formação de professores. Como preparar docentes capazes de resistir à lógica do desempenho e de criar espaços de negatividade, contemplação e encontro autêntico em suas práticas pedagógicas? Como desenvolver uma formação que valorize não apenas a aquisição de competências técnicas e instrumentais, mas também a capacidade de reflexão crítica, a sensibilidade estética e a consciência ética?

Por fim, seria valioso investigar as possibilidades de articulação entre a pedagogia da negatividade e outras propostas pedagógicas críticas e transformadoras, como a pedagogia da autonomia de Paulo Freire, a pedagogia do oprimido, a educação para a cidadania democrática, a educação para a diversidade e a inclusão. Como estas diferentes perspectivas podem dialogar e enriquecer-se mutuamente, contribuindo para a construção de uma educação mais humana, crítica e emancipatória?

Ao concluir este trabalho, reafirmo minha convicção na importância do ensino de Filosofia como espaço de resistência crítica aos mecanismos da sociedade do cansaço e como laboratório para a experimentação de práticas pedagógicas transformadoras. Em um contexto marcado pela aceleração constante, pela fragmentação da atenção, pela instrumentalização do conhecimento e pela autoexploração, a Filosofia pode oferecer ferramentas valiosas para a compreensão crítica da realidade e para a imaginação de alternativas possíveis.

Como professor de Filosofia no Ensino Médio da rede pública brasileira, vivo diariamente os desafios e as contradições analisados nesta dissertação. Experimento em minha própria prática a tensão entre as demandas institucionais por produtividade e eficiência e o compromisso ético com uma educação humanizadora e emancipatória. Enfrento cotidianamente a dispersão atencional, o desinteresse, o esgotamento dos estudantes, mas também testemunho momentos de engajamento autêntico, de reflexão profunda, de transformação significativa.

É a partir desta experiência concreta, com suas luzes e sombras, que reafirmo a urgência de repensar os modelos educacionais dominantes e de desenvolver práticas pedagógicas que resistam à lógica da sociedade do cansaço. Não se trata de uma tarefa fácil ou de resultados imediatos, mas de um compromisso ético e político com a formação de sujeitos capazes de compreender, questionar e transformar as condições que produzem o esgotamento, a autoexploração e o sofrimento psíquico.

Que este trabalho possa contribuir, ainda que modestamente, para este esforço coletivo de reimaginação e reconstrução da educação, inspirando reflexões, diálogos e práticas que apontem para um futuro mais humano, mais crítico e menos exaustivo. Como afirma Han, "a salvação não está na aceleração, mas na revolução temporal que inaugure uma forma totalmente diferente de durar" (HAN, 2016, p. 123). No campo educacional, esta revolução temporal implica repensar radicalmente nossa relação com o tempo, com o conhecimento, com o outro e com nós mesmos – um desafio que a Filosofia, em sua vocação crítica e transformadora, está particularmente equipada para enfrentar.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. **O livre arbítrio**. Tradução de Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 1995.

ALVES, Rubem. **Alegria de ensinar**. Campinas: Papirus, 2012.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Tradução de Roberto Raposo. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

ARISTÓTELES. **Política**. Tradução de Mário da Gama Kury. 3. ed. Brasília: Editora da UnB, 1997.

BARACUHY, Regina; PEREIRA, Tânia Augusto. A biopolítica dos corpos na sociedade de controle. **Gragoatá**, Niterói, v. 18, n. 34, p. 222-240, jul./dez. 2013. Disponível em: <<https://doi.org/10.22409/gragoata.v18i34.32974>>. Acesso em: 5 mar. 2023.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 21 jul. 2021.

BRASIL. Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017. Altera as Leis nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, a Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e o Decreto-Lei nº 236, de 28 de fevereiro de 1967; revoga a Lei nº 11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 17 fev. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 21 jul. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros curriculares nacionais (Ensino Médio)** – Ciências Humanas e suas Tecnologias. Brasília, DF: MEC/SEB, 2000. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/cienciah.pdf>>. Acesso em: 21 jul. 2022.

CARVALHO, José Augusto. **A origem das palavras**. 10. ed. Brasília, DF: Thesaurus, 2019.

CAVALCANTI, Bernardo Margulies. **O neoliberalismo e os mecanismos de governamentalidade no capitalismo contemporâneo**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2013.

CHEMIN, Beatris Francisca. A educação para e pelo lazer no âmbito municipal. **Educação**, Santa Maria, v. 32, n. 2, p. 165-175, 2009.

COUTINHO, Gustavo Leuzinger. **A era dos smartphones**: um estudo exploratório sobre o uso dos smartphones no Brasil. 2014. 67 f. Monografia (Graduação em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2014. Disponível em: <<http://bdm.unb.br/handle/10483/9405>>. Acesso em: 9 jun. 2025.

COUTO, Isabela Sousa Lemos; REIS, Daniela Maria Ladeira; OLIVEIRA, Irismar Reis de. Prevalência de sintomas de depressão em estudantes de 11 a 17 anos da rede pública de ensino de Salvador. **Revista de Ciências Médicas e Biológicas**, Salvador, v. 15, n. 3, p. 370-374, 2016.

DELEUZE, Gilles. Post-scriptum sobre as sociedades de controle. In: DELEUZE, Gilles. **Conversações**: 1972-1990. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992. p. 219-226.

DELORS, Jacques (org.). **Educação**: um tesouro a descobrir. Brasília, DF: UNESCO, 1998.

DMITRUK, Hilda Beatriz (org.). **Cadernos metodológicos**: diretrizes da metodologia científica. 5. ed. Chapecó: Argos, 2001.

ESPÍRITO SANTO (Estado). Secretaria de Estado da Educação. **Currículo básico escola estadual**. Vitória: SEDU, 2022.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramallete. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

GINZBURG, Carlo. A internet é um instrumento potencialmente democrático. **Fronteiras do Pensamento**, Porto Alegre, 18 jul. 2022. Disponível em: <<https://www.fronteiras.com/artigos/carlo-ginzburg-a-internet-nao- apenas-remete-aos-livros-como-tambem-pressupoe-livros-1427135419>>. Acesso em: 18 jul. 2022.

HAN, Byung-Chul. **A expulsão do outro**: sociedade, percepção e comunicação hoje. Tradução de Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio D'Água, 2018.

HAN, Byung-Chul. **Agonia do Eros**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.

HAN, Byung-Chul. **No enxame**: perspectivas do digital. Tradução de Lucas Machado. Petrópolis: Vozes, 2018.

HAN, Byung-Chul. **Não-coisas**: reviravoltas do mundo da vida. Tradução de Rafael Rodrigues Garcia. Petrópolis: Vozes, 2022.

HAN, Byung-Chul. **O aroma do tempo**: um ensaio filosófico sobre a arte da demora. Tradução de Lucas Machado. Petrópolis: Vozes, 2016.

HAN, Byung-Chul. **O desaparecimento dos rituais**: uma topologia do presente. Tradução de Lucas Machado. Petrópolis: Vozes, 2021.

HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica**: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Tradução de Maurício Liesen. Belo Horizonte: Âyiné, 2018.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2017.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade da transparência**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.

HAN, Byung-Chul. **Topologia da violência**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Encyclopedia of the Philosophical Sciences in Outline, and Critical Writings**. London: Burns & Oates, 1989.

HOLANDA, Aurélio Buarque de. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

HOMERO. **Odisseia**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Hedra, 2011.

LEWIS, Charlton T.; SHORT, Charles. **A Latin Dictionary**: founded on Andrews' edition of Freund's Latin dictionary. New York: Harper and Brothers, 1879. Disponível em:

<<https://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.04.0059%3Aentry%3Dinferus>>. Acesso em: 9 jun. 2025.

LIPMAN, Matthew. **A filosofia vai à escola**. Tradução de Maria Elice de Brzezinski Prestes e Lucia Maria Silva Kremer. São Paulo: Summus, 1990.

LOCKE, John. **Dois tratados sobre o governo**. Tradução de Julio Fischer. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LOPES, Valéria Cristina Lopes Wilke; FEIJÓ, Marcelo Santos. Aspectos da plataformização educacional na educação básica brasileira: a "Escola do Cansaço" na era do Big Data. **Logeion: Filosofia da Informação**, Rio de Janeiro, v. 10, n. esp. 2, p. 418-437, 2023. Disponível em:

<<https://doi.org/10.21728/logcion.2023v10nesp2.p418-437>>. Acesso em: 15 abr. 2025.

MACEDO, Renata Mourão. Direito ou privilégio? Desigualdades digitais, pandemia e os desafios de uma escola pública. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 74, p. 262-280, set./dez. 2021.

MANUAL diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5. Tradução de Maria Inês Corrêa Nascimento *et al.* 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

MARÇAL, Jairo (org.). **Antologia de textos filosóficos**. Curitiba: SEED, 2009. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/cadernos_pedagogicos/caderno_filosofico.pdf>. Acesso em: 9 jun. 2025.

MASI, Domenico de. **O ócio criativo**. Tradução de Léa Manzi. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (Brasil). **Boletim Epidemiológico**: Perfil epidemiológico dos casos de suicídio entre jovens de 15 a 29 anos no Brasil, 2011-2022. Brasília, DF: MS, 2023.

MOYANO, Nieves; RIAÑO-HERNÁNDEZ, Diana. Burnout escolar en adolescentes españoles: Adaptación y validación del School Burnout Inventory. **Ansiedad y estrés**, Madrid, v. 19, n. 1, p. 95-103, 2013. Disponível em: <<https://www.ansiedadystres.es/sites/default/files/rev/ucm/2013/anyes2013a8.pdf>>. Acesso em: 3 abr. 2025.

NOGUEIRA, João. **Direito Econômico**. São Paulo: Atlas, 2015.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Relatório mundial sobre saúde mental**: transformar a saúde mental para todos. Genebra: OMS, 2022.

PLATÃO. **A República**. Tradução de Enrico Corvisieri. Rio de Janeiro: Best Seller, 2002.

PLATÃO. **Filebo**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: UFPA, 1974. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000033.pdf>>. Acesso em: 9 jun. 2025.

PROF-FILO. **Regimento Geral do Mestrado Profissional em Filosofia – PROF-FILO**. Brasília, DF: Universidade de Brasília, 2024. Disponível em: <<https://prof-filo.unb.br/wp-content/uploads/2024/12/REGIMENTO-GERAL-DO-MESTRADO-PROFISSIONAL-EM-FILOSOFIA-%E2%80%93-PROF-FILO.pdf>>. Acesso em: 16 jul. 2024.

PULFER, Darío; FERRANTE, Patricia; DUSSEL, Inés (org.). Pensar la educación en tiempos de pandemia: entre la emergencia, el compromiso y la espera. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 15, p. 1-16, 2020.

ROSA, Hartmut. **Aceleração**: a transformação das estruturas temporais na modernidade. Tradução de Rafael H. Silveira. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

SOARES, Laura Tavares. **O desastre neoliberal**: a crise do capitalismo globalizado. São Paulo: Boitempo, 2012.

TÜRCKE, Christoph. **Sociedade excitada**: filosofia da sensação. Tradução de Antonio A. S. Zuin *et al.* Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

WILLIAMSON, Ben; EYNON, Rebecca; POTTER, John. Políticas, pedagogias e práticas pandêmicas: tecnologias digitais e educação a distância durante a emergência do coronavírus. **Learning, Media and Technology**, London, v. 45, n. 2, p. 107-114, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/17439884.2020.1761641>>. Acesso em: 21 abr. 2023.

ZUARDI, Antônio Waldo. Características básicas do transtorno de ansiedade generalizada. **Medicina**, Ribeirão Preto, v. 50, supl. 1, p. 51-55, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2176-7262.v50isupl1.p51-55>>. Acesso em: 22 out. 2024.

ZUIN, Antônio Álvaro Soares. O plano nacional de educação e as tecnologias da informação e comunicação. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 31, n. 112, p. 2010.

APÊNDICE A — *E-Book*: O Aluno na Sociedade do Cansaço: Uma Proposta Pedagógico-Didática para o Ensino Médio.

A sociedade contemporânea, caracterizada por Byung-Chul Han como "Sociedade do Cansaço", apresenta desafios específicos e urgentes para a educação brasileira, particularmente no contexto do Ensino Médio das escolas públicas. O problema central que orienta esta investigação emerge da observação sistemática de que os estudantes brasileiros do Ensino Médio se encontram imersos em uma lógica de desempenho constante, autoexploração e hiperconectividade que compromete fundamentalmente sua capacidade de reflexão crítica, contemplação e estabelecimento de relações significativas com o conhecimento filosófico.

Este problema manifesta-se concretamente através de sintomas observáveis e mensuráveis no cotidiano das escolas públicas brasileiras: crescente prevalência de ansiedade entre estudantes, dificuldade de concentração profunda e sustentada, instrumentalização do conhecimento em função de resultados imediatos (como aprovação no ENEM e vestibulares), fragmentação da atenção devido à hiperconectividade digital, perda da capacidade contemplativa necessária ao filosofar, e deterioração das relações interpessoais autênticas em favor de interações mediadas por dispositivos tecnológicos.

Tais manifestações não constituem meramente problemas individuais ou psicológicos isolados, mas representam sintomas de uma transformação estrutural profunda na sociedade, que Han identifica como a transição da sociedade disciplinar, analisada por Michel Foucault, para a sociedade do desempenho ou sociedade do cansaço. Esta transição implica uma mudança fundamental nos mecanismos de poder e controle social, que deixam de operar através de proibições e disciplinamento externo para funcionar através da autoexploração voluntária e do imperativo do "poder fazer".

O problema específico que orienta esta investigação pode ser formulado da seguinte maneira: como o ensino de Filosofia no Ensino Médio das escolas públicas brasileiras pode constituir-se como espaço efetivo de resistência crítica aos mecanismos psicopolíticos da sociedade do cansaço, contribuindo para a formação de sujeitos capazes de compreender, questionar e transformar as condições sociais, tecnológicas e subjetivas que produzem o esgotamento, a autoexploração e o

sofrimento psíquico, utilizando práticas dialógicas e tecnologias digitais de forma crítica e emancipatória?

Esta formulação do problema articula-se diretamente com os objetivos do Programa de Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO), que conforme estabelecido em seu Regimento Geral, tem como finalidade "a melhoria da qualidade da docência em Filosofia na Educação Básica, oferecendo aos profissionais admitidos como seus discentes uma formação filosófica e pedagógica aprofundada voltada para o exercício da docência da Filosofia, em especial na Educação Básica" (PROF-FILO, 2024)

. O programa destina-se especificamente a "ofertar curso de mestrado em Filosofia, na modalidade mestrado profissional, em rede, com abrangência nacional, aos professores de Filosofia na Educação Básica preferencialmente aqueles que atuam nas escolas das redes públicas de ensino" (PROF-FILO, 2024)

A solução desenvolvida para enfrentar este problema consiste na elaboração de um *e-book* pedagógico intitulado "O Aluno na Sociedade do Cansaço: Uma Proposta Pedagógico-Didática para o Ensino Médio", que constitui simultaneamente um produto educacional concreto e uma prática dialógica autêntica para o ensino de Filosofia na Educação Básica. Este material pedagógico não se limita a uma transposição didática mecânica dos conceitos filosóficos de Han, mas configura-se como uma ferramenta pedagógica que materializa práticas dialógicas genuínas, promovendo o encontro horizontal entre educadores e estudantes na construção coletiva do conhecimento crítico.

O *e-book* desenvolvido possui 35 páginas e está estruturado em quatro aulas de 60 minutos cada, explorando aspectos específicos do pensamento de Han e suas implicações para a educação brasileira. O material oferece orientações detalhadas para educadores sobre como conduzir cada atividade, textos complementares que aprofundam os conceitos trabalhados, textos acessíveis para estudantes, atividades práticas e reflexivas, e recursos visuais que facilitam a compreensão dos temas abordados.

O produto educacional representa uma prática dialógica na medida em que estrutura situações de ensino-aprendizagem baseadas no diálogo socrático, na problematização coletiva da realidade e na construção colaborativa de alternativas críticas aos imperativos da sociedade do desempenho. Cada uma das quatro aulas

propostas no material é concebida como um espaço de encontro dialógico, onde estudantes e professores investigam conjuntamente os conceitos de Han, relacionando-os com suas experiências vividas e construindo compreensões críticas sobre sua condição na sociedade contemporânea.

Esta pesquisa insere-se especificamente na Linha de Pesquisa 2: Práticas de Ensino de Filosofia do Programa de Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO), conforme definida no Regimento Geral do programa. O Art. 4º do Regimento estabelece que "o PROF-FILO tem como área de concentração o Ensino de Filosofia, que se desdobra em duas linhas de pesquisa, Filosofia e Ensino e Prática de Ensino de Filosofia, às quais se vinculam os projetos de pesquisa a serem desenvolvidos no âmbito do Programa" (PROF-FILO, 2024).

A escolha da Linha 2: Práticas de Ensino de Filosofia justifica-se porque esta linha "desenvolve a investigação teórico-prática dos problemas vinculados às várias dimensões e conteúdos da prática de ensino da Filosofia na Educação Básica" (PROF-FILO, 2024), alinhando-se perfeitamente com o objetivo desta pesquisa de desenvolver uma proposta pedagógico-didática concreta para o Ensino Médio das escolas públicas brasileiras. A linha contempla especificamente "os estudos e pesquisas que tratam das metodologias pedagógicas e filosóficas, da avaliação, das tecnologias, das mídias, dos jogos, das artes em todas as suas expressões, dos materiais didáticos, da leitura e escrita filosófica, das experiências e dos experimentos e dos laboratórios filosóficos" (PROF-FILO, 2024).

Esta abrangência da linha de pesquisa permite articular tanto a dimensão metodológica quanto a tecnológica da proposta desenvolvida, incorporando reflexões sobre o uso crítico das tecnologias digitais na educação filosófica e o desenvolvimento de materiais didáticos inovadores que respondam aos desafios contemporâneos da sociedade do cansaço.

O *e-book* desenvolvido articula-se diretamente com o Projeto 2.1: Práticas Dialógicas para o Ensino da Filosofia, que oferece o referencial teórico-metodológico fundamental para enfrentar o problema identificado. As práticas dialógicas, conforme definidas pelo projeto, "pressupõem o encontro de sujeitos que interagem na construção do conhecimento, implicando, portanto, uma relação horizontal e simétrica de criação e troca, que corrobora a elaboração de um pensamento não dogmático e valoriza a diferença e a alteridade" (PROF-FILO, 2024).

Esta abordagem dialógica é particularmente relevante para resistir à lógica da sociedade do cansaço, que, segundo Han, promove a expulsão do Outro e a redução das relações a interações instrumentais baseadas no desempenho e na produtividade. As práticas dialógicas oferecem um contraponto direto a esta tendência, na medida em que "promovem a autonomia do pensamento e da ação dos sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, permitindo a aquisição e a transformação do conhecimento em resposta ao contexto sociocultural desses sujeitos" (PROF-FILO, 2024).

O projeto reconhece que "o ensino de filosofia encontra nessas práticas um meio e um espaço promissor, pois é da natureza da filosofia a dialogicidade, como se pode observar, por exemplo, no modo de filosofar de Sócrates, na hermenêutica filosófica de Gadamer e na reflexão e práxis educativa de Paulo Freire" (PROF-FILO, 2024). Esta fundamentação filosófica da dialogicidade oferece base sólida para desenvolver práticas pedagógicas que resistam à aceleração e à superficialidade características da sociedade do desempenho.

O projeto objetiva especificamente "desenvolver nos estudantes a capacidade de examinar os pressupostos, princípios, raciocínios e evidências, além de considerar as implicações e as consequências e formular e criticar alternativas a quaisquer pontos de vista" (PROF-FILO, 2024). Este objetivo alinha-se diretamente com a necessidade de formar sujeitos capazes de analisar criticamente os mecanismos da sociedade do cansaço e elaborar alternativas emancipatórias através do diálogo filosófico autêntico.

O *e-book* materializa concretamente as práticas dialógicas através de metodologias específicas implementadas em cada aula. A Aula 1: A Sociedade do Cansaço e seus Impactos na Educação inicia-se com uma "dinâmica inicial" onde os estudantes são convidados a "compartilhar sua rotina diária, destacando especialmente suas atividades escolares e o uso de tecnologias digitais" e a "identificar momentos de cansaço, pressão por desempenho e multitarefas". Esta metodologia privilegia o diálogo horizontal, partindo das experiências concretas dos estudantes como ponto de partida para a reflexão filosófica.

A estrutura dialógica é reforçada através da organização da sala "em círculo para facilitar o diálogo" e da implementação de "atividade em grupos" onde a turma é dividida "em pequenos grupos" para discussão de "perguntas para discussão

presentes no material do aluno". O professor é orientado a "circular entre os grupos para orientar as discussões", assumindo o papel de mediador do diálogo em vez de transmissor unidirecional de conhecimento.

O *e-book* incorpora também as reflexões do Projeto 2.2: Filosofia, Tecnologias, Mídias e Ensino, reconhecendo que a problemática da sociedade do cansaço está intrinsecamente ligada às transformações tecnológicas contemporâneas. O projeto reconhece que "a expansão das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC), o uso social das mídias enquanto conteúdos, suportes e veículos tradicionais e digitais [...], tem gerado mudanças na forma de ensinar e aprender" (PROF-FILO, 2024)

Estas mudanças são particularmente relevantes para compreender a sociedade do cansaço, pois as tecnologias digitais "diminuem fronteiras cognitivas, afetivas e físicas, criando espaços híbridos de conexões e compartilhamentos, estabelecendo redes de interações e relações inovadoras de aprendizagem, mas ao mesmo tempo potencializando crises e disfunções novas" (PROF-FILO, 2024). Estas "crises e disfunções" incluem precisamente os fenômenos analisados por Han: fragmentação da atenção, aceleração temporal, autoexploração psicopolítica e deterioração das relações interpessoais autênticas.

O projeto destaca que "as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação por meio de suas aplicações, redes, conteúdos e práticas, alteram de maneira significativa as formas de interpretar o mundo, modificam de modo permanente práticas tradicionais de convivência, ampliam modelos tradicionais de aquisição de conhecimento e de participação política, além de ter um impacto efetivo nas relações sociais e educacionais" (PROF-FILO, 2024).

O *e-book* incorpora tecnologias digitais não como meros instrumentos funcionais, mas como objetos de investigação filosófica e ferramentas para práticas dialógicas críticas. Esta abordagem alinha-se com a perspectiva do Projeto 2.2, que propõe "investigar o uso das tecnologias, incluindo, mas também superando, uma perspectiva meramente instrumental e funcional, através da descoberta das suas potencialidades e limites, reconfigurando saberes, práticas e vivências contemporâneas" (PROF-FILO, 2024).

A Aula 2: Psicopolítica e as Novas Formas de Controle exemplifica esta integração crítica ao abordar "as novas formas de controle" com "especial atenção

às tecnologias digitais e suas implicações para a formação subjetiva dos jovens". O material propõe uma análise dialógica do uso das tecnologias pelos próprios estudantes, promovendo reflexões sobre "o uso das redes sociais, algoritmos e dispositivos móveis" através de metodologias que desenvolvem a capacidade crítica em relação aos mecanismos psicopolíticos contemporâneos.

O produto inicia com uma contextualização abrangente do pensamento de Byung-Chul Han, apresentando-o como "um filósofo coreano-alemão que tem se destacado no cenário intelectual contemporâneo por suas análises agudas sobre as transformações sociais, psicológicas e culturais do século XXI". O material destaca que Han "desenvolve uma crítica contundente à sociedade contemporânea, que ele denomina 'sociedade do cansaço', oferecendo aos estudantes e professores uma introdução acessível, mas rigorosa ao pensamento do filósofo.

A fundamentação teórica enfatiza que "o conceito central do pensamento de Han é a transição de uma 'sociedade disciplinar', analisada por Michel Foucault, para uma 'sociedade do desempenho' ou 'sociedade do cansaço'. Esta transição é explicada de forma didática: "Enquanto a sociedade disciplinar era caracterizada por proibições, deveres e obrigações impostas externamente, a sociedade do desempenho é marcada pelo imperativo do 'poder fazer', pela autoexploração voluntária e pela busca incessante por produtividade".

O material demonstra preocupação específica com a articulação entre os conceitos filosóficos de Han e as diretrizes curriculares brasileiras, incluindo uma seção dedicada à "Articulação com a BNCC: Ciências Humanas e Sociais Aplicadas". Esta articulação é fundamental para garantir que o produto educacional possa ser efetivamente implementado no contexto das escolas públicas brasileiras, respeitando as diretrizes curriculares nacionais enquanto promove uma reflexão crítica sobre os desafios contemporâneos.

O *e-book* também inclui uma seção sobre "A Sociedade do Cansaço no Contexto Educacional Brasileiro", demonstrando a preocupação em contextualizar as reflexões filosóficas para a realidade específica dos estudantes brasileiros do Ensino Médio. Esta contextualização é essencial para que os conceitos de Han não permaneçam abstratos, mas sejam compreendidos em sua relevância concreta para a experiência educacional dos jovens brasileiros.

Estrutura Pedagógica das Aulas:

Aula 1: A Sociedade do Cansaço e seus Impactos na Educação.

A primeira aula está estruturada com objetivos claros e específicos: "Apresentar aos estudantes o conceito de 'sociedade do cansaço' desenvolvido por Byung-Chul Han; relacionar esse conceito com experiências cotidianas dos estudantes no ambiente escolar; refletir sobre as novas formas de adoecimento psíquico na sociedade contemporânea; desenvolver uma compreensão crítica sobre a lógica do desempenho na educação".

A metodologia proposta privilegia a participação ativa dos estudantes através de uma "dinâmica inicial" onde são convidados a compartilhar suas experiências cotidianas, especialmente relacionadas ao "cansaço, pressão por desempenho e multitarefas". Esta abordagem materializa os princípios das práticas dialógicas, partindo das experiências concretas dos estudantes como base para a reflexão filosófica.

O desenvolvimento da aula inclui uma "apresentação do conceito" que utiliza "exemplos do cotidiano escolar e das relações com as tecnologias digitais", demonstrando a preocupação em tornar os conceitos filosóficos acessíveis e relevantes para os estudantes. A aula culmina com "atividade em grupos" onde os estudantes discutem "perguntas para discussão presentes no material do aluno", promovendo a construção coletiva do conhecimento.

Aula 2: Psicopolítica e as Novas Formas de Controle.

A segunda aula aprofunda a análise dos "mecanismos de poder contemporâneos, com especial atenção às tecnologias digitais e suas implicações para a formação subjetiva dos jovens". Esta aula articula diretamente os dois projetos de pesquisa do PROF-FILO, utilizando práticas dialógicas para investigar criticamente o uso das tecnologias digitais pelos estudantes.

Aula 3: O Eu e o Outro na Era Digital.

A terceira aula centra-se na valorização da alteridade através de práticas dialógicas que se contrapõem à lógica do "igual" analisada por Han. Esta aula incorpora especificamente a perspectiva dialógica que valoriza a diferença e a alteridade, contrapondo-se à lógica da sociedade do desempenho que promove a expulsão do Outro.

Aula 4: Tempo Contemplativo e Autonomia na Educação

A quarta aula propõe alternativas pedagógicas baseadas na valorização da negatividade, da pausa e da reflexão crítica, utilizando práticas que promovem a autonomia do pensamento crítico. Esta aula articula as reflexões sobre tecnologia e diálogo, propondo formas de uso das tecnologias que possibilitem a experiência contemplativa.

Um aspecto fundamental do *e-book* desenvolvido é sua concepção baseada nos princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA)¹⁸, garantindo que o material seja acessível a estudantes com diferentes tipos de deficiência. Esta preocupação alinha-se com a perspectiva inclusiva das práticas dialógicas, que valorizam a diferença e a alteridade como elementos constitutivos do processo educativo, em contraposição à lógica normalizadora da sociedade do desempenho.

O material incorpora múltiplas formas de representação da informação, incluindo textos estruturados de forma clara e acessível, organização consistente do conteúdo, e orientações específicas para adaptações necessárias. O *e-book* prevê a possibilidade de "imprimir cópias do texto para os estudantes" quando necessário, garantindo acesso ao material independentemente da disponibilidade de recursos tecnológicos.

As atividades propostas no *e-book* são estruturadas de forma a permitir múltiplas formas de participação no diálogo filosófico. A organização da sala "em círculo para facilitar o diálogo" e a divisão da turma "em pequenos grupos" criam oportunidades diversificadas de participação, permitindo que estudantes com diferentes necessidades e estilos de aprendizagem possam contribuir efetivamente para as discussões.

A metodologia de "atividade em grupos" com orientação do professor que "circula entre os grupos para orientar as discussões" permite adaptações individualizadas e suporte diferenciado conforme as necessidades específicas de cada estudante. Esta abordagem fundamenta-se na compreensão de que a

¹⁸ O Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) é uma abordagem pedagógica que busca criar ambientes de ensino e materiais didáticos flexíveis e acessíveis a todos os alunos, removendo barreiras à aprendizagem. Fundamenta-se em três princípios essenciais: proporcionar múltiplas formas de apresentação do conteúdo (o quê), permitir múltiplas formas de ação e expressão para o aluno demonstrar seu conhecimento (o como), e oferecer múltiplas formas de engajamento para sustentar a motivação (o porquê).

diversidade de perspectivas enriquece o diálogo filosófico, oferecendo diferentes formas de compreender e questionar os mecanismos da sociedade do cansaço.

A experiência da deficiência, frequentemente marcada pela resistência aos padrões normativos de produtividade e eficiência, pode oferecer insights valiosos para compreender e resistir à lógica do desempenho analisada por Han. O *e-book* reconhece implicitamente esta dimensão ao valorizar as "experiências cotidianas dos estudantes" como ponto de partida para a reflexão filosófica, incluindo experiências de diferença e diversidade que podem questionar os imperativos da sociedade do cansaço.

Embora o *e-book* seja estruturado primariamente para o contexto escolar, sua metodologia dialógica e sua abordagem crítica da sociedade do cansaço criam possibilidades de extensão para a comunidade local. A reflexão sobre "experiências cotidianas dos estudantes no ambiente escolar" pode ser ampliada para incluir experiências familiares e comunitárias, promovendo diálogos intergeracionais sobre os impactos da sociedade do desempenho.

A metodologia de "dinâmica inicial" onde os estudantes compartilham suas "rotinas diárias" pode ser adaptada para incluir a participação de familiares e membros da comunidade, criando espaços de diálogo sobre as manifestações locais da sociedade do cansaço. Esta extensão alinha-se com a perspectiva freireana de que a educação deve contribuir para a transformação da realidade social, não apenas para sua compreensão teórica.

O produto oferece orientações detalhadas para professores, incluindo "preparação" específica que recomenda a leitura do capítulo 'Sociedade do Desempenho' do livro 'Sociedade do Cansaço' e orientações práticas sobre organização do espaço e recursos necessários. Esta estrutura pode servir como base para programas de formação continuada de educadores, promovendo a disseminação das práticas dialógicas e da reflexão crítica sobre a sociedade do cansaço.

A metodologia proposta, que orienta o professor a "circular entre os grupos para orientar as discussões", implica uma transformação do papel docente que pode ser desenvolvida através de processos formativos específicos. Esta transformação alinha-se com os objetivos do PROF-FILO de promover "uma formação filosófica e pedagógica aprofundada voltada para o exercício da docência da Filosofia".

O livro digital propõe metodologias de avaliação baseadas nos princípios das práticas dialógicas, privilegiando processos formativos em detrimento de avaliações somativas tradicionais. A avaliação é concebida como parte integrante do diálogo educativo, contribuindo para a reflexão crítica e a transformação das práticas.

A proposta de avaliação inclui a observação da "participação dos estudantes nas discussões e a capacidade de relacionar os conceitos apresentados com suas experiências cotidianas". Esta abordagem valoriza a capacidade de articulação entre teoria e prática, fundamental para o desenvolvimento do pensamento crítico em relação à sociedade do cansaço.

O material propõe também a "produção do diário reflexivo" que "servirá como instrumento de avaliação continuada ao longo das quatro aulas". Esta metodologia permite acompanhar o processo de reflexão individual dos estudantes, respeitando diferentes ritmos e estilos de aprendizagem enquanto promove a autoavaliação e a metacognição.

O *e-book* implicitamente propõe indicadores qualitativos para acompanhar os impactos das práticas dialógicas na formação dos estudantes: desenvolvimento da capacidade de relacionar conceitos filosóficos com experiências cotidianas, participação ativa em discussões coletivas, capacidade de reflexão crítica sobre a própria condição na sociedade contemporânea, e desenvolvimento de uma compreensão crítica sobre a lógica do desempenho na educação.

O *e-book* "O Aluno na Sociedade do Cansaço" busca ser uma contribuição significativa para as práticas de ensino de Filosofia na Educação Básica, oferecendo uma metodologia inovadora que articula reflexão filosófica contemporânea com práticas dialógicas e uso crítico das tecnologias digitais. O material demonstra como conceitos filosóficos complexos podem ser tornados acessíveis e relevantes para estudantes do Ensino Médio através de metodologias participativas e contextualizadas.

A estrutura do *e-book*, com orientações detalhadas para professores e materiais específicos para estudantes, oferece um modelo replicável para o desenvolvimento de outros materiais didáticos que articulem filosofia contemporânea com práticas pedagógicas inovadoras. Esta contribuição alinha-se com os objetivos do PROF-FILO de desenvolver "referenciais metodológicos e recursos didáticos

voltados à aplicação de práticas dialógicas no ensino de filosofia na educação básica" (PROF-FILO, 2024).

O *e-book* demonstra concretamente como a investigação teórico-prática pode resultar em produtos educacionais que respondem a problemas reais da educação contemporânea. A articulação entre os conceitos de Han sobre a sociedade do cansaço e as práticas dialógicas oferece uma resposta pedagógica específica aos desafios enfrentados pelos estudantes brasileiros do Ensino Médio.

Esta articulação materializa os objetivos do mestrado profissional em Filosofia, que conforme estabelecido no Regimento Geral, destina-se a oferecer "uma formação filosófica e pedagógica aprofundada voltada para o exercício da docência da Filosofia, em especial na Educação Básica" (PROF-FILO, 2024). O *e-book* constitui um exemplo concreto de como esta formação pode resultar em produtos educacionais que transformam a prática docente.

O *e-book* oferece ferramentas concretas para educadores que desejam implementar uma pedagogia da resistência crítica aos mecanismos da sociedade do cansaço. As práticas dialógicas propostas criam espaços de pausa, reflexão e questionamento em meio à aceleração e à positividade dominantes, oferecendo alternativas pedagógicas que valorizam a contemplação, a profundidade e o encontro autêntico com a alteridade.

Esta contribuição é particularmente relevante no contexto educacional brasileiro, onde as pressões por resultados em avaliações externas e a instrumentalização do conhecimento têm intensificado os mecanismos da sociedade do desempenho no ambiente escolar. O *e-book* oferece estratégias pedagógicas específicas para resistir a estas pressões através da valorização do diálogo, da reflexão crítica e da construção coletiva do conhecimento.

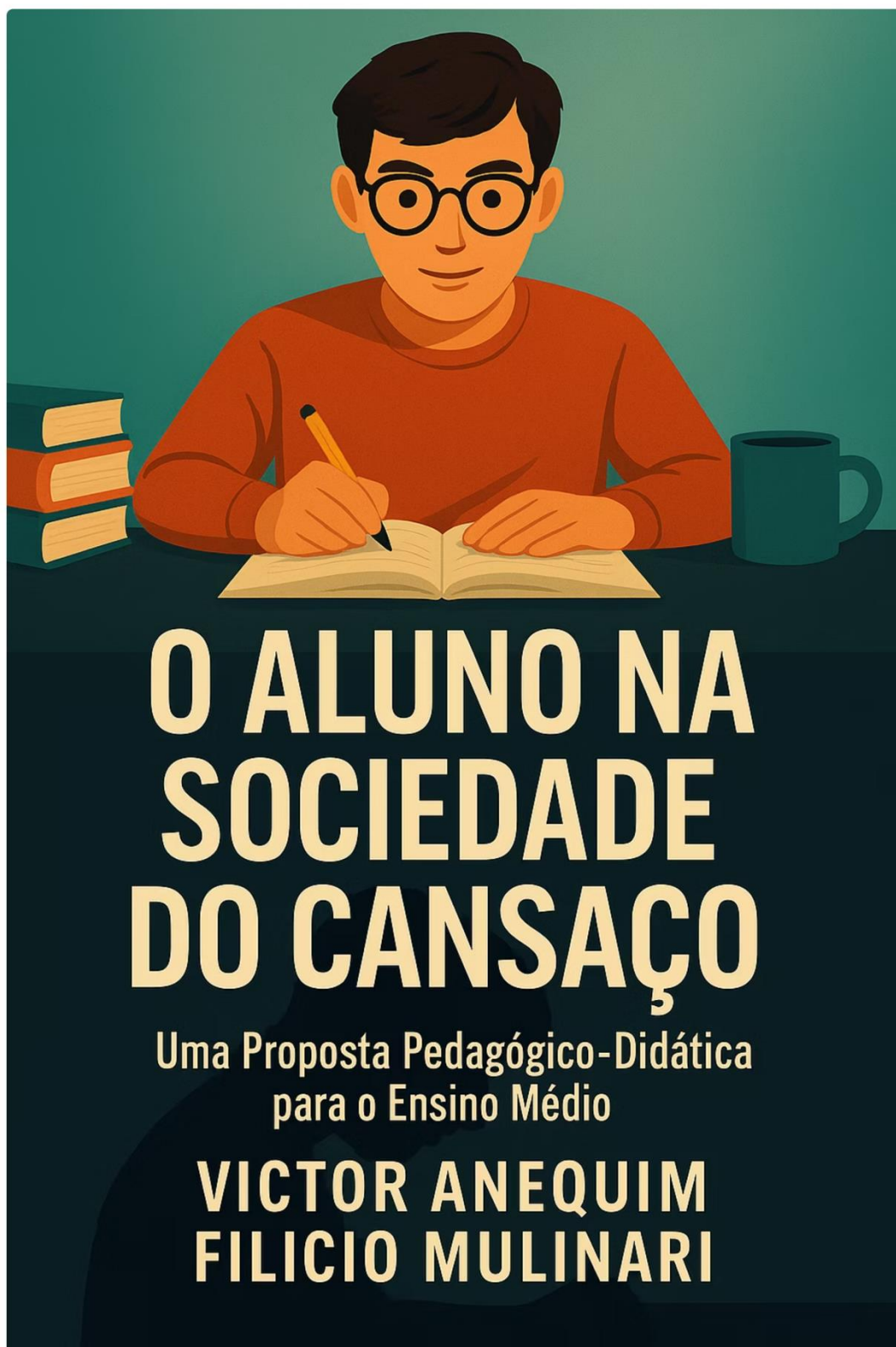
O *e-book* "O Aluno na Sociedade do Cansaço: Uma Proposta Pedagógico-Didática para o Ensino Médio" busca ser a materialização dos objetivos do Programa de Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO) em consonância com a pesquisa acadêmica feita pelo autor, oferecendo um produto educacional concreto que articula investigação teórico-prática com intervenção pedagógica transformadora. O material contribui especificamente para o desenvolvimento de referenciais metodológicos e recursos didáticos voltados à aplicação de práticas dialógicas no

ensino de filosofia na educação básica, conforme preconizado pelo Projeto 2.1 do PROF-FILO.

Simultaneamente, o *e-book* oferece uma investigação teórico-prática que permite explorar os limites e possibilidades das tecnologias no contexto educacional, promovendo o diálogo interdisciplinar e transdisciplinar entre a filosofia, as tecnologias e suas redes, as mídias sociais e o ensino, alinhando-se com os objetivos do Projeto 2.2.

A proposta desenvolvida demonstra que é possível criar alternativas pedagógicas que resistam à lógica da sociedade do cansaço através de práticas dialógicas que valorizam a alteridade, a contemplação e a transformação social. O material oferece ferramentas concretas para educadores que atuam nas escolas públicas brasileiras, respondendo diretamente ao objetivo do PROF-FILO de melhorar "a qualidade da docência em Filosofia na Educação Básica" (PROF-FILO, 2024).

Em última instância, a contribuição do *e-book* talvez resida em sua demonstração de que a educação filosófica pode constituir-se como prática de liberdade, formando sujeitos capazes não apenas de compreender criticamente a sociedade do cansaço, mas de construir coletivamente alternativas mais humanas, inclusivas e emancipatórias. Como afirma Han, "a *vita contemplativa* pressupõe a capacidade de suportar um profundo tédio" (HAN, 2016). O *e-book* oferece estratégias pedagógicas concretas para cultivar esta capacidade contemplativa em meio à aceleração contemporânea, contribuindo para a formação de sujeitos capazes de resistir aos imperativos da sociedade do desempenho através do diálogo, da reflexão e da construção coletiva de alternativas emancipatórias.



Apresentação

Caros educadores e estudantes,

É com grande satisfação que apresentamos este material pedagógico, fruto de uma intensa investigação acadêmica sobre os desafios enfrentados pela educação contemporânea à luz das reflexões do filósofo coreano-alemão Byung-Chul Han. Vivemos em uma época marcada pela aceleração constante, pelo excesso de estímulos e pela pressão incessante por produtividade, o que tem gerado consequências profundas na formação dos nossos jovens.

Este e-book foi desenvolvido com o propósito de oferecer ferramentas teóricas e práticas para compreender e enfrentar o que Han denomina "sociedade do cansaço", promovendo um espaço educacional que valorize a contemplação, a profundidade e o encontro autêntico com o outro. As propostas aqui apresentadas foram pensadas especificamente para o contexto das escolas públicas brasileiras, considerando os desafios particulares enfrentados por estudantes e professores nesse ambiente.

O material está estruturado em quatro aulas de 60 minutos, cada uma explorando aspectos específicos do pensamento de Han e suas implicações para a educação. Para os educadores, oferecemos orientações detalhadas sobre como conduzir cada atividade, além de textos complementares que aprofundam os conceitos trabalhados. Para os estudantes, apresentamos textos acessíveis, atividades práticas e reflexivas, e recursos visuais que facilitam a compreensão dos temas abordados.

Esperamos que este e-book possa contribuir para uma educação mais humanizada e consciente, que prepare os jovens não apenas para os desafios do mercado de trabalho, mas para uma vida plena e significativa em um mundo cada vez mais complexo e acelerado.

"A sociedade disciplinar ainda está dominada pelo não. Sua negatividade gera loucos e delinquentes. A sociedade do desempenho, ao contrário, produz depressivos e fracassados."
(HAN, Byung-Chul. *Sociedade do Cansaço*. Petrópolis: Vozes, 2015, p. 24-25)

Sumário

1. Apresentação
2. Byung-Chul Han e a Sociedade do Cansaço - Página 5
3. A Sociedade do Cansaço no Contexto Educacional Brasileiro - Página 7
4. Articulação com a BNCC: Ciências Humanas e Sociais Aplicadas - Página 8

Aula 1: A Sociedade do Cansaço e seus Impactos na Educação

1. Orientações para o Professor - Página 10
2. Material para os Alunos - Página 11
3. Atividades Propostas - Página 12

Aula 2: Psicopolítica e as Novas Formas de Controle

1. Orientações para o Professor - Página 13
2. Material para os Alunos - Página 15
3. Atividades Propostas - Página 16

Aula 3: O Eu e o Outro na Era Digital

1. Orientações para o Professor - Página 17
2. Material para os Alunos - Página 18
3. Atividades Propostas - Página 20

Aula 4: Tempo Contemplativo e Autonomia na Educação

1. Orientações para o Professor - Página 22
2. Material para os Alunos - Página 24
3. Atividades Propostas - Página 25

Sumário

Orientações Gerais para o Professor - Página 27

Adaptações e Sugestões Complementares - Página 29

Recursos Complementares - Página 31

Glossário - Página 32

Considerações Finais - Página 33

Referências Bibliográficas - Página 34

Sobre o Autor - Página 35

Byung-Chul Han e a Sociedade do Cansaço

Byung-Chul Han é um filósofo coreano-alemão que tem se destacado no cenário intelectual contemporâneo por suas análises agudas sobre as transformações sociais, psicológicas e culturais do século XXI. Nascido na Coreia do Sul em 1959 e radicado na Alemanha, onde atualmente leciona na Universität der Künste Berlin (Universidade de Artes de Berlim), Han desenvolve uma crítica contundente à sociedade contemporânea, que ele denomina "sociedade do cansaço".

A obra de Han é marcada por uma linguagem acessível e direta, que dialoga com múltiplas tradições filosóficas, da fenomenologia à teoria crítica, passando por reflexões sobre o zen-budismo e a neurociência. Seus livros curtos e densos têm encontrado grande repercussão mundial, sendo traduzidos para diversos idiomas e influenciando debates em áreas como filosofia, sociologia, psicologia e educação. Entre suas obras mais conhecidas estão "Sociedade do Cansaço" (2010), "Agonia do Eros" (2012), "Psicopolítica" (2014) e "No Enxame" (2013).

O conceito central do pensamento de Han é a transição de uma "sociedade disciplinar", analisada por Michel Foucault, para uma "sociedade do desempenho" ou "sociedade do cansaço". Enquanto a sociedade disciplinar era caracterizada por proibições, deveres e obrigações impostas externamente, a sociedade do desempenho é marcada pelo imperativo do "poder fazer", pela autoexploração voluntária e pela busca incessante por produtividade. Essa mudança de paradigma, segundo Han, tem gerado novas formas de adoecimento psíquico, como a depressão, a Síndrome de Burnout e o Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH).

"O sujeito de desempenho está livre da instância externa de domínio que o obriga a trabalhar ou que poderia explorá-lo. É senhor e soberano de si mesmo. Não está submisso a ninguém ou está submisso apenas a si mesmo. É nisso que ele se distingue do sujeito de obediência. A queda da instância dominadora não leva à liberdade. Ao contrário, faz com que liberdade e coação coincidam." (HAN, Byung-Chul. Sociedade do Cansaço. Petrópolis: Vozes, 2015, p. 29)

Neste e-book, exploraremos como os conceitos desenvolvidos por Han podem iluminar nossa compreensão sobre os desafios enfrentados pela educação brasileira contemporânea, especialmente no Ensino Médio, e como podemos desenvolver práticas pedagógicas que ajudem nossos estudantes a navegarem criticamente por esse cenário, promovendo valores como a contemplação, a reflexão profunda e o relacionamento autêntico com o outro.

"A cultura digital do clique não favorece a ação e tampouco a paixão. Ela reproduz e acelera o existente. [...] O clicar e o deslizar com o dedo na tela do smartphone não são ações." (HAN, Byung-Chul. No Enxame: perspectivas do digital. Petrópolis: Vozes, 2018, p. 70)

Este e-book propõe pensar criticamente esse cenário, não para negar as potencialidades das tecnologias digitais ou as demandas legítimas por formação qualificada, mas para reequilibrar a balança, reintroduzindo na educação valores como a contemplação, a negatividade (no sentido filosófico de limite, intervalo e diferença) e o encontro autêntico com a alteridade.

A Sociedade do Cansaço no Contexto Educacional Brasileiro

O sistema educacional brasileiro, especialmente no Ensino Médio, reflete muitas das características da sociedade do cansaço analisada por Byung-Chul Han. Os estudantes enfrentam uma rotina extenuante de atividades, avaliações constantes e pressão por resultados, especialmente voltados para os exames de ingresso no ensino superior, como o ENEM. Essa lógica do desempenho se manifesta de diversas formas:

- Currículo sobrecarregado e fragmentado, com pouco espaço para aprofundamento reflexivo;
- Avaliações padronizadas que priorizam a memorização em detrimento da reflexão crítica;
- Uso intensivo de tecnologias digitais que, embora úteis, muitas vezes reforçam a dispersão e a superficialidade;
- Pressão constante por resultados e métricas de desempenho;
- Redução do tempo livre e do espaço para atividades não-produtivas.



Esse cenário é agravado pelas desigualdades estruturais da sociedade brasileira, que impõem desafios adicionais aos estudantes de escolas públicas, muitos dos quais precisam conciliar os estudos com responsabilidades familiares e laborais. O resultado é uma geração de jovens marcados pelo cansaço, pela ansiedade e pela dificuldade de encontrar sentido em suas trajetórias educacionais.

Han observa que o excesso de positividade da sociedade contemporânea – expressa em máximas como "você pode tudo" ou "seja sua melhor versão" – gera uma violência neuronal que leva a doenças psíquicas como a depressão, o burnout e o TDAH. No contexto educacional brasileiro, vemos manifestações claras desse fenômeno: o aumento dos casos de adoecimento mental entre estudantes e professores, a medicalização crescente de processos de aprendizagem e a normalização da exaustão como parte inevitável do processo educativo.

Além disso, a cultura digital, com sua lógica de recompensas imediatas e estímulos constantes, tem transformado profundamente a relação dos estudantes com o conhecimento. Como aponta Han em "No Enxame", vivemos numa era de dispersão, em que a capacidade de contemplação profunda e atenção duradoura é progressivamente erodida em favor de uma

Articulação com a BNCC: Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Os conceitos de Byung-Chul Han e as práticas pedagógicas propostas neste e-book dialogam diretamente com as competências e habilidades previstas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para a área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas no Ensino Médio. Abaixo, destacamos as principais habilidades contempladas:

EM13CHS101	Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.
EM13CHS103	Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de natureza qualitativa e quantitativa (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos, gráficos, mapas, tabelas etc.).
EM13CHS202	Analisar e avaliar os impactos das tecnologias na estruturação e nas dinâmicas de grupos, povos e sociedades contemporâneos (fluxos populacionais, financeiros, de mercadorias, de informações, de valores éticos e culturais etc.), bem como suas interferências nas decisões políticas, sociais, ambientais, econômicas e culturais.
EM13CHS401	Identificar e analisar as relações entre sujeitos, grupos e classes sociais diante das transformações técnicas, tecnológicas e informacionais e das novas formas de trabalho ao longo do tempo, em diferentes espaços e contextos.

EM13CHS404	Identificar e discutir os múltiplos aspectos do trabalho em diferentes circunstâncias e contextos históricos e/ou geográficos e seus efeitos sobre as gerações, em especial, os jovens e as gerações futuras, levando em consideração, na atualidade, as transformações técnicas, tecnológicas e informacionais.
EM13CHS503	Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica, etc.), suas causas, significados e usos políticos, sociais e culturais, avaliando e propondo mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos.
EM13CHS504	Analisar e avaliar os impasses ético-políticos decorrentes das transformações científicas e tecnológicas no mundo contemporâneo e seus desdobramentos nas atitudes e nos valores de indivíduos, grupos sociais, sociedades e culturas.

As atividades propostas nas quatro aulas deste e-book foram cuidadosamente elaboradas para desenvolver estas habilidades, permitindo que os estudantes compreendam criticamente as transformações sociais, culturais e tecnológicas da sociedade contemporânea, analisem seus impactos na construção da subjetividade e nas relações de trabalho, e desenvolvam estratégias para lidar com os desafios da era digital.

Ao articular o pensamento de Byung-Chul Han com as habilidades da BNCC, buscamos oferecer uma abordagem filosófica contemporânea e relevante, que dialogue diretamente com as experiências cotidianas dos estudantes e os ajude a desenvolver um olhar crítico sobre seu próprio contexto social e educacional.

Aula 1: A Sociedade do Cansaço e seus Impactos na Educação

Orientações para o Professor

Objetivos da Aula:

- Apresentar aos estudantes o conceito de "sociedade do cansaço" desenvolvido por Byung-Chul Han;
- Relacionar esse conceito com experiências cotidianas dos estudantes no ambiente escolar;
- Refletir sobre as novas formas de adoecimento psíquico na sociedade contemporânea;
- Desenvolver uma compreensão crítica sobre a lógica do desempenho na educação.

Preparação:

Antes da aula, recomenda-se a leitura do capítulo "Sociedade do Desempenho" do livro "Sociedade do Cansaço" (2015). Organize a sala em círculo para facilitar o diálogo. Verifique se o equipamento para projeção de vídeo está funcionando adequadamente. Caso necessite, imprima cópias do texto para os estudantes.

Desenvolvimento da Aula:

1. **Introdução (10 minutos):** Inicie a aula com uma breve apresentação sobre Byung-Chul Han e a relevância de seu pensamento para compreender a sociedade contemporânea. Mencione sua trajetória como filósofo e seus principais conceitos.
2. **Dinâmica Inicial (15 minutos):** Solicite aos estudantes que compartilhem sua rotina diária, destacando especialmente suas atividades escolares e o uso de tecnologias digitais. Peça que identifiquem momentos de cansaço, pressão por desempenho e multitarefas.
3. **Apresentação do Conceito (15 minutos):** Explique o conceito de "sociedade do cansaço", destacando a transição da sociedade disciplinar para a sociedade do desempenho. Utilize exemplos do cotidiano escolar e das relações com as tecnologias digitais.
4. **Atividade em Grupos (20 minutos):** Divida a turma em pequenos grupos e distribua as perguntas para discussão presentes no material do aluno. Circule entre os grupos para orientar as discussões.

Avaliação:

Observe a participação dos estudantes nas discussões e a capacidade de relacionar os conceitos apresentados com suas experiências cotidianas. A produção do diário reflexivo servirá como instrumento de avaliação continuada ao longo das quatro aulas.

Aula 1: Material para os Alunos

A Sociedade do Cansaço: Por Que Estamos Sempre Cansados?

Você já parou para pensar por que, mesmo com tantas tecnologias que supostamente facilitam nossa vida, nos sentimos cada vez mais cansados, ansiosos e sobrecarregados? Por que parece que nunca temos tempo suficiente, mesmo estando conectados 24 horas por dia? Por que a sensação de que sempre poderíamos estar fazendo mais, ser mais produtivos, estar mais "antenados"?

O filósofo Byung-Chul Han, nascido na Coreia do Sul e professor na Alemanha, tem uma explicação interessante para esse fenômeno. Segundo ele, vivemos hoje em uma "sociedade do cansaço", marcada não pela proibição ou pela disciplina imposta de fora, mas pelo imperativo interno do "poder fazer". Não é mais um chefe autoritário que nos obriga a trabalhar até a exaustão, mas nós mesmos que nos cobramos constantemente por mais desempenho, mais produtividade, mais sucesso.

A sociedade do desempenho está totalmente dominada pelo verbo modal poder, em contraposição à sociedade da disciplina, que profere proibições e conjuga o verbo dever. [...] O apelo à motivação, à iniciativa e ao projeto é muito mais efetivo do que o chicote ou as ordens. Como empreendedor de si mesmo, o sujeito de desempenho é livre, na medida em que não está submisso a outras pessoas que lhe dão ordens e o exploram; mas realmente livre ele não é, pois ele explora a si mesmo e quicá por decisão pessoal (Han, 2017, p. 22).

Na escola, essa lógica se manifesta de várias formas: a pressão constante por notas altas, a competição por vagas nas universidades, a sensação de que nunca estamos estudando o suficiente, a ansiedade diante das avaliações, e até mesmo a dificuldade de desconectar do celular e das redes sociais para se concentrar nos estudos.

Han observa que essa sociedade do desempenho gera um tipo específico de cansaço, diferente do simples cansaço físico. É um cansaço que ele chama de "esgotamento da alma", que se manifesta em problemas como depressão, síndrome de burnout, transtornos de ansiedade e déficit de atenção. São doenças típicas de uma sociedade que perdeu a capacidade de dizer "não", de estabelecer limites, de valorizar momentos de descanso e contemplação.

Ao longo desta aula, vamos refletir sobre como esses conceitos se aplicam à nossa vida como estudantes e como podemos desenvolver uma relação mais saudável com o tempo, o desempenho e as tecnologias digitais.

Aula 1: Atividades Propostas

Atividade 1: Mapeando o Cansaço

Em pequenos grupos, discutam as seguintes questões:

1. Quais são as principais fontes de cansaço e estresse em sua vida escolar?
2. Como as tecnologias digitais (celular, redes sociais, aplicativos) influenciam sua capacidade de concentração e seu bem-estar?
3. Você já se sentiu pressionado a estar sempre produtivo, mesmo nos momentos de descanso? Como isso afeta sua saúde mental?
4. Que estratégias você utiliza para lidar com a pressão por desempenho e com o excesso de estímulos digitais?

Após a discussão, cada grupo compartilhará suas reflexões com a turma.

Atividade 2: Diário Reflexivo

Ao longo das quatro aulas deste módulo, você manterá um diário reflexivo onde registrará suas impressões, questionamentos e insights sobre os temas discutidos. Hoje, após a aula, escreva uma reflexão de pelo menos uma página sobre como o conceito de "sociedade do cansaço" se relaciona com sua experiência pessoal como estudante. Considere questões como:

- Que pressões por desempenho você enfrenta no seu dia a dia?
- Como você lida com as expectativas (suas e dos outros) em relação ao seu sucesso acadêmico?
- Quais são seus momentos de descanso e contemplação? Eles são suficientes?

Este diário pode ser mantido em formato digital (usando plataformas como Google Docs ou aplicativos de anotações) ou em papel, conforme sua preferência.

Atividade 3: Experimento "Detox Digital"

Proponha-se a fazer um pequeno "detox digital" durante 24 horas antes da próxima aula. Esse detox não precisa ser completo, mas deve incluir:

- Desligar as notificações do celular durante os períodos de estudo
- Estabelecer horários específicos para checar redes sociais, em vez de fazê-lo constantemente
- Dedicar pelo menos 30 minutos do seu dia a uma atividade sem nenhuma tela (leitura de um livro físico, caminhada, conversa presencial com amigos ou familiares, etc.)

Na próxima aula, você compartilhará sua experiência com os colegas.

Aula 2: Psicopolítica e as Novas Formas de Controle

Orientações para o Professor

Objetivos da Aula:

- Apresentar o conceito de "psicopolítica" desenvolvido por Byung-Chul Han;
- Discutir as novas formas de poder e controle na era digital;
- Analisar criticamente o papel dos algoritmos e do Big Data na conformação de comportamentos;
- Refletir sobre as possibilidades de resistência e liberdade no contexto atual.

Preparação:

Antes da aula, recomenda-se a leitura do livro "Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder" (2014), especialmente os capítulos "Big Data" e "Psicopolítica". Prepare a sala para a exibição do vídeo sugerido e, se possível, organize-a em formato de semicírculo para facilitar o debate após a exibição.



Desenvolvimento da Aula:

1. **Retomada da Aula Anterior (10 minutos):** Inicie pedindo que alguns estudantes compartilhem suas experiências com o "detox digital" proposto na aula anterior. Discuta as dificuldades encontradas e os insights obtidos.
2. **Apresentação do Conceito de Psicopolítica (15 minutos):** Explique o conceito de psicopolítica, destacando a transição do modelo disciplinar de controle (fábricas, prisões, escolas) para um modelo psicopolítico baseado na sedução, no estímulo e na auto-otimização. Utilize exemplos relacionados ao uso de redes sociais e plataformas digitais.
3. **Exibição de Vídeo (10 minutos):** Apresente um trecho do documentário "O Dilema das Redes" (Netflix) ou "Privacidade Hackeada" (Netflix), que abordam a manipulação algorítmica e a economia da atenção.
4. **Discussão Orientada (15 minutos):** Conduza uma discussão sobre o vídeo, relacionando-o aos conceitos de Han. Utilize as perguntas sugeridas no material do aluno para guiar o debate.
5. **Atividade Prática (10 minutos):** Oriente os estudantes na realização da atividade "Decifrando Algoritmos", presente no material do aluno.

Avaliação:

Observe a participação dos estudantes nas discussões e a capacidade de relacionar os conceitos apresentados com suas experiências cotidianas com tecnologias digitais. A análise crítica das recomendações algorítmicas servirá como instrumento complementar de avaliação.

Recursos Adicionais:

- Aplicativo: "Calm" (Google e Apple) para auxílio no sono e ansiedade.
- Website: PrivacyTools.io/br - ferramentas e dicas para proteger a privacidade digital

Aula 2: Material para os Alunos

Psicopolítica: Como Somos Controlados na Era Digital

Na aula anterior, discutimos como a sociedade do desempenho nos leva a um estado de autoexploração e cansaço constante. Hoje, vamos avançar nessa reflexão, analisando como as tecnologias digitais têm criado novas formas de poder e controle sobre nossas vidas, nossos desejos e nossas escolhas.

Byung-Chul Han desenvolveu o conceito de "psicopolítica" para descrever essas novas formas de dominação. Segundo ele, diferentemente do poder disciplinar analisado por Michel Foucault (que se exercia sobre o corpo através de instituições como escolas, prisões e hospitais), o poder psicopolítico age sobre a psique, através da sedução, do estímulo e da recompensa.

"A psicopolítica neoliberal inventa formas de exploração cada vez mais refinadas. Inúmeros workshops de gestão pessoal, fins de semana motivacionais, seminários de desenvolvimento pessoal e treinamentos de inteligência emocional prometem a otimização pessoal e o aumento da eficiência sem limites. (...) O imperativo neoliberal de otimização pessoal serve apenas a um funcionamento perfeito do sistema. Bloqueios, debilidades e erros devem ser removidos terapeuticamente para melhorar a eficiência e o desempenho." (Han, 2018b, p. 45).

Um elemento central dessa psicopolítica é o Big Data - a coleta e análise massiva de dados sobre nossos comportamentos online. Quando usamos redes sociais, mecanismos de busca, aplicativos de streaming ou de compras, cada clique, cada pesquisa, cada curtida é registrada e analisada por algoritmos que criam perfis detalhados sobre nossas preferências, desejos e padrões de comportamento.

Han sugere que o Big Data cria uma forma de "vigilância digital" que é muito mais eficiente que os antigos métodos de vigilância, porque não é percebida como opressiva - pelo contrário, oferece conveniência, personalização e satisfação imediata de desejos. Os algoritmos "conhecem" nossos desejos antes mesmo que tenhamos consciência deles, e os estimulam através de recomendações personalizadas (de produtos, conteúdos, relacionamentos, etc.).

Nesse cenário, a liberdade torna-se problemática: acreditamos estar fazendo escolhas livres, mas essas escolhas são cada vez mais moldadas e previsíveis. A questão que Han nos coloca é: como preservar uma autêntica liberdade em um mundo onde nossas decisões são cada vez mais guiadas por algoritmos invisíveis?

Aula 2: Atividades Propostas



Atividade 1: Decifrando Algoritmos

Analise as recomendações que você recebe nas plataformas digitais que utiliza (YouTube, Instagram, TikTok, Netflix, Spotify, etc.). Em seu caderno, responda:

- Que padrões você consegue identificar nessas recomendações?
- Há algum tipo de conteúdo que os algoritmos parecem "insistir" em mostrar para você?
- Você já se surpreendeu com a precisão de alguma recomendação?
- Quais dados sobre você essas plataformas estão coletando para fazer estas recomendações?

Compartilhe suas observações com a turma.



Atividade 2: Debate - O Dilema das Redes

Após assistir ao trecho do documentário, discuta com seus colegas:

1. Como as redes sociais e aplicativos são projetados para "capturar" nossa atenção?
2. De que forma nossos dados são transformados em produtos?
3. Qual é a relação entre o tempo que passamos online e a rentabilidade dessas plataformas?
4. É possível usar essas tecnologias de forma consciente e não manipulada? Como?



Atividade 3: Continuação do Diário Reflexivo

Em seu diário reflexivo, escreva sobre sua relação com as tecnologias digitais:

- Como você se sente ao tomar consciência dos mecanismos de coleta de dados e manipulação algorítmica?
- Você consegue identificar momentos em que suas escolhas foram influenciadas por algoritmos?
- Que estratégias você poderia adotar para ter uma relação mais consciente com as tecnologias digitais?



Atividade 4: Projeto de Mídia Social Alternativa

Em grupos, imaginem uma rede social que não fosse baseada na captura de atenção e na coleta de dados. Como ela funcionaria? Que valores ela promoveria? Que tipo de interações ela incentivaria? Preparem uma breve apresentação sobre essa rede social alternativa para compartilhar na próxima aula.

Aula 3: O Eu e o Outro na Era Digital

Orientações para o Professor

Objetivos da Aula:

- Discutir as transformações nas relações intersubjetivas na era digital;
- Apresentar a crítica de Han à erosão da alteridade e ao narcisismo digital;
- Analisar as diferenças entre comunicação presencial e comunicação mediada por tecnologias;
- Refletir sobre possibilidades de resgatar a experiência autêntica do encontro com o outro.

Preparação:

Antes da aula, recomenda-se a leitura dos livros "Agonia do Eros" (2012) e "No Enxame" (2013), especialmente os capítulos que tratam das relações interpessoais na era digital. Organize a sala de forma a facilitar a atividade em duplas prevista para esta aula. Se possível, distribua cópias impressas do texto para os alunos.

Desenvolvimento da Aula:

1. **Retomada da Aula Anterior (10 minutos):** Peça que alguns grupos apresentem brevemente suas propostas de mídia social alternativa desenvolvidas como atividade da aula anterior. Comente as apresentações, destacando as preocupações éticas e os valores subjacentes a cada proposta.
2. **Apresentação do Tema (15 minutos):** Introduza a reflexão de Han sobre as transformações nas relações intersubjetivas na era digital. Aborde conceitos como o "inferno do igual", a erosão da alteridade e o narcisismo digital. Utilize exemplos relacionados ao uso de redes sociais pelos jovens.
3. **Leitura Compartilhada (10 minutos):** Realize a leitura compartilhada do texto "O Outro que Desaparece", presente no material do aluno. Esclareça dúvidas sobre conceitos e terminologias.
4. **Atividade em Duplas (15 minutos):** Oriente os estudantes na realização da atividade "Diálogo sem Telas", conforme descrito no material do aluno.
5. **Discussão Final (10 minutos):** Promova uma reflexão coletiva sobre a experiência da atividade em duplas. Pergunte aos estudantes como se sentiram ao conversar olhando nos olhos do colega, sem a mediação de telas. Relacione suas impressões com os conceitos de Han.

Avaliação:

Observe a participação dos estudantes nas discussões e a capacidade de estabelecer diálogos significativos durante a atividade em duplas. A continuação do diário reflexivo servirá como instrumento complementar de avaliação.

Aula 3: Material para os Alunos

O Outro que Desaparece: Relações Humanas na Era Digital

Nas aulas anteriores, discutimos como a sociedade do desempenho nos leva à autoexploração e ao cansaço, e como as tecnologias digitais criam novas formas de controle através da psicopolítica. Hoje, vamos refletir sobre outro aspecto fundamental da análise de Byung-Chul Han: as transformações nas relações humanas na era digital.

No livro "Agonia do Eros", Han argumenta que estamos vivendo uma crise da alteridade – ou seja, uma crise na nossa capacidade de encontrar e relacionar-nos autenticamente com o outro em sua diferença. Segundo ele, a cultura digital promove o que chama de "inferno do igual" – um mundo onde buscamos constantemente o semelhante, o familiar, o que confirma nossas próprias crenças e desejos.

"O inferno transparente do igual não é livre de angústia. Angustiante é, justamente, o cada vez mais forte murmúrio do igual". A Expulsão Do Outro: Sociedade, percepção e comunicação hoje. p. 63. Relógio D'Água, 2018.



Nas redes sociais, por exemplo, tendemos a nos cercar de pessoas que pensam como nós, que compartilham nossos valores e visões de mundo. Os algoritmos reforçam essa tendência, mostrando-nos conteúdos cada vez mais alinhados com nossas preferências já estabelecidas. Isso cria o que alguns pesquisadores chamam de "bolhas de filtro" ou "câmaras de eco", onde somos cada vez menos expostos à diferença, à contradição, ao verdadeiramente outro.

Além disso, Han observa que a comunicação digital transforma profundamente a natureza de nossas interações. Em uma conversa presencial, estamos expostos à presença física do outro, com toda sua complexidade, imprevisibilidade e alteridade. Já nas interações digitais, tendemos a projetar no outro nossas próprias expectativas e desejos, reduzindo-o a uma extensão de nós mesmos.

Isso gera o que Han chama de "narcisismo digital" – uma tendência a usar o outro como espelho para nossa própria imagem, em vez de encontrá-lo em sua diferença. Nas redes sociais, muitas vezes não buscamos realmente conhecer o outro, mas sim obter validação, curtidas, comentários que reforcem nossa autoimagem.

Han não propõe abandonar as tecnologias digitais, mas sim desenvolver uma consciência crítica sobre como elas transformam nossas relações, e buscar ativamente experiências de encontro autêntico com a alteridade – momentos em que nos permitimos ser transformados pelo outro, em vez de apenas confirmarmos o que já somos.

Aula 3: Atividades Propostas



Atividade 1: Diálogo sem Telas

Em duplas, sente-se de frente para um colega e mantenha uma conversa de 5 minutos sobre um tema de interesse mútuo. As regras são simples:

- Mantenha contato visual durante a conversa
- Escute atentamente enquanto o outro fala, sem interromper
- Responda ao que foi dito, sem mudar completamente de assunto
- Não use o celular ou qualquer outra tela durante a conversa

Após a conversa, reflita: Como você se sentiu durante essa interação? Foi diferente das conversas que você costuma ter por mensagens ou redes sociais? Você descobriu algo novo sobre seu colega?



Atividade 2: Mapeando sua Bolha Digital

Faça uma análise crítica do seu feed em uma rede social de sua escolha:

- Que tipo de conteúdo aparece com mais frequência?
- Quanta diversidade de opiniões, culturas e perspectivas você encontra?
- Identifique pelo menos três contas ou pessoas que você segue e que apresentam visões diferentes das suas
- Caso não encontre essa diversidade, pesquise e siga pelo menos três novas contas que apresentem perspectivas diferentes das suas (sobre política, cultura, estilo de vida, etc.)



Atividade 3: Continuação do Diário Reflexivo

Em seu diário reflexivo, escreva sobre suas experiências de conexão e desconexão na era digital:

- Você já sentiu solidão mesmo estando "conectado" nas redes sociais?
- Que diferenças você percebe entre suas amizades "online" e "offline"?
- Como você avalia a profundidade das suas interações digitais?
- Há alguma prática ou hábito que você poderia adotar para tornar suas relações digitais mais autênticas e significativas?

Projeto Coletivo: "Recuperando o Outro"

Em grupos de 4-5 estudantes, criem uma proposta de intervenção na escola que promova encontros presenciais significativos entre os estudantes. Pode ser um clube de leitura, um grupo de debate, uma atividade artística colaborativa, ou qualquer outra iniciativa que promova o encontro autêntico com a alteridade. O projeto deve incluir:

- Nome da iniciativa
- Objetivo principal
- Público-alvo
- Descrição das atividades
- Recursos necessários
- Cronograma inicial

Na próxima aula, cada grupo apresentará brevemente sua proposta.

Recursos Online:

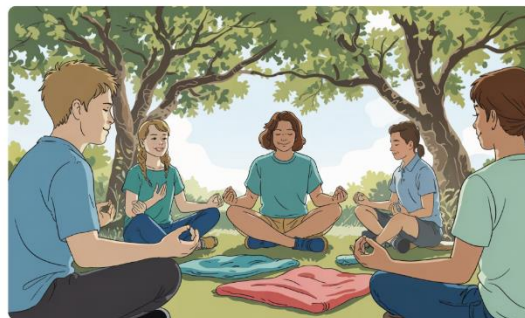
- [TED Talk: "Conectados, mas então?" - Sherry Turkle](#)
- AllSides: site que apresenta notícias de diferentes perspectivas políticas

Aula 4: Tempo Contemplativo e Autonomia na Educação

Orientações para o Professor

Objetivos da Aula:

- Discutir a importância do tempo contemplativo na educação;
- Apresentar a crítica de Han à aceleração e fragmentação do tempo;
- Explorar práticas pedagógicas que valorizem a atenção profunda e a autonomia;
- Refletir sobre possibilidades de resistência à lógica da produtividade incessante no ambiente escolar.



Preparação:

Antes da aula, recomenda-se a leitura do livro "O Aroma do Tempo: Um Ensaio Filosófico sobre a Arte da Demora" (2016). Organize a sala de forma a facilitar tanto a apresentação dos projetos quanto a atividade contemplativa prevista para esta aula. Se possível, escolha um ambiente tranquilo, de preferência ao ar livre.

Desenvolvimento da Aula:

1. **Retomada da Aula Anterior (15 minutos):** Peça que cada grupo apresente brevemente (2-3 minutos) sua proposta de intervenção desenvolvida como atividade da aula anterior. Comente as apresentações, destacando os valores e objetivos de cada projeto.
2. **Apresentação do Tema (10 minutos):** Introduza a reflexão de Han sobre o tempo na sociedade contemporânea, abordando conceitos como "tempo atomizado", "hiperatenção" versus "atenção profunda", e a importância da contemplação. Relacione essas reflexões com o contexto educacional.
3. **Prática Contemplativa (10 minutos):** Conduza uma breve experiência de contemplação, conforme descrito na atividade 1 do material do aluno. Oriente os estudantes sobre a postura e a atitude adequadas.

4. **Reflexão Compartilhada (10 minutos):** Promova uma discussão sobre a experiência contemplativa. Pergunte aos estudantes como se sentiram durante a prática, que dificuldades encontraram, que insights tiveram.

5. **Atividade de Fechamento (15 minutos):** Oriente os estudantes na realização da atividade "Carta ao Eu do Futuro", conforme descrito no material do aluno.

Avaliação:

Solicite a entrega do diário reflexivo completo, com as reflexões das quatro aulas. Avalie a profundidade das reflexões, a capacidade de relacionar os conceitos com experiências pessoais, e a evolução do pensamento crítico ao longo do processo.

Recursos Adicionais:

- Aplicativo: "Insight Timer" - oferece meditações guiadas gratuitas, incluindo algumas específicas para adolescentes
- Livro: KABAT-ZINN, Jon. "Mindfulness para Iniciantes" - uma introdução acessível à prática da atenção plena

Aula 4: Material para os Alunos

Tempo Contemplativo: Recuperando a Atenção Profunda

Nas aulas anteriores, exploramos vários aspectos do pensamento de Byung-Chul Han: a sociedade do cansaço e a autoexploração, a psicopolítica e o controle digital, e a crise da alteridade nas relações humanas contemporâneas. Hoje, encerramos nosso percurso abordando uma questão fundamental que perpassa todas as outras: nossa relação com o tempo.

No livro "O Aroma do Tempo", Han analisa como nossa percepção do tempo mudou radicalmente na sociedade contemporânea. Segundo ele, vivemos hoje uma "dissincronização" temporal – o tempo perdeu sua estrutura narrativa, sua continuidade e direção, tornando-se uma sucessão de "agoras" desconectados. Essa fragmentação se manifesta em vários aspectos de nossa vida:

- Na multitarefa constante, que nos faz saltar de uma atividade para outra sem aprofundamento;
- No consumo acelerado de informações e conteúdos, sem tempo para processá-los adequadamente;
- Na dificuldade de concentração prolongada em uma única tarefa;
- Na sensação de que o tempo "passa cada vez mais rápido", mesmo quando estamos ocupados o tempo todo.

"A vida contemporânea está se tornando cada vez mais pobre em experiência narrativa, enquanto está se enriquecendo de vivência de acontecimentos. [...] A narrativa caracteriza-se por uma organização e uma ordem temporais específicas, através das quais os acontecimentos, as vivências e as ações dispersos formam uma configuração que faz sentido." (HAN, Byung-Chul. O Aroma do Tempo: Um Ensaio Filosófico sobre a Arte da Demora. Petrópolis: Vozes, 2016, p. 32)

Han contrasta dois tipos de atenção: a "hiperatenção" e a "atenção profunda". A hiperatenção é multifocal, passando rapidamente de um estímulo a outro, constantemente à procura de novas informações e excitações. Já a atenção profunda permite a imersão contemplativa em um objeto, situação ou pessoa, criando a possibilidade de uma experiência significativa e transformadora.

No contexto educacional, essa discussão é especialmente relevante. A escola contemporânea muitas vezes reproduz a lógica da aceleração e da produtividade incessante, com currículos sobrecarregados, avaliações constantes e pouco espaço para a contemplação e o pensamento autônomo. Como resultado, muitos estudantes desenvolvem uma relação instrumental com o conhecimento, buscando apenas resultados imediatos (notas, aprovações) sem uma verdadeira apropriação do saber.

Nesta aula, exploraremos formas de recuperar o tempo contemplativo na educação, desenvolvendo a capacidade de atenção profunda e criando espaços para uma relação mais significativa com o conhecimento e com os outros.

Aula 4: Atividades Propostas



Atividade 1: Prática Contemplativa

Experimente uma breve prática de atenção plena:

1. Sente-se confortavelmente, com a coluna ereta
2. Feche os olhos ou mantenha-os suavemente abertos, fixando o olhar em um ponto à sua frente
3. Concentre-se na sensação da sua respiração, observando o ar entrando e saindo pelo nariz
4. Quando perceber que sua mente vagou para outro lugar (pensamentos, preocupações, planos), gentilmente retorne a atenção para a respiração
5. Continue por 5 minutos

Após a prática, reflita: Como foi a experiência? Que dificuldades você encontrou? Que sensações surgiram?



Atividade 2: Leitura Contemplativa

Escolha um parágrafo do texto desta aula ou de qualquer outro texto que você goste. Leia-o três vezes, cada vez mais lentamente:

1. Primeira leitura: apenas para compreender o conteúdo geral
2. Segunda leitura: prestando atenção em cada palavra, buscando compreender mais profundamente
3. Terceira leitura: muito lentamente, saboreando cada palavra, permitindo que as ideias reverberem em você

Após a leitura, escreva livremente por 3 minutos sobre as ideias, sensações ou questões que surgiram durante a experiência.



Atividade 3: Carta ao Eu do Futuro

Escreva uma carta para você mesmo, para ser lida daqui a um ano. Na carta, reflita sobre:

- O que você aprendeu nessas quatro aulas sobre a sociedade do cansaço
- Que mudanças você gostaria de fazer na sua relação com o tempo, o desempenho e as tecnologias digitais
- Que tipo de relações humanas você quer cultivar
- Que experiências você deseja priorizar no próximo ano

Coloque a carta em um envelope, lacre-o e entregue ao professor, que se comprometerá a devolvê-la a você daqui a um ano.



Atividade 4: Finalização do Diário Reflexivo

Complete seu diário reflexivo com uma síntese das quatro aulas e uma reflexão final sobre como as ideias de Byung-Chul Han podem orientar uma relação mais consciente e autônoma com:

- Seu processo de aprendizagem
- As tecnologias digitais
- Seus relacionamentos
- Seu tempo e sua atenção

Entregue o diário completo ao professor para avaliação.

Orientações Gerais para o Professor

Este e-book foi desenvolvido para proporcionar uma introdução acessível ao pensamento de Byung-Chul Han para estudantes do Ensino Médio, articulando suas reflexões filosóficas com a realidade educacional brasileira e com habilidades específicas da BNCC. Aqui, oferecemos algumas orientações gerais para a aplicação do material:



Público-Alvo

O material foi pensado para estudantes do Ensino Médio de escolas públicas brasileiras, principalmente das 2ª e 3ª séries, que já possuam certa maturidade para refletir sobre questões filosóficas contemporâneas. As atividades podem ser adaptadas de acordo com as características específicas de cada turma.

Cronograma

O e-book está estruturado em quatro aulas de 60 minutos cada, idealmente realizadas em sequência, com intervalo de uma semana entre cada aula para permitir a realização das atividades propostas. Sugerimos a seguinte distribuição:

- Semana 1: Aula 1 - A Sociedade do Cansaço e seus Impactos na Educação
- Semana 2: Aula 2 - Psicopolítica e as Novas Formas de Controle
- Semana 3: Aula 3 - O Eu e o Outro na Era Digital
- Semana 4: Aula 4 - Tempo Contemplativo e Autonomia na Educação

Avaliação

Sugerimos uma avaliação processual, baseada principalmente no diário reflexivo produzido pelos estudantes ao longo das quatro aulas. Critérios sugeridos para avaliação:

- Profundidade das reflexões e capacidade de relacionar os conceitos com experiências pessoais;
- Evolução do pensamento crítico ao longo do percurso;
- Participação nas discussões e atividades em sala;
- Originalidade e pertinência das propostas apresentadas nas atividades coletivas.

Interdisciplinaridade

O material dialoga fortemente com as áreas de Filosofia, Sociologia e Língua Portuguesa, mas pode ser trabalhado de forma interdisciplinar com outras disciplinas:

- Com História, explorando as transformações nas formas de trabalho e nas relações sociais;
- Com Artes, desenvolvendo projetos artísticos que expressem as reflexões sobre tempo, atenção e alteridade;
- Com Matemática, analisando dados sobre uso de tecnologias digitais e seus impactos na saúde mental;
- Com Biologia, discutindo as bases neurológicas da atenção e os efeitos do estresse na saúde.

Encorajamos os professores a adaptarem este material de acordo com a realidade específica de suas escolas e estudantes, aprofundando aspectos que sejam mais relevantes para cada contexto.

Adaptações e Sugestões Complementares

Para Estudantes com Deficiência

O material pode e deve ser adaptado para garantir a inclusão de todos os estudantes:

- Para estudantes com deficiência visual: forneça material em áudio ou em formato compatível com leitores de tela; nas atividades contemplativas, favoreça a atenção aos sons e sensações táteis;
- Para estudantes com deficiência auditiva: garanta a presença de intérprete de LIBRAS; utilize mais recursos visuais; forneça transcrições dos vídeos indicados;
- Para estudantes com TDAH ou outros transtornos de aprendizagem: divida as atividades em etapas menores; ofereça tempo adicional para a realização das tarefas; permita movimentação durante as aulas.

Ampliando o Repertório

Caso haja interesse e disponibilidade, considere:

- Organizar um clube de leitura com obras de Han ou de outros filósofos contemporâneos que dialoguem com suas ideias;
- Promover um ciclo de debates ou palestras com convidados especialistas em filosofia contemporânea, tecnologia ou saúde mental;
- Desenvolver um projeto interdisciplinar que resulte em uma intervenção concreta na escola, como a criação de um "espaço de desconpressão" ou de práticas regulares de atenção plena.

Envolvendo a Comunidade

As reflexões propostas podem ser expandidas para além da sala de aula:

- Organize uma roda de conversa com pais e responsáveis sobre tecnologia, saúde mental e educação;
- Promova uma feira de projetos onde os estudantes possam compartilhar suas reflexões e propostas com a comunidade escolar;
- Articule parcerias com universidades, centros culturais ou outras instituições que possam contribuir com o aprofundamento das discussões.

É importante lembrar que os conceitos de Byung-Chul Han, embora complexos, dialogam diretamente com experiências cotidianas dos adolescentes contemporâneos. Busque sempre estabelecer essas conexões, valorizando os saberes prévios dos estudantes e suas próprias análises críticas sobre a realidade em que vivem.

Ao mesmo tempo, é fundamental criar um ambiente seguro e acolhedor para as discussões, especialmente quando abordamos temas como saúde mental, pressão por desempenho e relações nas redes sociais. Alguns estudantes podem se sentir particularmente tocados por esses temas, e é importante estar atento a sinais de desconforto ou angústia, oferecendo apoio ou encaminhamento quando necessário.

Por fim, lembre-se que o objetivo maior deste material não é apenas apresentar teorias filosóficas, mas fomentar o desenvolvimento de um pensamento crítico autônomo e de práticas concretas que permitam aos estudantes navegarem de forma mais consciente e saudável pela complexidade da sociedade contemporânea.

Recursos Complementares



Bibliografia Básica

- HAN, Byung-Chul. Sociedade do Cansaço. Petrópolis: Vozes, 2015.
- HAN, Byung-Chul. Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Belo Horizonte: Âyiné, 2018.
- HAN, Byung-Chul. Agonia do Eros. Petrópolis: Vozes, 2017.
- HAN, Byung-Chul. No Enxame: perspectivas do digital. Petrópolis: Vozes, 2018.
- HAN, Byung-Chul. O Aroma do Tempo: Um Ensaio Filosófico sobre a Arte da Demora. Petrópolis: Vozes, 2016.



Recursos Audiovisuais

- Documentário: "O Dilema das Redes" (Netflix, 2020)
- Documentário: "Privacidade Hackeada" (Netflix, 2019)
- Canal do YouTube: "Café Filosófico CPFL" - diversos episódios sobre temas contemporâneos
- Podcast "Filosofia Pop" - episódios sobre filosofia contemporânea
- TED Talk: "Como a tecnologia está redesenhando nosso futuro" - Juan Enriquez
- Série: "Black Mirror" (Netflix) - especialmente os episódios "Nosedive" e "Smithereens"



Aplicativos e Ferramentas

- Forest: app que ajuda a manter o foco, plantando árvores virtuais (e reais) enquanto você não usa o celular
- Headspace: meditações guiadas para diferentes objetivos
- Calm (Google) (Apple): ferramentas para monitorar e gerenciar o uso do smartphone
- Insight Timer: meditações gratuitas, incluindo algumas específicas para adolescentes
- StayFocusd: extensão para Chrome que limita o tempo em sites distrativos
- Pomodoro Tracker: ferramenta baseada na técnica Pomodoro para gestão de tempo e foco

Estes recursos são sugestões iniciais que podem ser complementadas de acordo com os interesses específicos dos estudantes e as possibilidades de cada contexto escolar. Recomenda-se que o professor avalie previamente os conteúdos, especialmente os audiovisuais, para garantir sua adequação à faixa etária e aos objetivos pedagógicos.

Glossário: Conceitos Fundamentais de Byung-Chul Han



Sociedade do Cansaço

Sociedade contemporânea marcada pelo imperativo do desempenho e autoexploração voluntária. Opera pela positividade do "poder fazer", diferentemente da sociedade disciplinar de Foucault, levando à exaustão psíquica e novas formas de adoecimento mental.



Psicopolítica

Forma de poder do neoliberalismo digital que opera pela sedução e estímulo constante. Explora a psique e dados produzidos voluntariamente pelos indivíduos, funcionando como um "panóptico digital" aparentemente não-coercitivo.



Inferno do Igual

Sociedade que elimina toda alteridade em favor da positividade excessiva. Um mundo sem surpresas, onde buscamos apenas confirmar nossas próprias opiniões e identidades, levando ao empobrecimento da experiência e à crise da alteridade.



Hiperatenção vs. Atenção Profunda

Dois modos de atenção: hiperatenção digital (mudanças rápidas de foco, baixa tolerância ao tédio) versus atenção profunda (imersão contemplativa). A predominância da primeira compromete nossa capacidade de contemplação e reflexão.



Transparência

A ideologia da transparência total como forma de violência e controle. Elimina a ambiguidade e o segredo necessários à experiência humana autêntica. Sociedade onde tudo deve ser visível, mensurável e otimizável, sem espaço para o mistério.



Vita Contemplativa

Em contraste com a vita activa da sociedade do desempenho, Han resgata o valor da contemplação e reflexão filosófica. Recuperar essa capacidade é essencial para resistir à aceleração constante e à instrumentalização da vida.

Estes conceitos estão profundamente interligados na obra de Han, formando uma análise coerente da condição humana na era digital e neoliberal. Compreendê-los é fundamental para desenvolver uma reflexão crítica sobre os desafios da educação contemporânea.

Considerações Finais

Ao longo deste e-book, exploramos diversos aspectos do pensamento de Byung-Chul Han e suas implicações para a educação contemporânea. Partimos da análise da "sociedade do cansaço", com sua lógica de autoexploração e desempenho incessante, passamos pela compreensão das novas formas de poder psicopolítico exercidas através das tecnologias digitais, refletimos sobre a crise da alteridade e o "inferno do igual" nas relações humanas mediadas pelas redes sociais, e finalmente exploramos a importância do tempo contemplativo e da atenção profunda para uma educação significativa e emancipadora.

Esse percurso não pretendeu demonizar as tecnologias digitais ou propor um retorno nostálgico a um passado idealizado. Pelo contrário, buscou desenvolver uma consciência crítica sobre as transformações em curso, permitindo aos estudantes e educadores navegarem de forma mais autônoma e consciente pelo cenário complexo da educação no século XXI.

As reflexões de Han nos convidam a repensar práticas educacionais que, muitas vezes inconscientemente, reproduzem a lógica da aceleração, da produtividade incessante e da superficialidade. Elas nos desafiam a criar espaços de desaceleração, contemplação e encontro autêntico com a alteridade dentro do ambiente escolar. Mais do que isso, nos convidam a reconhecer que a educação não se resume à aquisição instrumental de conhecimentos e habilidades voltadas para o mercado, mas deve proporcionar experiências significativas que permitam aos jovens desenvolverem uma relação mais plena consigo mesmos, com os outros e com o mundo.

"A pedagogia do ponto de vista não é possível sem o olhar contemplativo, sem a 'paciência do conceito' (Hegel). A formação pressupõe a capacidade de esperar. O ensino acelerado e intensificado impede a formação. Desta forma, surge uma crise da formação." (HAN, Byung-Chul. O Aroma do Tempo: Um Ensaio Filosófico sobre a Arte da Demora. Petrópolis: Vozes, 2016, p. 143)

Esperamos que as atividades propostas neste e-book possam contribuir para o desenvolvimento dessa "paciência do conceito" mencionada por Han, e que as reflexões suscitadas possam reverberar para além das quatro aulas aqui estruturadas, inspirando práticas pedagógicas mais conscientes, reflexivas e humanizadoras em nossas escolas.

Este material não pretende ser um ponto de chegada, mas um ponto de partida para o diálogo contínuo entre a filosofia contemporânea e a prática educativa. Convidamos todos os educadores que utilizarem este e-book a adaptá-lo, expandi-lo e transformá-lo de acordo com seus contextos específicos, contribuindo assim para a construção coletiva de uma educação à altura dos desafios do nosso tempo.

Referências Bibliográficas

Obras de Byung-Chul Han

- HAN, Byung-Chul. *Sociedade do Cansaço*. Petrópolis: Vozes, 2015.
- HAN, Byung-Chul. *Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. Belo Horizonte: Âyiné, 2018.
- HAN, Byung-Chul. *Agonia do Eros*. Petrópolis: Vozes, 2017.
- HAN, Byung-Chul. *No Enxame: perspectivas do digital*. Petrópolis: Vozes, 2018.
- HAN, Byung-Chul. *O Aroma do Tempo*. Petrópolis: Vozes, 2016.
- HAN, Byung-Chul. *Sociedade da Transparência*. Petrópolis: Vozes, 2017.

Obras Complementares

- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- CRARY, Jonathan. *24/7: Capitalismo Tardio e os Fins do Sono*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- HONORÉ, Carl. *Devagar*. Rio de Janeiro: Record, 2019.
- LIPOVETSKY, Gilles. *Os Tempos Hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla, 2004.
- TURKLE, Sherry. *Juntos mas Sós*. New York: Basic Books, 2011.

Documentos e Pesquisas

- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio*. Brasília: MEC, 2018.
- ANEQUIM, Victor. *O Aluno na Sociedade do Cansaço: Uma Proposta Pedagógico-Didática para os Alunos do Ensino Médio*. Dissertação (Mestrado). UFES, 2025.

Sobre o Autores

Victor Anequim Guimarães é Mestre em Filosofia pelo Programa de Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Licenciado em Filosofia, atua como professor da rede pública de ensino do Espírito Santo, lecionando para turmas do Ensino Médio.

Sua pesquisa de mestrado, intitulada "O Aluno na Sociedade do Cansaço: Uma Proposta Pedagógico-Didática para os Alunos do Ensino Médio", da qual este e-book é produto, investigou as contribuições do pensamento de Byung-Chul Han para a compreensão dos desafios enfrentados pelos estudantes na sociedade contemporânea, propondo práticas pedagógicas que valorizem o tempo contemplativo, a reflexão crítica e a autonomia.

Victor tem interesse especial pela interseção entre filosofia contemporânea, tecnologias digitais e educação, buscando desenvolver abordagens pedagógicas que ajudem os jovens a navegarem criticamente pelo cenário complexo da sociedade do século XXI.

Além da atuação docente, participa de grupos de estudo sobre filosofia da educação e tecnologias educacionais, e desenvolve projetos de desenvolvimento local em parceria com escolas do Espírito Santo e do Brasil.



Contato

E-mail: vanequim@gmail.com

Lattes:

<http://lattes.cnpq.br/4717570856850117>

Este e-book está disponível para download gratuito no repositório da UFES e pode ser utilizado livremente para fins educacionais, desde que citada a fonte.

Para sugestões, comentários ou relatos de experiências com a aplicação deste material, entre em contato com o autor através do e-mail indicado acima.

"A educação é, acima de tudo, uma forma de resistência - resistência à aceleração impensada, à superficialidade das relações, à instrumentalização do conhecimento. Educar é criar espaços onde seja possível desacelerar, contemplar, encontrar o outro em sua alteridade e, assim, encontrar a si mesmo."

Sobre o Autor

Filicio Mulinari e Silva é Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e Professor Efetivo do Instituto Federal do Espírito Santo (IFES). Sua pesquisa se concentra na filosofia da linguagem e filosofia da psicologia, com especial interesse na obra de Ludwig Wittgenstein e nos escritos sobre filosofia da psicologia, particularmente o conceito de "visão de aspecto".

Com vasta experiência acadêmica e docente, Mulinari é Membro Permanente do Mestrado Profissional em Filosofia (Prof-Filo/UFES) e coordenador do Grupo de Pesquisa "Filosofia, Ensino e Sociedade" (CNPq) desde 2017. Ele tem desenvolvido projetos que investigam metodologias de ensino de filosofia e a aplicação de conceitos wittgensteinianos à educação contemporânea.

Além de sua atuação na graduação e pós-graduação, Filicio Mulinari é um destacado divulgador científico, criador do canal "A Filosofia Explica" no YouTube com mais de 185.000 inscritos, e autor do quadro "Pensamento Cotidiano" na Rádio CBN Vitória. É defensor da democratização do conhecimento filosófico, buscando dialogar com diferentes públicos através de múltiplas plataformas para tornar a filosofia acessível e relevante para a sociedade contemporânea.



Contato

E-mail: fmulinari@ufes.br

Lattes:

<http://lattes.cnpq.br/2163193321069411>

Para mais informações sobre as publicações e linhas de pesquisa do Professor Mulinari, acesse seu perfil no Lattes ou entre em contato via e-mail.

"Em uma sociedade que clama por transparência e velocidade, o ato de educar se torna um convite à opacidade e à demora. É na contemplação, e não na hiperatividade, que se forjam mentes capazes de resistir ao esvaziamento e de construir sentido."